KARDEC ONTEM, AGORA, MAIS TARDE E SEMPRE

APONTAMENTOS PALPITANTES SOB A PERSPECTIVA ESPÍRITA

Jorge Hessen

2014

Data da publicação: 06 de dezembro de 2011

CAPA: Irmãos W.
REVISÃO: Irmãos W.
PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com
São Paulo/Capital
Brasil

Dedicatórias

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

*

> "O Espiritismo não descobriu nem inventou os Espíritos, como não descobriu o mundo espiritual, no qual se acreditou em todos os tempos; todavia, ele o prova por fatos materiais e o apresenta em sua verdadeira luz, desembarançando-o dos preconceitos e idéias supersticiosas, filhos da dúvida e da incredulidade."
>
> (Allan Kardec "O Codificador da Doutrina Espírita)

*

Fontes da consulta
A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas
http://jorgehessen.net/

E.mail de contacto do autor
jorgehessen@gmail.com

Índice

Apresentação do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consorciou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita"

do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médium" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)

Prefácio

O médium, que consagra todo o seu tempo ao público, no interesse da causa, não o pode fazer de graça, porque tem que viver. Mas, é no interesse da causa, ou no seu próprio, que ele o emprega? Não esqueçamos que os Espíritos são as almas dos mortos e que, quando a moral e a religião prescrevem como um dever que se lhes respeitem os restos mortais, maior é ainda a obrigação, para todos, de lhes respeitarem o Espírito. (1)

Que diriam daquele que, para ganhar dinheiro, tirasse um corpo do túmulo e o exibisse por ser esse corpo de natureza a provocar a curiosidade? Será menos desrespeitoso, do que exibir o corpo, exibir o Espírito, sob pretexto de que é curioso ver-se como age um Espírito? E note-se que o preço dos lugares será na razão direta do que ele faça e do atrativo do espetáculo. Certamente, embora houvesse sido um comediante em vida, ele não suspeitaria que, depois de morto, encontraria um empresário que, em seu proveito exclusivo, o fizesse representar de graça.

Kardec reconhece que a severidade para com os médiuns interesseiros revoltam todos os que exploram. Mas devemos nos consolar ao lembrarmos os vendilhões expulsos do templo por que Jesus não os viam com bons olhos. Temos igualmente contra nós os que não consideram a coisa com a mesma gravidade.

Os médiuns gananciosos (trapaceiros) são estigmatizados. Observemos seguinte carta que Kardec publicou R.E. do mês de agosto de 1861:

"Paris, 21 de julho de 1861.

"Senhor.

"Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos e de perfeito acordo sobre outros". Acabo de ler, à página 213 do último número do vosso jornal [R.E.], algumas reflexões acerca

da fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas), reflexões a que tenho a satisfação de me associar com todas as minhas forças. Aí, quaisquer dissidências, a propósito de teorias e doutrinas, desaparecem como por encanto.

"Não sou talvez tão severo quanto o sois, com relação aos médiuns que, sob forma digna e decente, aceitam uma paga, como indenização do tempo que consagram a experiências muitas vezes longas e fatigantes. Sou, porém, tanto quanto o sois — e ninguém o seria demais — com relação aos que, em tal caso, suprem, quando se lhes oferece ocasião, pelo embuste e pela fraude, a falta ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados.

"Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é simplesmente uma infâmia e haveria obliteração do senso moral no médium que julgasse poder fazê-lo sem escrúpulo".

Conforme o observastes com perfeita exatidão — é lançar a coisa em descrédito no espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida. Acrescentarei que é comprometer do modo mais deplorável os homens honrados, que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se constituem fiadores da boa-fé que neles deve existir e os patrocinam de alguma forma. É cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

Todo médium que fosse apanhado em manejos fraudulentos; que fosse apanhado, para me servir de uma expressão um tanto trivial, com a boca na botija, mereceria ser proscrito por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constituiria rigoroso dever desmascará-los ou infamá-los.

Se vos convier, Senhor, inserir estas breves linhas no vosso jornal, ficam elas à vossa disposição.

"Aceitai, etc. — Mateus."(2)

São Paulo, 06 de dezembro de 2011
Irmãos W. e Jorge Hessen

Referências bibliográficas:

(1) Kardec Allan. O Livro dos Médiuns, Cap. XXVIII itens 312/313-"Médiuns Interesseiros", Rio de janeiro: Ed. FB, 1990

(2) Kardec, Allan. Revista Espírita de agosto de 1861, São Paulo: Edicel, 1990

Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar

Quando pensamos nos milhares de espíritas de pouca cultura, humildes e materialmente pobres, porém verdadeiros vanguardeiros da Terceira Revelação; quando imaginamos que o edifício doutrinário se mantém firme em face do amor desses lídimos baluartes do Evangelho, impossível não nos entristecermos quando se trombeteia em nossas hostes os excesso de consagração das elites culturais."A presença do elitismo nas atividades doutrinárias (...) vai expondo-nos a dogmatização dos conceitos espíritas na forma do Espiritismo para pobres, para ricos, para intelectuais, para incultos (...)" (1)

Chico Xavier já advertia em 1977, "É preciso fugir da tendência à 'elitização' no seio do movimento espírita (...) o Espiritismo veio para o povo. É indispensável que estudemo-lo junto com as massas mais humildes social e intelectualmente falando e deles nos aproximarmos (...) Se não nos precavermos, daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo, às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais (...)" (2) Acompanhamos com muita reserva o surgimento de várias associações de: jornalistas, psicólogos, pedagogos, escritores, magistrados, médicos. Esse espírito corporativista é inaceitável sob a ótica cristã.

Aliás, corporações essas que promovem elegantes eventos (quase sempre cobrando-se taxas de inscrição) para aguçar a vaidade de alguns confrades que não perdem a oportunidade de atrair para si os holofotes da "fama".Os eventos gratuitos devem ser realizados, obviamente, porém urge considerar que esses simpósios sejam estruturados sobre programação aberta

a todos e de interesse da doutrina, não para ser uma ribalta de competição para intelectuais com titulação acadêmica, como um "passaporte" para traduzirem "melhor" os conceitos kardecianos. Caso contrário, consigna o editorialista da Revista O Espírita, "Chico Xavier, Divaldo Franco, tanto quanto no passado Léon Denis, que era caixeiro-viajante, não poderiam participar desses conclaves, sob pena de se sentirem desambientados e constrangidos, por não terem titulação conferida pelas universidades do mundo.

Para não falarmos do próprio Cristo, que não passou da condição de modesto carpinteiro".(3) Sinceramente, não conseguimos compreender o Espiritismo, sem Jesus e sem Kardec para todos, com todos e ao alcance de todos, a fim de que o projeto da Terceira Revelação alcance os fins a que se propõe.É ainda Chico Xavier que ensina: "Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que detenhamos, não hesitemos em nos confundir na multidão para aprender a viver, com ela, a grande mensagem. (...)". (4) Reenfatizamos as admoestações de Chico Xavier, "Precisamos conversar desapaixonadamente sobre o nosso movimento. É preciso que nós, os espíritas, compreendamos que não podemos nos distanciar do povo. É preciso fugir da tendência à "elitização" no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, (5) compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar.

É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto com as massas, que amemos a todos os companheiros, mas sobretudo, aos espíritas mais humildes social e intelectualmente falando e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade. Se não nos precavermos, daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada.

Mais do que justo evitarmos isso, a "elitização" no Espiritismo, isto é, a formação do "espírito de cúpula", com evocação de infalibilidade, em nossas organizações". (6) Portanto, devemos buscar pela simplicidade doutrinária evitar tudo aquilo que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios injustificáveis, imunidades, prioridades. Que repensemos as associações de profissionais A,B,C... Aliás, amigo leitor, você conhece alguma associação espírita de carpinteiros, marceneiros, lavadeiras, passadeiras, garis, pedreiros, serventes?

Referências bibliográficas:

(1) Editorial da Revista O Espírita, ano 11 numero 57-jan/mar/90

(2) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979.

(3) Editorial da Revista O Espírita, ano 11 numero 57-jan/mar/90.

(4) Cf. Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979.

(5) Fazemos uma justa ressalva para preservar a Federação Espírita Brasileira, que tem orientado de forma grandiosa como as federativas estaduais devem proceder. Lamentavelmente essas que se perdem muitas vezes nos labirintos das promoções de shows de elitismo. Patrocinam eventos para espíritas endinheirados, e cobram taxas e se perdem na sua tarefa unificacionista. Conhecemos federativa que chega a gastar R$. 100.000,00 (cem mil reais) para promover evento para 5.000(cinco mil) pessoas como se o Espiritismo

necessitasse desses eventos "grandiosos". Precisamos retornar à simplicidade doutrinaria, conforme nos advertiu Bezerra de Menezes através de Ivone Pereira.

(6) Idem

Espiritismo e a família moderna - algumas considerações

Há 20 anos, havia, no Brasil, 38 milhões de famílias, com menos de dois filhos, em média, sendo que 18% das mulheres chefiavam os seus lares, com renda, em geral, de 0,5 a 5 salários mínimos, segundo o IBGE. Os dados mostraram um aumento do número de divórcios e de famílias unicelulares e uma queda acentuada do número de registros de casamentos, passando de um milhão, em 1985 para os 777 mil, em 1990. (1)

A provável explicação para a redução do número de casamentos e o aumento do número de separações e famílias unicelulares, com certeza, foi a inserção maciça de mulheres no mercado de trabalho, proporcionando-lhes maior independência, sob todos os aspectos. Até então, o núcleo familiar tinha o homem como o centro das decisões e a mulher se mantinha submissa, até mesmo, a grandes humilhações. Com o aumento da renda, gerado pelo trabalho da mulher, a ordem patriarcal desestruturou-se. Surgiram, a partir daí, os diversos conflitos, os quais, não resolvidos, satisfatoriamente, implicaram em separações. A rigor, a crise da família não é só econômica, há muitas outras dificuldades de relacionamento entre os membros de um lar. Quando as pessoas não conseguem comunicar os seus sentimentos, as suas aspirações e a sua maneira de ser, tangidos pelo monstro do egoísmo, irrompe-se o nódulo do desentendimento, levando, em muitos casos, à ruptura dessas relações.

As novas funções do casal, na família moderna, afetaram a estrutura tradicional do grupo doméstico. Na família tradicional,

o homem detinha o poder e a mulher cuidava do lar e dos filhos. Atualmente, o homem (desempregado) passou a ser o cuidador do lar e a mulher foi ocupar espaço no mercado de trabalho. O modelo atual de (dês)arranjo familiar passou por mudanças e por (des)estruturações nos seus papéis, em que, como dissemos, a mulher passou a ocupar maior espaço no mercado de trabalho e os homens assumiram, cada vez mais, o papel de cuidadores do lar. Dessa maneira, no instante em que o homem experimenta a função de cuidador do lar, sua condição de pátrio poder foi afetado(2), comprometendo a vida do casal.

O casamento, considerando a união permanente de dois seres, não é contrário à Lei da Natureza, muito pelo contrário, os Benfeitores espirituais afirmaram, no século XIX, que "é progresso na marcha da Humanidade." (3) Implica em um regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua. Consoante Emmanuel, "essa união reflete as Leis Divinas que permitem seja dado um esposo para uma esposa, um companheiro para uma companheira, um coração para outro coração ou vice-versa, na criação e desenvolvimento de valores para a vida". (4)

O Mentor do Chico Xavier ainda elucida que "de todas as associações existentes na Terra, excetuando, naturalmente, a Humanidade – nenhuma delas, talvez, é mais importante, em sua função educadora e regenerativa, do que a constituição da família." (5) Para o lúcido Emmanuel, "através do casal, estabelecido na família, funciona o princípio da reencarnação, consoante as Leis Divinas, possibilitando o trabalho executivo dos mais elevados programas de ação do Mundo Espiritual." (6)

Casamentos entre homem e mulher, com adventos de filhos, sempre ocorrerão. Contudo, novos tempos têm apontado para outros modelos de núcleo familiar. A velocidade dessas mudanças comportamentais tem estremecido as estruturas fundamentais da família clássica. Devemos estar cientes para

esta realidade do mundo moderno. Ante os revolucionários ventos comportamentais que dão vida à sociedade contemporânea, é urgente compreendermos e apoiarmos famílias comandadas por mães solteiras e pais solteiros, crianças criadas por avós, e parceiros (as) homoafetivos dignificados pelo reto comportamento, que deliberaram adotar uma criança.

Como observamos, a família está se modificando na sua constituição clássica. Por isso mesmo, os estudiosos ainda afirmam que a concepção de família, atualmente, é muito mais do que o tradicional grupo formado pelo pai, mãe, filhos e avós, porque há muitos solteiros que optaram por ter filhos sozinhos por adoção. (7) Para os cânones jurídicos, chama-se família monoparental aquela que a mãe ou o pai vive com o seu filho ou filha sem manter relacionamento afetivo com o outro. A Constituição de 1988 reconhece que a família é a base da sociedade e enumera três tipos de famílias que merecem proteção jurídica e do Estado. São as famílias advindas do casamento, da união estável e das relações de um dos pais com seu filho, ou seja, a família monoparental.

No que tange aos conflitos familiares, o Espiritismo fornece-nos meios para uma reflexão mais profunda. Em primeiro lugar, não podemos descartar os resgates familiares, pois muitos casamentos ainda são, na atualidade, uma tentativa de solucionar problemas não resolvidos em outras encarnações. Em segundo lugar, como quitar nossas dívidas, ante a contabilidade divina, se aos primeiros contratempos, dispersamo-nos com o divórcio? É por essa razão, que uma separação não deve ser cogitada como solução infalível, pois estaremos sempre desperdiçando uma excelente oportunidade de redenção e crescimento espiritual. A desagregação familiar, que as estatísticas mostram, é lamentável. É, sem dúvida, resultante de um apelo, eminentemente, utilitarista (materialista), transmitido pelos diversos meios de comunicação

de massa, pela indução ao consumo inveterado, desde os produtos mais elementares até aqueles que incentivam as fantasias no campo da erótica. Nesse quadro, vão desviando o sentimento religioso, da fé e da esperança, que perdem terreno e diminuem, sensivelmente, a capacidade humana de suportar um sofrimento qualquer.

Enfim, para o Espiritismo, a família é a célula-máter do organismo social. Qual seria, para a sociedade, "o resultado do relaxamento dos laços familiares, senão o agravamento do egoísmo?" (8)

Referências bibliográficas:

(1) A taxa de casamentos desde 1995 aumentou um pouco segundo a pesquisa anual Estatísticas de Registro Civil do IBGE, disponível em www.ibge.gov.br/censo, acessado em 19 de novembro de 2009.

(2) O antigo Pátrio Poder mudou no novo Código Civil para Poder Familiar. Na época do antigo Código Civil (1916) quem exercia o poder sobre os filhos era o pai e não se falava no poder do pai e da mãe (pais). Mas esta situação mudou e hoje a responsabilidade sobre os filhos é de ambos.

(3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, item n°. 695

(4) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1972

(5) idem

(6) idem

(7) A "Revista O Globo" de 12/10/2008, traz, em reportagem de capa, a história do médico Sérgio D'Agostini, um bem-sucedido homem solteiro de 43 anos, morador da Zona Sul carioca. Sérgio adotou um menino recém-nascido, filho de uma moradora de rua, portador de várias doenças herdadas dos pais. Em três tempos, pôs a vida do garoto em dia, mas

pôs a sua de cabeça para baixo e descobriu a saudável rotina de ser pai solteiro.

(8) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, item n°. 775

Ética espírita, entrada franca sempre!... Por que não?

Após proferir palestra no Centro Espírita, cujo tema nos induziu a afirmar para o público sobre o delírio da cobrança de taxas para entrada no congresso "espírita", programado pelo órgão federativo local, um amigo sugeriu-nos a leitura do "Projeto de Interiorização"- Espiritismo para os simples. (1) Procuramos conhecer o projeto, lemos e apreciamos bastante as diretrizes e planos ali consignados. O confrade também indicou-nos o artigo "União com fidelidade, simplicidade e fraternidade" do admirável Antonio César Perri de Carvalho, Diretor da FEB. Encontramos o artigo na Revista Reformador; analisamos o texto e ficamos entusiasmados com os dizeres do representante da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional. O excelente artigo, dentre outras reflexões audaciosas, inspira-nos para o imperativo da "unidade do espírito pelo vínculo da paz". (2)

César Perri ilustra o tema afirmando que "entre os desafios atuais para a união dos espíritas (...)há necessidade de revisão de algumas estratégias e posturas, para se ampliar a difusão do Espiritismo em todas as faixas etárias e sociais. (...) entendemos que o acolhimento dos simples [espíritas desempregados, iletrados, pobres] no ambiente das reuniões espíritas é tarefa de primordial importância nos tempo em que vivemos."(3)

Para o Diretor da FEB "a realização de eventos federativos e de divulgação devem ter como parâmetros o que é simples e viável para a maioria das instituições e dos espíritas." (4)(grifei)

O tema é recorrente e crônico. É flagrante a marginalização de confrades valorosos que, devido à impossibilidade de arcar

com os escorchantes preços dos eventos espíritas, ficam e continuarão a ficar excluídos dos congressos espíritas, como os que têm sido realizados ultimamente por diversas federativas estaduais e mesmo pela Casa Mater. Após 36 anos escrevendo para imprensa espírita e alertando sobre a discrepância dos eventos pagos, confessamos que o Perri pacificou-nos o ânimo com as suas judiciosas e lúcidas palavras. E, mais, advindo de um confrade de envergadura moral irrepreensível como é o caso do Perri, acreditamos que o Movimento Espírita brasileiro mudará de rota no Brasil e no Mundo.

À guisa de sugestão, considerando a viabilidade de participação nos eventos doutrinários da maioria das instituições e dos espíritas, propomos aos abastados seguidores de Kardec abrirem mão do excesso da conta bancária e colaborem mais frequentemente com o Movimento Espírita. Poderiam bancar vários eventos doutrinários sem consentir que espíritas simples fossem excluídos dos congressos, seminários e encontros. Portanto, sem ferir a ótica e a ética espíritas, saberiam utilizar com inteligência os recursos que Deus concede, fugiriam da avareza, seriam pródigos no amor, conscientizar-se-iam da imensa responsabilidade social e colaborariam para fazer do Espiritismo o mais importante núcleo de debates espirituais da Terra...

Modelo de mecenas (5) não falta! "O empresário carioca Frederico Figner, proprietário da Casa Edison e introdutor do fonógrafo no Brasil, era um deles. Tão rico quanto espírita, ele trocou cartas com Chico Xavier 17 anos seguidos. E o ajudou muito. Sem suas doações, o datilógrafo da Fazenda Modelo não conseguiria atender tanta gente. A cada mês, o filho de João Cândido gastava o correspondente a três vezes o seu salário só com assistência social. Para Chico, os ricos deveriam ser considerados "administradores dos bens de Deus". Ao longo de sua vida, ele ajudaria muitos milionários "benfeitores" a canalizar os "tesouros divinos" para a caridade."(6)

O editorial da revista "O Espírita", de jan/mar-93 registra que "a fé começa nos lábios, obrigatoriamente passa pelo bolso, para se instalar no coração".(7) Sabemos que a divulgação doutrinária é urgente mas não apressada. Portando, não identificamos necessidade nenhuma para o afoitamento e desespero das federativas promoverem improfícuos festivais de congressos, seminários e simpósios onerosos. Jamais esqueçamos que "é indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec: sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios." (8)

Os congressos espíritas são importantes para a vitalidade do movimento espírita, para a permuta de experiências e o congraçamento entre pessoas. Mas, francamente! O frenesi para realização de congressões espíritas dispendiosos têm revigorado o status, o personalismo e a vaidade de muitos líderes incautos. Jesus nos ensinou a condenar o erro, preservando a quem erra. Mas, até mesmo Ele, que era um exemplo de brandura, atuou com austeridade, com muito rigor, aliás, quando a expelir os vendilhões do Templo.

Não condenamos e nem poderíamos desaprovar os Congressos, Simpósios, Seminários, encontros necessários à divulgação e à troca de experiências, mas, a Doutrina Espírita não pode ficar cerrada nos Centros de Convenções suntuosos, não se pode enclausurar Espiritismo nos excludentes anfiteatros acadêmicos e nem aprisioná-lo em grupos fechados. À semelhança do Movimento Cristão, dos tempos apostólicos, A Doutrina dos Espíritos também pertence aos Centros Espíritas simples, localizados nos bolsões de desventura, nos assentamentos, nas favelas, nos bairros miseráveis, nas periferias urbanas esquecidas; e não nos venham com a eloquência oca de que estamos sugerindo um tipo de "elitismo às avessas". O que fortalece nossas assertivas são os muitos

Centros Espíritas simples e pobres, todavia bem dirigidos em vários municípios do País. Por causa desses Núcleos Espíritas e médiuns humildes, o Espiritismo haverá de se manter simples e coerente, no Brasil e, quiçá, no Mundo, conforme os Benfeitores do Senhor o entregaram a Allan Kardec.

E por falar no mestre lionês, precisamos de "Allan Kardec nos estudos, nas cogitações, nas atividades, nas obras, a fim de que à nossa fé não se faça hipnose, pela qual o domínio da sombra se estabelece sobre as mentes mais fracas, acorrentando-as a séculos de ilusão e sofrimento. Seja Allan Kardec, não apenas crido ou sentido, apregoado ou manifestado, à nossa bandeira, mas suficientemente vivido, sofrido, chorado e realizado em nossas próprias vidas. Sem essa base é difícil forjar o caráter espírita-cristão que o mundo conturbado espera de nós pela unificação." (9)

Referências bibliográficas:

(1)http://www.febnet.org.br/ba/file/CFN/Projeto_interiorização.pdf

(2) Xavier, Francisco C. Fonte Viva, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 49, pg.116.

(3) Carvalho, Antonio C. Perri. Artigo "União com fidelidade, simplicidade e fraternidade" publica do em Reformador, abril, ano 2011 pags. 29,30 e 31.

(4) idem.

(5) O termo mecenas, nos países de línguas neolatinas, indica uma pessoa dotada de poder ou dinheiro que fomenta concretamente a produção de certos literatos e artistas. Num sentido mais amplo, fala-se de mecenato para designar o incentivo financeiro de atividades culturais, como exposições de arte, feiras de livros, peças de teatro, produções cinematográficas, restauro de obras de arte e monumentos.

(6) Maior, Marcel S. As vidas de Chico Xavier, São Paulo:

Editora Planeta, 2003

(7) Editorial da revista "O Espírita" de Brasília edição de jan/mar-93.

(8) Bezerra de Menezes, trechos da mensagem “Unificação”, Psic. F. C. Xavier – Reformador, dez/1975 - FONTE: CEI - Conselho Espírita Internacional.

(9) Idem.

"Pátria do Evangelho" – será que Ismael conseguirá conduzir essa empreita?

Chico Xavier

Para o Espírito Humberto de Campos "o Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro."(1) Evidentemente, essas ideias não são para já e nem se restringem ao desenvolvimento dos ensinos de Jesus apenas por aqui, até porque a visão doutrinária do pensamento de Jesus é universalista.

O ilustre filho de Miritiba (município maranhense hoje batizado com o seu nome) narra que Jesus, "pelas mãos carinhosas de Ismael, acompanha desveladamente a evolução da pátria extraordinária e delegou autoridade aos grandes médiuns, que seriam os portadores da luz do Cristo. Dentre eles, é citada a personalidade de Bezerra de Menezes, aclamado na noite de julho de 1895, diretor de todos os trabalhos de Ismael no Brasil."(2) Há estudiosos que abominam os argumentos do livro, sobretudo porque Humberto faz referência a Roustaing (estudado por Bezerra no século XIX), sendo esse fato uma "punhalada cruel contra Kardec"! Que exagero! (não sou roustenista, porém divirjo dessa postura intolerante dos adversários da obra).

Acudimos a tese de que Jesus realmente transferiu a Doutrina Espírita, a mais liberal filosofia que o mundo já conheceu, para o Brasil, e creio que aqui haverá de ser o

celeiro imenso de riquezas espirituais e recursos materiais para os povos mais pobres do planeta. Quanto a isso, não paira dúvida de que o Brasil aposta ser hoje o grande exportador do Espiritismo, nas suas teses abençoadas, que valorizam a Terra, as nações, todos os povos e todos os seres.

Quando mencionamos nosso país como "celeiro", materialmente falando, é importante frisar que até hoje no Brasil somente foi extraído do subsolo aproximadamente 10% do petróleo existente (incluindo o pré-sal). As reservas minerais estão em grande monta intocadas. As reservas florestais ainda são colossais. A plataforma continental brasileira é depósito de recursos quase infinitos. A nossa reserva hídrica e capacidade fluvial é uma das maiores do mundo. As terras imensas, inabitadas, virgens, guardam possibilidades incontáveis de realizações no que tange ao ecossistema global.

O IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - calcula que existam 20 milhões de adeptos e simpatizantes da Doutrina Espírita no Brasil. Existem pelo menos 9.000 núcleos espíritas; milhares de instituições kardecianas de assistência e promoção social; há uns 500 jornais espíritas impressos, milhares de Portais da Internet contento Revistas Eletrônicas, Jornais Virtuais, Blogs, Salas de Estudos espíritas, centenas de programas radiofônicos, alguns poucos programas espíritas de televisão (aqui o número é irrisório); são pelos menos 50 as editoras espíritas, editando aproximadamente 4.000 livros (alguns bons e outros que jamais deveriam ter sido publicados); são quase 90 milhões de exemplares de livros editados e vendidos; atualmente, há centenas traduções para dezenas de idiomas dos livros psicografados por Chico Xavier. Como se não bastasse, o movimento espírita mundial é incrementado por brasileiros que se radicaram noutros países. Pronuncia Humberto de Campos que o Cristo orientou Ismael nos seguintes termos: "doravante sejas o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. Para

aí transplantei a árvore da minha misericórdia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu sublimado heroísmo. Concentraremos todos os nossos esforços, a fim de que se unifiquem os meus discípulos encarnados. Na pátria dos meus ensinamentos, o Espiritismo será o Cristianismo revivido na sua primitiva pureza. Sem as ideologias de separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz."(3)

Bezerra de Menezes

O "Conselheiro XX", magno esteta das letras do Maranhão, explana: "a Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884, aguardava, sob a proteção de Ismael, a ocasião propícia para desempenhar a sua tarefa junto aos grupos do País. Quando Bezerra de Menezes assumiu a direção da FEB e fez da Instituição o porto seguro a todos os corações."(4) Entretanto, após a sua administração, tem-se a impressão de que o Movimento Espírita Brasileiro ficou sem orientação.

Com vistas à integração nacional do Movimento, no dia 5 de outubro de 1949, por ocasião da Grande Conferência Espírita no Rio de Janeiro, com a participação de vários dirigentes de Instituições Espíritas, foi firmado um acordo, que passou a ser chamado "PACTO ÁUREO". Nessa ocasião foi criado, na Casa-Máter, o Conselho Federativo Nacional, integrado pelas Federações e Uniões representativas dos Movimentos Espíritas estaduais e do DF (o Distrito Federal era no Rio de Janeiro). Tal instância foi instituída com o objetivo de promover a união dos espíritas e a unificação do Movimento Espírita no Brasil.

A bem da verdade, os Benfeitores nos ofereceram todas as condições necessárias para o cumprimento da missão (Pátria do Evangelho). Eles fizeram e continuam fazendo a parte que lhes cabe, mas será que a liderança atual está fazendo a sua? Sinceramente? Não percebemos esse empenho com muita

clareza! Pronunciamos isso baseado na seguinte premissa: Quando o Mestre enfatiza a revivescência do Evangelho na sua "primitiva pureza", infelizmente constatamos que as federativas atuais (com raríssimas exceções) estão absurdamente longe de alcançar o que significa "PIMITIVA PUREZA". Basta medirmos os eventos esplêndidos e dispendiosos que obstinadamente são concretizados no Brasil. Paira um infeliz ranço aristocrático na coordenação do movimento espírita contemporâneo. Como resolver esse imbróglio?

Ora, que os dirigentes espíritas, sobretudo os comprometidos com órgãos "unificadores", compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar como insistentemente advertia Chico Xavier. Devem primar pela simplicidade doutrinária e evitar tudo aquilo que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios injustificáveis, imunidades, prioridades, mercantilismos dos eventos doutrinários, urge melhorar o emprego dos recursos financeiros oriundos do comércio de produtos espíritas (CD's, DVD's, Livros e outros).

É impraticável "um Espiritismo sem Jesus e sem Kardec para todos, com todos e ao alcance de todos, a fim de que o projeto da Terceira Revelação alcance os fins a que se propõe."(5) A tendência fidalga nas celebrações doutrinárias vai sujeitando-nos a dogmatização dos postulados espíritas na configuração do Espiritismo para abastados, para pobrezinhos, para intelectuais, para iletrados, para expoentes (estrelas) da tribuna, para empavonados sabichões ("doutores"), para associações de "notáveis", e para uma lista colossal de diversos disparates.

Infelizmente, alguns insistem e se perdem nos labirintos das promoções de eventos cognominados "congressos espíritas" que jamais se assemelham às reuniões modestas conduzidas por Jesus há dois mil anos. Realizam esses festivos encontrões não raro em luxuosos Centros de Convenções destinados a

espíritas abastados. Sem qualquer inquietação espiritual ou escrúpulos, justificam a cobrança de taxas (falaciosamente alcunhada de "contribuição espontânea, colaboração ou rateio") aos interessados, razão pela qual a flâmula tão "almejada" da "unificação" se submerge nesse cipoal de incongruências.

Nos chamados eventos grandes, os órgãos "unificadores" devem envidar todos os esforços para que não haja a necessidade de qualquer cobrança de taxa de inscrição dos fortuitos participantes. O ideal será a opção por eventos menores, com estruturas modestas e eficazes. Muitas vezes temos a impressão de que a liderança atual deseja concorrer com os segmentos evangélicos a fim de abarrotarem de gente os ginásios e estádios. Detalhe: o expositor-mor que arrebanha milhares de ouvintes para esse desiderato não vai ficar reencarnado 300 anos e já está próximo dos 90. Batendo sempre na mesmíssima tecla, recordamos o Cândido Xavier de Uberaba, que alertou: "é preciso fugir da tendência à 'elitização' no seio do movimento espírita (...) o Espiritismo veio para o povo. É indispensável que o estudemos junto com as massas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos (...). Se não nos precavermos, daqui a pouco estaremos em nossas Casas Espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais."(6)

Não queremos ser prisioneiros do pessimismo. Talvez nem tudo esteja perdido. Não ignoramos que há muitos Centros Espíritas bem conduzidos em alguns municípios do Brasil. É exatamente por causa desses Núcleos Espíritas e médiuns humildes que o Espiritismo poderá se manter simples e coerente, no Brasil e, quiçá, no futuro, possamos dizer que o Brasil é concretamente a "Pátria do Evangelho e Coração do Mundo", segundo Jesus determinou e ordenou a Ismael a tarefa de administrar essa empreita.

Referências Bibliográficas:

(1) XAVIER, F. C. Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho (pelo Espírito Humberto de Campos). 11. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

(2) idem

(3) idem

(4) idem

(5) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979

(6) idem

As propostas espíritas em face da violência social

A violência de todos matizes deslustra as conquistas sociológicas deste século. Irrompe-se e em todos os níveis da sociedade, manifestando-se em múltiplas intensidades.

A brutalidade humana tem esmaecido o caminho para Deus. Lemos um jornal, uma revista; assistimos a televisão e a violência é insistentemente veiculada, seja pelos noticiários, pelos documentários; seja pelos filmes, pelos programas de auditório cada vez mais obscuros de valores éticos. Assimilamos subliminarmente as informações e no quotidiano reagimos violentamente, muitas vezes, perante os reveses da vida ou perante as contrariedades. Condenamos a violência alheia, no nosso dia-a-dia, ao invés de agirmos de forma pacífica e fraterna, somos como que andróides, reagindo sempre de acordo com o que motivou a nossa reação. Somos autômatos sem nos apercebermos. Desde há dois mil anos que Jesus de Nazaré trouxe à humanidade um código de conduta que traria ao homem a felicidade. Essa diretriz que Jesus deixou na Terra é a garantia da paz, da felicidade, do bem-estar social.

Contudo o homem perdeu-se no meio das suas lutas, do egoísmo, do orgulho, da violência, ignorou tal diretriz e hoje confronta-se consigo próprio numa mistura explosiva de intranquilidade interior e gargalhadas descontroladas. Jamais o homem conquistara tantas coisas na ciência como nos dias atuais, porém nunca caminhou tão vagarosamente em busca de sua espiritualização. São as contradições da vida contemporânea. Esse homem velho, que carrega dentro de si ao longo das várias existências, experiências violentas, vê-se hoje a braços com uma dualidade muito intensa: os hábitos

enraizados no passado, nas vidas anteriores, onde semeou essa violência, colhendo hoje na sua vida, já que somos o somatório das nossas vidas pretéritas.

O Espiritismo, demonstrando a imortalidade da alma, através dos fatos mediúnicos, aponta também que existe uma lógica para a vida e que cada um colhe dela aquilo que semeia e/ou semeou outrora, dentro da lei de ação e reação, onde cada ato, positivo ou negativo, irá repercutir-se invariavelmente em nós, trazendo-nos paz ou tormento interior. Claro que quem estuda o Espiritismo e pratica seus preceitos vê-se melhor instrumentalizado para a vida em sociedade, nestes tempos atribulados, encontrando conceitos lógicos e racionais para o entendimento da vida numa visão evangélica da mesma. Assim sendo, os postulados Espíritas são antídotos para a violência, posto que quem o conhece sabe que não poderá eximir das suas responsabilidades sociais, sabendo que o seu futuro será uma decorrência do presente. Aquele que conhece o Espiritismo sabe ainda mais que terá de se modificar moralmente, se quiser ter mais harmonia íntima. O Espiritismo, no seu aspecto tríplice resgata as Verdades que Jesus ensinou, clareando o raciocínio, interpretando-as com mais lógica e atualidade dentro dos enfoques da pluralidade das existências que cada vez mais vai sendo uma realidade nos centros de pesquisas desatrelados dos dogmas religiosos em torno do estudo da personalidade humana. Precisamos cultivar a compaixão, a generosidade que se conjuga no ato de dar as coisas para aportar na atitude de olvidarmo-nos espontaneamente em favor do próximo.

Aprendermos a orar e meditar porque quem não tem o hábito de introjetar o pensamento pela meditação não se conhece a si mesmo, e nesse exercício teremos autoridade para soltar as estóicas vozes inarticuladas emitidas por quem sente alegria espiritual como o fez Paulo: "Já não sou quem vive, mas o Cristo vive em mim..." Torna imprescindível praticarmos o Evangelho nos vários setores do campo social, contribuindo

com a parcela de mansidão para pacificá-la, até porque, todos desencarnaremos um dia, mas a forma de comportarmos dentro do limite berço-túmulo é da nossa livre opção e haveremos de alcançar a iluminação íntima com o ato de desejar, movidos pela fé raciocinada, consoante propõe O CONSOLADOR.

O Espiritismo ante o censo 2010 – retrato de um panorama que clama por mudanças de rumo

O Censo 2010 do IBGE evidencia um crescimento de 65% em 10 anos do número de espíritas com maior salário e instrução (são quase 4 milhões de espíritas e 700 mil possuem rendimento acima de 5 salários mínimos). O incremento de adeptos com maior salário e instrução pode nos levar a deduzir que após a desencarnação do Chico Xavier o desígnio de divulgação doutrinária foi e ainda é aristocrático, ou seja, há distanciamento dos confrades que estão em dificuldade material, mormente na região nordeste, norte e centro-oeste (excluindo-se Brasília, maior renda per capta do país).

O IBGE demonstra que entre os espíritas, 98,6% são alfabetizados. Os adeptos da Doutrina possuem as maiores proporções de pessoas com nível superior completo (31,5%) e taxa de alfabetização (98,6%), além das menores percentagens de indivíduos sem instrução (1,8%) e com ensino fundamental incompleto (15,0%). Os dados são reflexos de uma programação doutrinária que opta pela leitura e tem a aquisição de cultura como um de seus focos.

Mas a rigor, o fato de haver um monte de espíritas com curso superior não quer dizer muita coisa. A liderança do movimento espírita não deveria priorizar ou consentir ambiente de proeminência para os que se blasonam com seus títulos de doutor, de mestres e intelectuais extravagantes, até porque agindo assim expulsariam do movimento personagens quais Leon Denis, que não tinha diploma de doutor (foi um caixeiro viajante), de Chico Xavier, que só fez o curso primário (foi apenas um escriturário) e pasmem! do próprio Cristo, que não

esteve na Universidade (era simples carpinteiro). Pois é! Ambos não encontrariam acolhimento nos eventos espetacularizados nos anfiteatros, centros de convenções e nalguns centrões espíritas destinados à nata social.

O Censo 2010 aguçou nossa curiosidade ao dar conta de que há mais de 40 milhões de evangélicos, em sua maioria absoluta componentes da população periférica, mais pobres e de baixa instrução. Imaginamos que essa massa provavelmente se tornou evangélica devido às agruras da pobreza, da discriminação, da falta de acesso à qualidade de vida (educação, saúde, lazer etc.). Deduzimos que a proposta doutrinária dos evangélicos (em que pese a inconveniência da cobrança de dízimos dos pobres) tornou-se interessante via disponível de alívio e conforto da vida dura, e importante porta viável para a melhoria de suas condições de humanidade e cidadania. E isso é um respeitável serviço de inclusão e melhoria social desse segmento religioso.

Por que a proposta espírita não consegue se aproximar dessa massa humilde? Respondem alguns que a Doutrina dos Espíritos não defende proselitismos, não assegura o "céu beatífico", nem a "salvação" etc. Obviamente, esses argumentos não respondem à questão. Talvez pudéssemos inferir que paire um sistema de difusão doutrinária alarmante e excludente. Contudo, a despeito de tudo e de todos, queira a elite ou não, a culminância da programação espírita, no plano terreno, deverá ser a concretização da transformação social, e será impossível essa transformação sem uma efetiva aproximação da população sofrida e pobre.

A considerar as diretrizes doutrinárias que incentivam e mantêm a formação da fidalguia (intelectuais e abastados) o Censo 2010 demonstrou uma situação inusitada: talvez haja algum preconceito entre nós, espíritas, no que tange a questão racial e que desfavorecem as massas. Essa ocorrência pode ser constatada num dado estatístico no mínimo indiscreto: do

“segmento populacional que se declarou espírita, quase 70% eram brancos, percentual bem mais elevado que a participação do grupo de outra cor ou de outra raça no conjunto da população.”(1)

Outro detalhe: a difusão da mensagem espírita não se dá precipuamente pela TV nem pelo rádio, mas através dos livros, jornais, revistas, folhetos e Internet. Assim, a capacidade de ler se torna um requisito para a prática doutrinária. Mas será que os confrades espíritas – assalariados, desempregados ou pobres – conseguem ter acesso a essa literatura? Como?... Sabemos que os livros espíritas, via de regra, são caros. Quantos espíritas carentes podem ter Internet em casa? Quantos podem ingressar nos rotineiros e aristocráticos “congressos espíritas”? Aliás, congressos que se assemelham a meros “encontros” para recreações embaladas pelas palestras quase sempre proferidas por ilustres segmentos da fina flor da sociedade. A rigor, ignoramos que há efetivação de congressos espíritas destinados a debates e estudos atinados a propósito dos graves problemas sociais e das enxertias de ideias, práticas e conceitos absurdos contidos nos livros “psicografados”, supostamente espíritas, que hipnotizam impiedosamente os incautos confrades tangidos pelo misticismo.

Quando os Mentores realçam a necessidade da revivescência do Evangelho na sua “primitiva pureza”, constatamos que não se consegue abarcar o sentido “PIMITIVA PUREZA”. Não há dúvida de que o Espiritismo só se justificará na Terra se alcançar a base da sociedade – o “povão”, como se diz. É indispensável que o pratiquemos junto com as massas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximemos. É imperioso destruir qualquer ranço que tanja hierarquias mesquinhas, discriminações, proeminências individuais, mordomias, regalias, primazias ou mercantilagens dos shows de oratórias doutrinárias.

Esperemos que no próximo Censo, em 2020, tenhamos um quadro demonstrativo mais interessante. É um delito de Lesa Codificação um Espiritismo sem Jesus e sem Kardec para todos, com todos e ao alcance de todos. Quiçá nem tudo esteja perdido. Cremos que o "Projeto de Interiorização – Espiritismo para os simples" se consolidará. (2)

Lemos recentemente o excelente artigo intitulado "União com fidelidade, simplicidade e fraternidade", do César Perri, Vice-Presidente da FEB. O texto expõe argumentos esperançosos e inspira-nos para o pensamento de Emmanuel: "unidade do espírito pelo vínculo da paz". (3) Consigna o documento que "entre os desafios atuais para a união dos espíritas (...) há necessidade de revisão de algumas estratégias e posturas, para se ampliar a difusão do Espiritismo em todas as faixas etárias e sociais. (...) entendemos que o acolhimento dos simples [espíritas desempregados, iletrados, pobres] no ambiente das reuniões espíritas é tarefa de primordial importância nos tempos em que vivemos."(4) Para o Presidente em exercício da Casa Máter, "a realização de eventos federativos e de divulgação devem ter como parâmetros o que é simples e viável para a maioria das instituições e dos espíritas."(5)

As federativas estaduais jazem a passos demasiadamente vagarosos e não alcançam "o que é simples e viável para a maioria das instituições e dos espíritas", (6) por isso urge seja acelerado o desenvolvimento de mais projetos sociais no âmbito dos chamados órgãos unificacionistas do País. À semelhança do Movimento Cristão, dos tempos apostólicos, a Doutrina dos Espíritos precisa se fazer robusta nos Centros Espíritas simples, situados nos lugarejos de infortúnio, nos assentamentos, nas favelas, nos bairros miseráveis, nas periferias urbanas esquecidas. Por essa fortíssima razão, que sejam Jesus e Kardec não apenas acreditados ou experimentados, anunciados ou despontados à nossa fé, mas

intensamente vividos, padecidos, pranteados e concretizados em nossas próprias vidas. "Sem essa base, é difícil forjar o caráter espírita-cristão que o mundo conturbado espera de nós pela unificação." (7)

Referências bibliográficas:

(1) Disponível acesso em 02-07-2012

(2) disponível em: acesso em 01-07-2012

(3) Xavier, Francisco C. Fonte Viva, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 49, pg.116

(4) Carvalho, Antonio C. Perri. Artigo "União com fidelidade, simplicidade e fraternidade" publicado em Reformador, abril, ano 2011 pags. 29,30 e 31

(5) idem pags. 29,30 e 31

(6) idem pags. 29,30 e 31

(7) Bezerra de Menezes, trechos da mensagem "Unificação", Psic. F. C. Xavier – Reformador, dez/1975 - FONTE: CEI - Conselho Espírita Internacional.

A imprensa espírita não deve afagar ou afligir leitores, porém despertar-lhes a consciência

Desde o lançamento da Revista Espírita, em 1858, na França, por Allan Kardec, a imprensa espírita é possante canal da divulgação doutrinária para interligação dos centros e demais instituições e, sobretudo, para disseminação de opiniões e discussão de temas sócio-doutrinários, propondo a adequada orientação ao Movimento Espírita. A rigor, ela também se dirige ao público não espírita para esclarecimento doutrinário. O Codificador noticiava e comentava na R.E. diversos eventos extra-doutrinários, que de alguma forma interessavam a todos os leitores.

As civilizações iniciaram-se com a imprescindível necessidade da comunicação, recorrendo ao mecanismo da tradição oral. O grande salto da comunicação humana consubstanciou-se na imprensa (palavra escrita), cujo mestre foi Johannes Gutenberg, considerado "O Pai da Imprensa". Quatro séculos após a descoberta desse notável filho da Mogúncia (Alemanha), Allan Kardec, embora sempre advertindo contra o proselitismo indigesto, recomendou a divulgação dos princípios doutrinários com base no bom senso. É verdade! A propaganda doutrinária para fazer prosélitos não é a necessidade imediata do Consolador Prometido, até porque "a direção do Espiritismo, na sua feição de Evangelho redivivo, pertence ao Cristo e seus prepostos, antes de qualquer esforço humano, precário e perecível". (1)

Para delinearmos considerações sobre a imprensa espírita no Brasil, trazemos à baila alguns informes sobre os contributos de Luiz Olímpio Teles de Menezes, considerado pioneiro da

imprensa espírita brasileira. Em julho de 1869, três meses após a desencarnação do Codificador, lançou o periódico O Eco d'Além-Túmulo, subintitulado "Monitor do Espiritismo no Brasil", de publicação bimestral. Antes, já havia fundado em 17 de setembro de 1865, em Salvador, o Grupo Familiar do Espiritismo, considerado a primeira instituição espírita no Brasil. Escreveu para o "Diário da Bahia", "Jornal da Bahia", "A Época Literária". Foi um causídico intransigente dos princípios espíritas.

"Era um caráter digno de todo o apreço pela sua cultura e elevação de sentimentos, aprimorados por uma longa série de infortúnios, que soube sempre suportar com honra e grandeza d'alma". (2) Certa vez, redigiu uma "Carta Aberta" ao Primaz do Brasil, D. Manoel Joaquim da Silveira, refutando a pastoral que este publicou, com o título "Erros perniciosos do Espiritismo". A "Carta" de Luiz Olímpio é considerada a primeira obra de divulgação espírita de um brasileiro, publicada na Pátria do Evangelho.

O "Grupo Familiar do Espiritismo" cumpriu sua tarefa por cerca de um decênio, até a fundação da "Associação Espírita Brasileira", que representou o marco inicial do movimento espírita brasileiro. Teles de Meneses foi o primeiro presidente da Associação, instituto que visava "ao desenvolvimento moral e intelectual do homem nas largas bases que cria a filosofia espirítica, e a exemplificação do sublime e celestial preceito da caridade cristã.". (3)

Na verdade, a imprensa espírita brasileira surgiu integrada em sua dupla função libertária. Lutando pela emancipação espiritual do homem, lutando também na sua alforria material. Menezes compreendeu que não podia sustentar os princípios espíritas de fraternidade e caridade se não desse seu testemunho contra o desumano sistema de escravidão negra no Brasil. "Na campanha abolicionista através de O Eco d'Além-Túmulo, destinou um mil réis de cada assinatura para a

libertação de crianças negras de sexo feminino entre 4 e 7 anos". (4)

Sendo o Espiritismo uma doutrina de vivência igualitária, anunciada para influir na transformação social, não se pode idear uma imprensa espírita desatenta ao mundo, sepultada em si mesma. Os legados de Teles de Menezes nos comprovam que jornais e revistas espíritas não podem ser somente boletins doutrinários apartados do fato social. Inobstante, não devem exceder os limites das instâncias espíritas e envolver-se em altercações político-partidárias ou contendas de grupos. Sua função principal é esclarecer e orientar os rumos da doutrina. No Brasil, considerado o maior país espírita do mundo, em extensão e abrangência, e em número de adeptos, há inúmeras publicações escritas, bem como centenas de emissoras de rádio e algumas televisões (abertas, por assinatura e Internet) veiculando informações espíritas, além da existência de milhares de portais espíritas na Rede Mundial de computadores. A despeito desse cenário, não é difícil constatar que faltam meios de comunicação arejados (jornais, revistas, sites, televisão, rádio), que se pode ter confiança sem a percepção desagradável de sufocação, de constrangimento subserviente a direções excêntricas. Muitos jornais e revistas "chovem no molhado" e repetem o que todos sabem e já disseram. Somente publicam mensagens mediúnicas e acanhados artigos sobre questões já pacificadas. Evitam a discussão saudável, o debate coeso, como se estivesse submetida a uma orientação ditatorial.

Há órgãos da imprensa doutrinária que se restringem ao centro espírita como se fossem boletins particulares, alguns ficam circunscritos a um bairro ou a uma pequena cidade, outros se colocam a serviço da difusão espírita em nível nacional e internacional. Talvez seja a reprodução da falta generalizada de cultura na sociedade e notadamente da pouca cultura espírita. Por isso há órgãos de divulgação doutrinária

sem nenhum critério, nem discernimento. Divulgam assuntos contraditórios e revelam ausência de conhecimento ou displicência de seus diretores, editores e redatores. É imperioso alterar esse cenário; é urgente maior consciência jornalística aos que militam na imprensa espírita. Na Revista Espírita de maio de 1863, Kardec conta que certa vez tinha recebido três mil mensagens de várias partes da Europa, aguardando uma possível publicação. Selecionou cem que continham temas de moralidade inatacável. Fez nova triagem e, das cem, chegou a trinta, realmente de ótimo valor estético e moral. Porém, das trinta mensagens, só cinco apresentavam real valor para obterem espaço na Revista Espírita. (5)

Raros são os escritores e jornalistas que têm a coerência de escrever não para amimar ou desgostar, mas para abrir os olhos e acordar consciências. Sim! Felizmente ainda há escritores e jornalistas sinceros que leem e estudam, escrevem com bom senso e procuram ensinar ao leitor a verdadeira Doutrina dos Espíritos. São ajuizados, não usam expressões verbais que recomende costumes, práticas, ideias políticas, sociais ou religiosas adversas ao Espiritismo. Em Conduta Espírita, André Luiz assevera que um texto espírita deve ajustar-se à simplicidade e clareza, concisão e objetividade, passar por revisão austera e incessante, quanto ao fundo e à forma, antes de ser publicado. Os escritores devem despersonalizar, ao máximo, os conceitos e as colaborações, convergindo para Jesus e para o Espiritismo o interesse dos leitores. (6)

É imprescindível que a imprensa espírita esteja compromissada com a ética, com a verdade revelada pelos Espíritos e com a melhor qualidade dos temas divulgados. Melhoria essa que não deve ser considerada exclusivamente a "beleza exterior", com apresentação gráfica policrômica, mas, sobretudo, o conteúdo (mensagens). Importa afrontar desafios e ter capacidade de informar sobre os fatos e os preceitos

espíritas, de forma a colaborar com o leitor em sua consciência crítica.

Os editores necessitam "sistematicamente despersonalizar, ao máximo, os conceitos e as colaborações, convergindo para Jesus e para o Espiritismo o interesse dos leitores" (7) sem perder de vista a seleção dos escritos, que precisam ter "clareza, concisão e objetividade, esforçando-se pela revisão severa e incessante, quanto ao fundo e à forma de originais que devam ser entregues ao público". (8) Porém, lamentavelmente existem órgãos de imprensa espírita que mais não fazem senão exacerbar a arrogância dos responsáveis das instituições, publicando sistematicamente suas "fotos e nomes dos dirigentes", numa clara manifestação de completa ausência de humildade.

É bom refletirmos sobre isso! Recordemos o Espírito Emmanuel, que avisa: "o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação". (9) Consideração e homenagem à virtude, ao talento, à coragem, às boas ações dos verdadeiros jornalistas espíritas e seus periódicos, imunes ao endosso às práticas antidoutrinárias; que sigam avante na tarefa de amor às letras do Consolador, que fazem vibrar corações e jubilam os espíritas que a elas se consagram.

Referência blibliográfica:

(1) Xavier Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000, perg. 218

(2) Publicado na Revista "Reformador", de 1.º de abril de 1893

(3) Disponível em http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=200 acessado em 14/04/2013

(4) Disponível em http://www.autoresespiritasclassicos.com acessado em 16/04/2013

(5) Kardec Allan. Revista Espírita de maio de 1863, Brasília: Ed Edicel, 2001

(6) Vieira Waldo. Conduta Espírita, ditada pelo Espírito André Luiz, RJ: Editora FEB 1989

(7) idem

(8) idem

(9) Xavier, Francisco Cândido. Estude e Viva, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1971

Chico Xavier e os discos voadores

Fala-se muito nos contatos de seres extraterrenos. Certa vez perguntou-se ao Chico Xavier se ele acreditava na existência de discos voadores. Com extremo bom senso e cautela doutrinária Chico respondeu o seguinte:

"- Eu acredito que existem naves interplanetárias. Mas o assunto é um tanto quanto difícil, porque pertence ao campo da ciência.

Nós não podemos ignorar que, depois da Segunda Guerra Mundial, as superpotências experimentaram determinadas máquinas, mormente máquinas voadoras, naturalmente com segredos de Estado que são compreensíveis. Possivelmente, teremos máquinas de formas esféricas para voar e concorrer com nossos aviões, com nossos "Concordes" e talvez estejam esperando a hora certa para surgir.

Se entrarmos aí numa contenta sobre discos voadores, que dependem de outros mundos, de outras regiões de nossa galáxia, e se as sedes desses engenhos não permitirem que eles venham visitar a Terra durante muito tempo e aparecerem as máquinas esféricas das superpotências, então com que rosto vamos aparecer?

Vamos deixar que a ciência resolva este problema." Grifo meu (*)

Jorge Hessen

Transcrito do livro Chico Xavier - Mandato de Amor, Editado pela União Espírita Mineira - Belo Horizonte, Minas Gerais.

Chico Xavier na Sapucaí jamais poderá ser um enredo da razão

Sem querer ser "fiscal do Espiritismo" (como costumam dizer os espíritas "bonzinhos de carteira funcional e crachá") e ditar regras de falsos purismos e extemporâneos sermões embebidos de ladainhas, não nos omitiremos em comentar a reportagem veiculada pelo jornal O Globo, assinada pelo repórter Rafael Galdo, noticiando que a escola de samba Unidos do Viradouro trará, neste ano de 2011, um carro alegórico contendo a imagem do Francisco Cândido Xavier. Tal iniciativa é para fugir do convencional, a fim de voltar ao Grupo Especial, consoante afirma o carnavalesco Jack Vasconcelos. Nesse projeto que homenageia Momo, uma das apostas da escola de samba é um setor inteiro, no fim do desfile, dedicado ao "espiritismo"(!?). No enredo "Quem sou eu sem você", Jack fará, no último carro, uma homenagem ao Médium de Pedro Leopoldo. Chico será representado por uma escultura (em que aparecerá psicografando) cercada por 60 componentes, alguns deles "espíritas"(!?), que farão uma performance de "mediunidade" (!?). Todo espírita estudioso sabe que nenhum espírito[a] equilibrado, em face do bom senso que deve presidir a existência das criaturas, pode fazer a apologia da loucura generalizada, que adormece as consciências, nas festas carnavalescas. (1) Por essa razão, consterna-nos o fato de ver ligado a festas profanas o tema "Espiritismo", assim como a personalidade impoluta de Chico Xavier. A dita matéria afirma que a diretoria da Federação Espírita Brasileira estaria de acordo com tal projeto, desde que nenhum "preceito do espiritismo seja desrespeitado na apresentação da vermelho e

branca”. A diretoria da FEB através do seu Portal na Internet “declara que respeita o direito de todos os que, no uso de sua liberdade de ação, agem no mesmo sentido de colocar a mensagem consoladora e esclarecedora dos ensinos espíritas ao alcance e a serviço de todas as pessoas, onde elas se encontrem, orientando, todavia, para que esse trabalho seja sempre feito preservando os seus valores éticos e doutrinários.”

Esse comportamento light, estilo “lava as mãos” é desconsertante.

Divulgar a Doutrina Espírita é um ato de caridade para com ela, entretanto, divulgá-la através desse meio não se “preserva os seus valores éticos e doutrinários” e é, sem dúvida, deturpá-la em suas bases, causando incalculáveis prejuízos morais, com grande responsabilidade vinculada. Não há como compreender a "neutralidade" da diretoria da FEB, até porque há incompatibilidade total e absoluta entre os objetivos do folguedo momesco e os postulados da Doutrina dos Espíritos. A origem do carnaval remonta as teias primitivas de um passado remoto que devemos, por impulso evolutivo, abandonar urgentemente. O termo carnaval é oriundo de uma festa romana e egípcia em homenagem ao Deus Saturno, quando carros alegóricos (a cavalo) desfilavam com homens e mulheres. Eram os carrum navalis, daí a origem da palavra "carnaval". Há quem interprete a palavra conforme as primeiras sílabas das palavras da frase: carne nada vale. Como festa popular, poderia ser um acontecimento cultural plausível, não fossem os excessos cometidos em nome da alegria.

Acompanhar a espetacularização da imagem de Chico Xavier, de André Luiz e de tantos outros irmãos queridos nossos, que tanto contribuíram e contribuem com seus ensinamentos sublimes, aliadas a uma festa que é a própria apologia às piores viciações do ser humano, é o que podemos chamar de cúmulo do paradoxo entre a teoria e a prática Espírita. Por essas razões, recomenda o Espírito André Luiz para

"afastar-nos de festas lamentáveis, como aquelas que assinalam a passagem do carnaval, inclusive as que se destaquem pelos excessos de gula, desregramento ou manifestações exteriores espetaculares, pois a verdadeira alegria não foge da temperança.” (2)

Estudos demonstram que durante os delírios e farras dos carnavalescos, para cada 100 casais que caem juntos na folia, setenta terminam a noite brigados (cenas de ciúme etc.); que, desses mesmos 100 casais, posteriormente, sessenta sucumbem ao adultério, cabendo uma média de trinta para os homens e trinta para as mulheres; que, de cada 100 pessoas (homens e mulheres indistintamente) no carnaval, pelo menos setenta se submetem espontaneamente a coisas que normalmente abominam no seu dia a dia, como álcool, entorpecentes etc. Dizem ainda que tudo isso decorre do êxtase atingido na “grande festa”, quando o símbolo da “liberdade” e da “igualdade”, mas também da orgia e depravação, somadas ao abuso do álcool, levam as pessoas a se comportarem fora do seu normal. O Espírito Emmanuel adverte: "Ao lado dos mascarados da pseudo-alegria, passam os leprosos, os cegos, as crianças abandonadas, as mães aflitas e sofredoras. (...) Enquanto há miseráveis que estendem as mãos súplices, cheios de necessidades e de fome, sobram as fartas contribuições para que os salões se enfeitem." (3)

Na ribalta dos carros alegóricos, os obsessores "influenciam os incautos que se deixam arrastar pelas paixões de Momo, impelindo-os a excessos lamentáveis, comuns por essa época do ano, e através dos quais eles próprios, os Espíritos, se locupletam de todos os gozas e desmandos materiais, valendo-se, para tanto, das vibrações viciadas e contaminadas de impurezas dos mesmos adeptos de Momo, aos quais se agarram." (4)

"É lamentável que na época atual, quando os conhecimentos novos felicitam a mentalidade humana,

fornecendo-lhe a chave maravilhosa dos seus elevados destinos, descerrando-lhe as belezas e os objetivos sagrados da Vida, se verifiquem excessos dessa natureza [CARNAVAL] entre as sociedades que se pavoneiam com os títulos da civilização." (5) Os foliões inveterados alegam que o carnaval é um extravasador de tensões, liberando as energias (?!) Ora!... transbordador de tensões é a capacidade de se arregaçar as mangas e colaborar em regime permanente (sem ôba-ôba) na recuperação das vítimas das cidades serranas do Rio de Janeiro, destroçadas pelas chuvas recentes). É verdade! No período carnavalesco, não encontramos diminuídas as taxas de agressividade e as neuroses. O que se vê é um verdadeiro somatório da violência urbana e de infelicidade familiar. As estatísticas registram como consequências do "reinado de Momo", por exemplo, gravidezes indesejadas e a consequente proliferação de abortos provocados, acidentes automobilísticos, aumento da criminalidade, estupros, suicídios, incremento do uso de diversas substâncias estupefacientes e de alcoólicos, assim como o surgimento de novos viciados, disseminação das doenças sexualmente transmissíveis (inclusive a AIDS) e as ulcerações morais, marcando profundamente certas almas desavisadas e imprevidentes.

Os três dias de folia, assim, poderão se transformar em três séculos de penosas reparações. É bom pensarmos um pouco nisto: o que o carnaval traz ao nosso Espírito? Alegria? Divertimento? Cultura? Será que o apelo de Momo faz de nós homens ou mulheres melhores? Edifica o nosso Espírito? Muitos espíritas, ingenuamente, julgam que a participação nas festas de Carnaval, tão do agrado dos brasileiros, nenhum mal acarreta à nossa integridade fisiopsicoespiritual. No entanto, por detrás da aparente alegria e transitória felicidade, revela-se o verdadeiro atraso espiritual em que ainda vivemos pela explosão de animalidade que ainda impera em nosso ser. É importante lembrá-los de que há muitas outras formas de

diversão, recreação ou entretenimento disponíveis ao homem contemporâneo, alguns verdadeiros meios de alegria salutar e aprimoramento (individual e coletivo) para nossa escolha.

Não vemos, por fim, outro caminho que não seja o da "abstinência sincera dos folguedos", do controle das sensações e dos instintos, da canalização das energias, empregando o tempo de feriado do carnaval para a descoberta de si mesmo, o entrosamento com os familiares, o aprendizado através de livros e filmes instrutivos ou pela frequência a reuniões espíritas, eventos educacionais, culturais ou mesmo o descanso, já que o ritmo frenético do dia-a-dia exige, cada vez mais, preparo e estrutura físico-psicológicos para os embates pela sobrevivência.

Em síntese, se o carnaval é uma ameaça ao bem-estar social, nós espíritas temos muito a ver com ele, porque uma das tarefas primordiais de nossa Doutrina é a de lutar por dispositivos de preservação dos valores mais dignos da sociedade, sem que se violente, obviamente, o direito soberano do livre-arbítrio de cada um, mas não nos esquecendo que no carnaval sempre ocorre obsessão (espiritual) como resultado da invigilância e dos desvios morais. Somente poderemos garantir a vitória do Espírito sobre a matéria se fortalecermos a nossa fé, renovando-nos mentalmente, praticando o bem nos moldes dos códigos evangélicos, propostos por Jesus Cristo e não esquecendo os divinos conselhos do Mestre: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca''.(6)

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Sobre o Carnaval, mensagem ditada pelo Espírito Emmanuel, fonte: Revista Reformador, Publicação da FEB fevereiro/1987

(2) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo Espírito

André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, cap. 37 "Perante As Fórmulas Sociais"

(3) Xavier, Francisco Cândido. Sobre o Carnaval, mensagem ditada pelo Espírito Emmanuel, fonte: Revista Reformador, Publicação da FEB fevereiro/1987

(4) Pereira, Ivone. Devassando o Invisível, Rio de Janeiro: cap. V, edição da FEB, 1998

(5) Pereira, Ivone. Devassando o Invisível, Rio de Janeiro: cap. V, edição da FEB, 1998

(6) Mt 26:41

Francisco de Paula Cândido ou puramente o "Cândido Xavier de todos os povos"

Temos acompanhado a votação do "Maior brasileiro de todos os tempos". Observamos que há extraordinário entusiasmo da plateia do SBT. Percebemos isso, principalmente quando foi anunciada a vitória do Chico Xavier sobre Airton Senna, sendo, por esse motivo, eleito para a grande final do certame. Assim como o século XIX, em termos de Espiritismo, foi o "Século de Allan Kardec", o século XX e XXI serão conhecidos, no Brasil, como os "Séculos de Chico Xavier". Há um intenso acatamento por Chico Xavier na Pátria do Evangelho e, em particular, em Minas Gerais, que o elegeu, em promoção da Rede Globo-Minas, em 2000, "O mineiro do século", com mais de 700.000 votos, derrotando Santos Dumont, Pelé, Betinho, Carlos Drummond de Andrade, Juscelino Kubitschek, Carlos Chagas, Guimarães Rosa e outros. Há alguns anos ocorreu outro sufrágio para eleger o "Maior brasileiro da história", realizada pela revista Época na internet, e na ocasião o médium de Pedro Leopoldo obteve 36% do total dos votos, sendo eleito o Maior brasileiro da história.

Transcorridos 102 anos do nascimento do maior médium da história e seu nome permanece estimado. É até natural que tenhamos uma renovação do interesse pelo tema "Chico Xavier": desde filmes a livros e matérias de revistas conhecidas, além é claro dos costumeiros ataques. Chico sempre inspirou os crédulos e algumas vezes incomodou os agentes contrários ao Espiritismo. Curiosamente o filme As vidas de Chico Xavier foi baseado numa pesquisa do jornalista – e descrente – Marcel Souto Maior sobre a vida de Chico. Foi uma biografia escrita por

um céptico que gerou um filme dirigido por um ateu (Daniel Filho), tendo o papel de protagonista incidido sobre um ator que além de ateu sempre foi comunista (Nelson Xavier). Detalhe: Todos se disseram “mudados” pela história de Chico (1).

A figura de Chico Xavier, como pessoa, ainda é insuficientemente conhecida. Newton Boechat dizia “Chico Xavier é indimensionável. Sobre ele nada adiantam os critérios humanos que sempre refletem os seus biógrafos, nunca o biografado.(2) Para Cesar Perri, diretor da Federação Espírita Brasileira, “a portentosa obra mediúnica de Chico Xavier constituir-se-á em matéria para metabolização em longo prazo, por parte da família espírita e da Humanidade. Há claras propostas traçadas para um novo homem e para a construção de uma nova sociedade.” (3)

Chico Xavier nunca pensou em si, e sim, no próximo, mormente os carentes. Seus mais de 400 livros somam aproximadamente 45 milhões de cópias vendidas, segundo Perri. “Somente o livro ‘Nosso Lar’ tem 2,5 milhões de edições comercializadas em 15 idiomas”.(4) São livros publicados em diversos idiomas, cerca de 600 autores e centenas de mensagens esparsas, cujos direitos autorais (se cobrasse)lhe granjeariam a fabulosa fortuna de aproximadamente 200 milhões de reais, que ele caridosamente doou e distribuiu para centenas de instituições filantrópicas. Chico nunca ficou com um centavo do dinheiro arrecadado com as vendas. Viveu inteiramente a vida em residência humilde, sustentado por sua aposentadoria, e atendendo pessoas de segunda a sábado sem jamais cobrar nada de alguém.

Não há, na história humana, um único caso de potencial mediúnico que se compare a Chico na psicografia. Ele nunca foi psicopata ou epilético. Não há um único registro médico de alguma doença mental! Mas, em nome da pseudociência críticos de plantão apresentaram 4 explicações para o

fenômeno “Chico Xavier”: psicose, epilepsia, criptomnésia e telepatia. Esqueceu-se, no entanto, de pedir aos “cientistas” para reproduzir em outras pessoas o fenômeno mediúnico e escrever obras do nível de “Evolução em Dois Mundos”, “Mecanismos da Mediunidade”, “A Caminho da Luz”, “O Consolador” com conteúdos cientificamente irrepreensíveis, e romances do gênero “Há Dois Mil Anos”, “Ave Cristo!”, “Renúncia”, “Paulo e Estevão”, incomparáveis em beleza e em profundidade que seria a tal criptomnésia, por exemplo, é um tipo de distúrbio de memória que faz com que as pessoas se esqueçam de que conhecem uma determinada informação. Segundo essa teoria, Chico psicografava “sem saber” do próprio inconsciente, e resgatava as informações que já havia “lido em algum lugar” durante a vida. Porém, imaginemos que junto a sua biblioteca composta de poucos livros e algumas revistas que ocasionalmente leu durante a vida, expliquem como tais informações se alojaram no seu inconsciente sem que ele conhecesse, nada mais risível... E sobre as poesias? E quanto aos volumes científicos? E quanto às explicações a propósito de economia e outros temas completamente fora de sua competência que deu certa ocasião aos inquisidores da Revista Cruzeiro que tentaram humilhá-lo?

Anotou Marcel Souto Maior que quando os jornalistas da Revista Cruzeiro realizaram a célebre reportagem tentando ridicularizá-lo e desacreditá-lo, Chico reclamou para Emmanuel e este respondeu: “Rejubile-se, lembre que Jesus Cristo foi para cruz e você foi para o “Cruzeiro”.(5)

Lembram-se do espetáculo cultural que demonstrou durante o programa Pinga-Fogo da TV Tupi, realizado em 27 de julho de 1971? Chico provou seu descomunal conhecimento e incomensurável desenvoltura poética. À época, os antagonistas insinuaram que Chico Xavier foi um fracasso no “Pinga-Fogo”, todavia, conforme o “IBOPE” da época, 40 milhões brasileiros assistiram ao programa. Considerando-se que a população na

época era de 90 milhões de habitantes, estamos diante de um fenômeno único na tevê aberta do País. Foi a maior audiência em percentagem da TV brasileira, maior até do que a final da copa de 70. Chico sofreu uma devassa de indagações, mas, convenceu e agradou de tal maneira o público, que a TV Tupi deliberou produzir novo "Pinga-Fogo" em 12 de dezembro de 1971.

Para desgosto dos detratores, consignamos que os maiores poetas e eruditos brasileiros defenderam Chico Xavier. Em 1932, Humberto de Campos, presidente da Academia Brasileira de Letras, indumentado de espantosa audácia ética, deu entrevista ao "Diário Carioca" acastelando o médium, exaltando os temas e os estilos dos espíritos comunicantes, fiéis aos que tinham em vida terrena. Sobre esta hipótese no mínimo tão fantástica quanto à hipótese dos espíritos existirem, Monteiro Lobato declarou: "Se Chico Xavier produziu tudo aquilo por conta própria, merece quantas cadeiras quiser na Academia Brasileira de Letras". Agripino Grieco, um dos mais receados e reverenciados críticos literários do País, confessadamente católico, testemunhou, espantado, Chico psicografar escritos de Augusto dos Anjos e Humberto de Campos, deixando evadir-se no seu arrebatamento e admiração perante estilos sóbrios e irrepreensíveis.

Asseguramos, sem fanatismo nenhuma, que inexistirá quem possa substituí-lo com a mesma índole de coragem, humildade, amor e elevação espiritual. Percebemos que aguardaremos uma eternidade (coloca tempo nisso!), até que Deus expeça a reencarnação de outro ser humano (ou sobre-humano?) da mesma natureza moral de Francisco de Paula Cândido (nome civil), ou seja, Francisco Cândido Xavier (pseudônimo literário), o "Cândido Xavier" de todos os povos.

Uma situação que muito nos entristece presentemente são as bombásticas "revelações" dos que conviveram com ele e estão alegando que Chico disse lhes isso ou aquilo (assuntos

forasteiríssimos tais como previsões com datações de catástrofes, extraterrestres, abduções, "suas" reencarnações anteriores etc...). Em verdade uma coisa é ouvir dizer que o Chico disse (!); outra é ouvir o Chico dizer. Uma coisa é ler narrações a respeito dele; outra é vê-lo expressar-se naquela simplíssima modalidade, como ele o fez. Ele foi, no culminante da compreensão humana, aquele amor que se deu, firmemente, e que, agora, por íntimo regozijo de si mesmo empunhará das esferas luminosas o bastão dos destinos da Terceira Revelação na Terra.

Recordamos que no dia 30 de Junho de 2002, a televisão noticiou em apenas 15 segundos o seu falecimento para exibir horas a fio a repercussão da conquista do penta campeonato pela seleção brasileira de futebol. No dia seguinte as pessoas chegaram ao trabalho e conversaram, não sobre o Chico Xavier, mas sobre a Copa conquistada.

Em verdade, Chico deixou a existência no mundo discretamente, sem ostentação, sem algazarra. Sua vida foi simples demais para se compreender assim com facilidade. O que é simples é profundo e difícil. E por ser difícil é que muitos, sem compreenderem, tentaram lhe fazer justiça. Gritaram tardiamente o quanto foi digno. Tentaram contrabalançar a discreta notícia de sua "morte" com preleções e inscrições abrasadas, exaltando a sua excelsitude. Contudo, Chico Xavier nunca precisou dessas homenagens, porquanto, naquela manhã, foi recepcionado e abraçado pelo Governador da Terra nas paragens luminosas das Esferas Sublimes do firmamento.

Referências bibliográficas:

(1) Essa "mudança" é narrada no livro de Marcel Souto Maior sobre os bastidores da filmagem de Chico Xavier, O Filme. Não quer dizer, nem de longe, que tenham se convertido ao Espiritismo... Mas o exemplo moral de Chico é capaz de

afetar – no bom sentido – até os maiores opositores da doutrina, contanto é claro que se disponham a estudá-lo.

(2) Boechat, Newton. Artigo Chico Xavier: a Liderança Insubstituível, publicado no Jornal A Nova Era - Setembro de 1980

(3) Carvalho, Antonio Cesar Perri de Admiração por Chico Xavier, artigo publicado no Dirigente Espírita número 66, de julho/agosto de 2001

(4) Disponível em acessado em 12/09/2012

(5) Maior, Marcel Souto. As Vidas de Chico Xavier, São Paulo: Editora: Planeta do Brasil, 2003.

Homenagens ao centenário Chico Xavier - uma necessária reflexão

Chico deve estar tomado pela indignação, no além-túmulo, em face das festividades que estão sendo planejadas para homenageá-lo. Há programação para uma monumental celebração pelo seu centenário, em 2010. Em Brasília, será cobrado, por "pessoa", R$ 120,00 (cento e vinte reais), no mínimo, para a realização de um Congresso. Em Pedro Leopoldo, pretendem erigir um hiper complexo, com grandes pavilhões, construir museus, departamentos diversos, fontes luminosas, cristalinas passarelas de acrílico com a mais alta tecnologia em luzes, laser e néon. Tudo isso, com dinheiro da venda de livros, doações e dinheiro público, cobrando-se ingresso das pessoas nos eventos espíritas, infelizmente!... Em Uberaba, além dos monumentos, dos bustos, dos museus, nas praças e avenidas haverá shows, congressos, festivais, lançamentos... festa.

Chico sempre foi avesso a essas manifestações, e sempre esteve longe dessa idolatria. Dos mais de quatrocentos livros psicografados, todos foram doados, sem quaisquer ônus, para que as editoras e fundações pudessem disseminar a palavra dos mensageiros. Porém, vender livros, atualmente, é um ramo altamente lucrativo, que, infelizmente, tem financiado construções faraônicas, tem custeado viagens e caravanas de doutrinação, e visitas ao exterior, sempre com hospedagens nos mais luxuosos hotéis, é óbvio!!!.

Em Belo Horizonte, estão construindo, ao lado de uma favela, a "Casa de Chico", uma gigantesca e moderna edificação, um verdadeiro palácio arquitetônico, no que serão

gastos milhões e milhões de reais, arrecadados da venda exorbitante das obras doadas, um golpe mortal à doutrina do Consolador!

Para homenagear Chico Xavier, deveríamos nos empenhar em minorar o sofrimento dos desvalidos. Ao invés de gastarmos essa dinheirama toda com tamanha soberba, deveríamos aplicá-la em hospitais que estivessem necessitando de mais recursos, em asilos, orfanatos, escolas profissionalizantes, e/ou em inúmeras formas de se exercer a caridade.

A cobrança de taxas para ingresso nos eventos espíritas, sejam eles realizados em qualquer lugar do mundo, é algo absolutamente trágico. Os eventos modestos e produtivos sempre são subestimados e substituídos por congressos, simpósios ou conferências retumbantes, pelo patético prazer de ostentar. Na falta de argumentos que justifiquem o alto preço fixado, são exaltados os títulos e "status" dos ilustres convidados, numa inaceitável elitização da mensagem espírita, que deve ser, por excelência, simples.

Não desconhecemos que todas e quaisquer promoções têm seu custo, sobretudo financeiro. Por isso, os organizadores desses eventos devem, antecipadamente, envidar todos os esforços, no sentido de estudar a viabilidade de eles serem realizados, sem que haja a necessidade de se cobrar taxas para o ingresso dos interessados. Ora, para suportar despesas, é necessário reduzir custos, obviamente, e, em face disso, exige-se um planejamento minucioso, não somente dos gastos, mas quanto ao programa a ser apresentado, à data que dará início ao evento e à sua periodização, com vistas às legítimas necessidades do Movimento Espírita brasileiro, lembrando que o evento deve primar pela simplicidade, sem desconsiderar a sua qualidade, adequando sua logística de acordo com o essencial, e nada mais que isso.

Para esse desiderato, importa captar os recursos com boa antecedência, sobretudo, através do rateio espontâneo entre os

companheiros interessados na empreitada. Nada impede que realizem promoções, doutrinariamente corretas, para angariar fundos financeiros, com a participação das instituições espíritas bem dirigidas. Contudo, em nome da difusão doutrinária, algumas instituições tangem nos perigosos jogos da vaidade, realizando congressos, cujos elencos reforçam o palco do estrelismo.

Por oportuno, destacamos aqui o editorial do Jornal Mundo Espírita, da Federação Espírita do Paraná, de Junho de 2002, que alerta: "Impensável (...) se é que há, o caso daquela Instituição que queira promover eventos doutrinários pagos, visando fazer caixa para sustento de suas atividades gerais. Essa também estará muito distante dos parâmetros efetivamente espíritas."(1) Nesses Congressos pagos, objetivando a divulgação do Espiritismo, seus coordenadores sempre justificam tal cobrança, alegando que têm necessidade de recursos materiais e financeiros, sem os quais não atingiriam seus propósitos, aliás, objetivos muito ao gosto da fina flor social.

É claro que não podemos nos esquecer de que, se temos liberdade para pensar e agir, desta ou daquela maneira, há mister de nos mantermos fiéis aos ensinos dos Espíritos. A propósito, recorremos a André Luiz, em "Conduta Espírita", que nos recomenda "não angariar donativos em nossas instituições, para não sermos tomados à conta de PAGAMENTOS POR BENEFÍCIOS".(2) (grifamos) É óbvio que os eventos espíritas têm despesas a serem pagas, mas podemos promover a sua materialização pelas inúmeras alternativas de colaboração espontânea dos profitentes na sua execução. Somos a favor de quem possa contribuir para cobrir os custos com alimentação, material gráfico, hospedagem e outras despesas necessárias ao evento. Que fique bem claro o seguinte: quem não tiver condições financeiras para colaborar, que possa, igualmente, participar do evento.

O que não podemos, e nem devemos fazer, é cobrar por aquilo que oferecemos em nome do Espiritismo. Por isso, recorremos, mais uma vez, a André Luiz, em "Conduta Espírita", onde ele diz: "QUEM SABE SUPORTAR AS PRÓPRIAS RESPONSABILIDADES, DÁ TESTEMUNHO DE FÉ"! (grifamos)

Recordamos um editorial da revista "O Espírita", de jan/mar-93: "A FÉ COMEÇA NOS LÁBIOS, OBRIGATORIAMENTE PASSA PELO BOLSO, PARA SE INSTALAR NO CORAÇÃO". (3)

Será que os consagrados líderes e divulgadores espíritas, que percorrem o País, sabem desses festivais de Congressos pagos? Se têm consciência, e nada fazem, são omissos e a omissão é falta grave ante as Leis de Deus. Sendo verdadeira a última hipótese, transparece o resultado natural das confusas lideranças doutrinárias, salvo raras exceções, que a despeito de terem um bom patrimônio teórico, falta-lhes o que sobrava em Chico Xavier: modéstia.

É por essas e outras que muitos eventos "grandiosos" remetem médiuns, escritores e oradores, em número expressivo, ligados à tarefa de divulgação, a se perderem, "sutilmente", no exibicionismo, no estrelismo e na tosca vaidade, quando deveriam experimentar a humildade e o esquecimento de si mesmos, para ensinarem, com segurança, a todos os que neles buscam lições.

Chico deve estar tomado pela indignação, no além-túmulo, e com razão.

Referências bibliográficas:

(1) Editorial do Jornal Mundo Espírita, da Federação Espírita do Paraná, publicado em Junho de 2002.

(2) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 2001.

(3) Editorial da revista "O Espírita" de Brasília edição de jan/mar-93.

O porvir do Espiritismo ante a era da comunicação virtual

Peter Bradwell, autor de uma pesquisa feita em um centro de estudos britânico, sugere que os patrões deveriam evitar restringir que seus funcionários visitem sites, de relacionamento social, em horários de trabalho. O autor defende, ainda, a importância que os sites, como Facebook, MySpace ou Orkut, têm para vida profissional. Porém, recomenda que as empresas fiquem alerta e interfiram, com rigidez, em relação aos funcionários que abusam do uso desses sites.

Para o pesquisador, a utilização dessas tecnologias, visando maior aproximação com ex-funcionários e clientes em potencial, pode aumentar a produtividade, pode incentivar a criatividade, e pode ajudar a manter um ambiente de trabalho mais democrático. Contudo, alerta que são necessárias regras claras para o uso apropriado de sites de relacionamento. “É bom que as companhias estejam cientes das tensões e analisem a implantação de regras práticas para proteger o impacto positivo das redes de relacionamento", conforme afirmou Robert Ainger, da companhia de telefonia celular, Orange, que encomendou o relatório. (1)

“A maneira como as pessoas interagem com os computadores vai mudar, dramaticamente, nos próximos anos”, afirmou o fundador da Microsoft, Bill Gates, em entrevista à BBC. (2) Ele prevê que as interfaces tradicionais, como o teclado e o mouse, darão espaço, gradualmente, a tecnologias mais intuitivas e "naturais", como o toque, a visão e a fala. “Em cinco anos, teremos dezenas de milhões de pessoas sentadas navegando, organizando suas vidas, usando este tipo de

interface de toque.” (3) Cremos que “a Internet tem papel fundamental como palco para a democratização do saber, através de sua diversidade e pluralismo.” (4)

Existem espíritas que veem a Internet com olhos enviesados, aguilhoados pelos seus medos e mitos. Mas, é importante lembrar que o Espiritismo é uma doutrina aberta aos avanços científicos. O pessimista de plantão e o crítico de carteirinha rejeitam a Internet por causa dos excluídos digitais, o que é ainda uma grave realidade. Mas, acredito que no porvir, ter Internet com tecnologias muitíssimo mais avançadas, usando nossos sentidos, eu diria, será tão comum quanto ter uma geladeira, uma televisão ou mesmo um telefone. Já estamos vendo isso no Estado do Pará.

Transformações sociais, mudanças no panorama dos conhecimentos gerais do homem, não podem estagnar o Espiritismo, não podem fechá-las em um pétreo corpo ortodoxo. A incompatibilidade, que se acredita existir entre tecnologia (ciência) e religião, “provém de uma falha de observação, e do excesso de exclusivismo de uma e de outra parte. Disso resulta um conflito, que originou a incredulidade e a intolerância”. (5) Divaldo diz que “se Allan Kardec estivesse reencarnado, nestes dias, utilizar-se-ia da Internet com a mesma nobreza com que recorreu à imprensa, do seu tempo, na divulgação e defesa do Espiritismo, diante dos seus naturais adversários”. (6)

Segundo o ínclito professor Rivail, "uma publicidade em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até as localidades mais distantes, o conhecimento das ideias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporia silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral.” (7)

Desde a popularização do rádio, disseminado em grande parte do mundo, até as décadas de 30 e 40; a expansão da TV,

disseminada no Brasil, a partir dos anos 50; a Internet, a partir da década de 90, com a criação dos sistemas de rede (web), creditada a Tim Berners Lee, o nível de informação das pessoas aumentou, consideravelmente. Mesmo aqueles que, na sociedade atual, são considerados ignorantes, detêm um volume de informação muito maior que há algumas décadas. Em termos espíritas, isso pode proporcionar um aprofundamento sobre a Doutrina por parte daqueles que já se dizem adeptos, e, também, atrair outros que tenham alguma informação sobre o caráter conceitual do Espiritismo.

Não devemos temer a Internet, tal qual, no mundo medievo, a Inquisição temia os livros. Apoiados no bom senso kardeciano, é urgente aprendermos a arrostar os desafios cibernéticos, sempre com a intenção de procurar a verdade e de esclarecer. Devemos saber distinguir o trigo do joio. A Internet, a despeito das informações incorretas, das agressões, das infâmias, da degradação e do crime, é, sem dúvida alguma, um instrumento de grandiosas realizações que dignificam o homem e preparam a sociedade para um porvir mais promissor.

Pela Internet, são possíveis os estímulos de fraternidade entre as diversas instituições espíritas em nível mundial. Pela Internet, está surgindo um novo paradigma para o movimento espírita, reforçando a diretriz dada por Bezerra de Menezes e Ismael, na Pátria do Evangelho. Se o "Convertido de Damasco teve que andar centena de milhares de quilômetros a pé, de cidade em cidade, para divulgar o Evangelho, Deus, atualmente, dá-nos a oportunidade de estarmos no aconchego e comodidade do nosso lar e difundir a Terceira Revelação para todos os continentes.

Diante disso, como garantir que o material postado seja legítimo? Como evitar que surjam cópias falsas ou mal editadas? Ambas as questões são importantes e relevantes, para que possamos entender como aplicar a Internet, corretamente, ao ambiente espírita. Nesse caso, a vigília

equilibrada é fundamental para atingir uma abordagem balanceada, que possa explorar, plenamente, a tecnologia que temos disponível, e, concomitantemente, projetar os objetivos maiores do trabalho que está sendo desenvolvido, por permissão do Cristo, em nome da Terceira Revelação.

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em http://www.estadao.com.br/geral/not_ger269431,0.htm, acessado em 20-01-10

(2) Bill Gates em resposta a perguntas de usuários do site em inglês da BBC, disponível em http://www.estadao.com.br/tecnologia/not_tec105424,0.htm, acessado em 20-01-10

(3) idem

(4) Entrevista de Pierre Lévy (filósofo) dada ao programa Roda Viva, da TV Cultura de SP, em que fala da cibercultura

(5) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, Cap. I - item 8

(6) Franco, Divaldo Pereira - Entrevista dada para a Revista Eletrônica "O Consolador" em 13.04.08

(7) Kardec, Allan. Obras Póstumas, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Projeto 1868

Internet dependência

Estudos demonstram que o uso excessivo da internet é um perigo para a saúde mental. A prisão psíquica pelo computador está unida à depressão e variações de humor que podem ser semelhantes a crises de abstinência e fazer com que um internauta apresente traços de autismo. Sim! o fato de o vício em internet ser fortemente relacionado a traços de autismo é um dado científico recente, e pode ser de natureza semelhante a associações estabelecidas entre isolamento social e esse tipo de dependência.

Por que será que o mundo de chip, bit, modem, memória RAM, webcam, som, poesia, cultura, conteúdo para adulto, ciência, hacker, filosofia, perigos etc., vem fascinando mais do que a vida que se levava antes da década de 80? Permanecer neste mundo virtual diante de um monitor. Será por medo? vergonha? timidez? falta de amor próprio? insegurança? carência? solidão? Ou será encantamento, necessidade de conhecimento, de realizar feitos inenarráveis, de ultrapassar limites, provocar reações... ou apenas poder se comunicar?

Os vícios tecnológicos são denominados de tecnoses. No caso específico da internet é conhecido como internet-dependência ou cibervício. Pessoas viciadas em internet são muito mais predispostas a apresentar alteração de humor negativa e péssimo estado de espírito logo após desligarem o computador do que internautas que usam a rede mundial de computadores de forma moderada. É um quadro análogo à síndrome de abstinência e robustece ainda mais a ideia de que esses viciados sofrem de dependência cibernética.

Na América do Norte, a "compulsão à internet" é tratada por

um crescente número de centros médicos especializados, entre eles os da Universidade de Maryland, em College Park, e o Computer Addiction Study Center, do Hospital McLean, em Belmont, Massachusetts. A questão "cibervício" está sendo analisada e deverá ser publicada no mês de maio de 2013 no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM, sigla em inglês), documento considerado por muitos médicos como a "bíblia da psiquiatria".

Afirma Phil Reeds que "quando essas pessoas [ciberviciados] se veem off-line, elas passam a apresentar um humor muito mais negativo, assim como indivíduos que deixam de usar drogas ilegais, como o ecstasy". Esses indivíduos "talvez precisem de ajuda para entender as razões para o uso em excesso da internet e qual é a função do hábito em suas vidas".(1) Óbvio que o uso intensivo e inadequado do computador causa problemas de saúde variados. Podem ser identificados problemas relacionados à visão, mente, músculos, articulações e coluna. As queixas de quem sofre esses problemas incluem fadiga, cansaço e irritação ocular, visão turva, tensão muscular, dores de cabeça, stress, dores no pescoço, costas e braços. Dentre os principais problemas, estão as Lesões por Esforço Repetitivo (LER), que agora são reconhecidas como Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT).

Apesar de não haver consenso, existe um estudo da Universidade La Salle, divulgado em 2008, afirmando que há um total de 50 milhões de adictos(2) na web. Todavia, outro relatório da Advances Psychiatric Treatment informa que o número de compulsivos gira em torno de 5% a 10% do total de internautas no mundo (estimados em 1,3 bilhão de pessoas, de acordo com o Internet World Stats) – isso dá cerca de 100 milhões de pessoas.

Na China, dos 18,3 milhões de internautas adolescentes, mais de 2 milhões são viciados na rede mundial de

computadores. Há casos extremados em que internautas morrem após longas horas diante de videogames. Li Meng, um chinês viciado em jogos virtuais, passa a maior parte do tempo jogando on-line. Meng “reside” há seis anos em um cybercafé em Changchun, no nordeste do país, recusa-se a conversar com as pessoas que frequentam o local e não corta o cabelo há muito tempo, e só deixa o cybercafé exclusivamente para comer e tomar banho.

A despeito dos riscos concretos que o uso inadequado da web pode apresentar, a priori não identificamos a Internet como algo danoso ao homem; ao oposto! Ela é uma extensão da vida real, difundida pelas ondas eletromagnéticas sutis, além de ser uma ferramenta indispensável na sociedade contemporânea. Sem ela o mundo trava, imobiliza tudo e todos.

É evidente que não precisamos ter receios da Internet como a Inquisição teve medo dos livros. Tal como o Codificador, devemos aprender a arrostar as investidas, sempre com a intenção de procurar a verdade e de esclarecer. É supérfluo dizer que é importantíssimo empregar os recursos da Internet em prol dos ideais que orientam nossas vidas. Coopero voluntariamente com um grupo de idealistas e coordenadores do portal http://espiritismo.net. Os dirigentes do portal têm demonstrado a eficácia desse instrumento de difusão doutrinária, através de frentes de trabalhos espíritas reconhecidas, inclusive por muitas federativas, e com isso têm difundido conhecimento e consolo a quantos os buscam.

Referências bibliográficas::

(1) Conforme afirma Phil Reed, professor da Universidade de Swansea, na Grã-Bretanha, disponível em , acessado em 28/04/2013;

(2) Adicto, do latim addictu, é um adjetivo, que significa: Afeiçoado, dedicado, apegado. adjunto, adstrito, dependente. Em medicina é quem não consegue abandonar um hábito nocivo, mormente de álcool e drogas, por motivos fisiológicos ou psicológicos.

Os viciados em internet e a difusão espírita na Web

Por que será que o mundo de chip, bit, modem, memória ram, webcam, som, poesia, cultura, conteúdo para adulto, ciência, hacker, filosofia, perigos,... vem fascinando mais do que a vida que se levava antes da década de 80? Permanecer neste mundo virtual diante de um monitor, será por medo? vergonha? timidez? falta de amor próprio? insegurança? carência? solidão? Ou será encantamento, necessidade de conhecimento, realizar feitos inenarráveis, ultrapassar limites, provocar reações,... ou apenas poder se comunicar?

Apesar de não haver consenso, existe um estudo da Universidade La Salle, divulgado em 2008, afirmando que há um total de 50 milhões de adictos(1) na web. Todavia, outro relatório da Advances Psychiatric Treatment informa que o número de compulsivos gira de 5% a 10% do total de internautas no mundo (estimados em 1,3 bilhão de pessoas, de acordo com o Internet World Stats) —isso dá cerca de 100 milhões de pessoas. Na China, dos 18,3 milhões de internautas adolescentes chineses, mais de 2 milhões são viciados na rede mundial de computadores.

Os vícios tecnológicos são denominados de tecnoses, no caso específico da internet é conhecido como internet-dependência ou cibervício. Não há nenhuma pesquisa brasileira sobre o tema. Assim como há viciados em drogas, no jogo e no tabaco, há pessoas que passam horas a fio na internet, fenômeno que um crescente grupo de especialistas dos Estados Unidos considera um problema psiquiátrico. Na América do Norte, a "compulsão à internet" é tratada por um crescente número de centros médicos especializados, entre eles os da

Universidade de Maryland, em College Park, e o Computer Addiction Study Center, do Hospital McLean, em Belmont, Massachusetts.

É evidente que o uso intensivo e inadequado do computador causa problemas de saúde variados. Podem ser identificados problemas relacionados à visão, mente, músculos, articulações e coluna. As queixas de quem sofre esses problemas incluem fadiga, cansaço e irritação ocular, visão turva, tensão muscular, dores de cabeça, stress, dores no pescoço, costas e braços. Dentre os principais problemas, estão as Lesões por Esforço Repetitivo (LER), que agora são reconhecidas como Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT).

As ondas da web são possantes fontes de comunicação de massa em nível planetário. "Só no Brasil o número de internautas é de 41,5 milhões."(2) A Internet oferece, sem dúvida nenhuma, alguns perigos quando veicula cenas reais de apelos eróticos, de violências nos joguinhos "infantis" etc., mas, "não não se compara a heroína ou a cocaína que isolam a pessoa e a torna dependente."(3) Não se pode olvidar que a Internet está presente nos hospitais, nos tribunais, nos ministérios, nas agências bancárias, nos supermercados, nas lojas, nas escolas, na segurança de nossas casas e empresas, enfim, fazer uma movimentação bancária, compras, observar nota na escola, realizar trabalhos escolares e profissionais, pesquisas. Eis aqui alguns dos exemplos de como estamos mais envolvidos com a informática do que se possa imaginar.

O grande desafio é que na web as informações ainda não têm filtro eficazes e chegam na velocidade da luz, ou seja, é só o tempo de alguém apertar alguns botões, algumas letras no teclado e pronto, já está tudo ao alcance de todos. Por causa desta velocidade, existe uma necessidade urgente de se informar e instruir melhor os usuários deste meio de comunicação. Por essa razão, as crianças que não recebem orientação educativa são muito mais vulneráveis e por

consequência são as mais atingidas pelo volume de informação que podem ser ou não bem interpretadas, por isso podem ser prejudiciais a elas.

Apesar dos riscos que o uso inadequado da web pode apresentar, não identificamos a Internet como algo prejudicial ao homem; ao contrário! ela é uma extensão da vida concreta, difundida pelas ondas magnéticas virtualizadas além de ser uma ferramenta indispensável na sociedade contemporânea. Sem ela o mundo trava, para tudo e todos.

Outra coisa! Não nos esqueçamos de que no mundo corporativo atual, o acesso à Internet é obrigatório e muitos profissionais passam quase todo o tempo em que estão no escritório conectados à rede. Isso não faz deles adictos (dependentes). Há muitos profissionais que passam o dia na Internet. Um webdesigner, por exemplo, pode ficar 14 horas na rede por causa do seu ofício. O que determina o cibervício é a qualidade de uso de um computador na rede mundial.

É redundante dizer que é importantíssimo aproveitar essa ferramenta de comunicação em prol dos ideais que norteiam nossas vidas. Faço parte de um grupo vinculado ao portal http://espiritismo.net. Os administradores do portal têm demonstrado o poder dessa ferramenta de disseminação doutrinária, através de frentes de trabalhos espíritas, reconhecidos, inclusive, no Movimento Espírita nacional e com isso, têm difundido conhecimento e consolo a quantos os procuram.

A propósito, no século XIX Kardec lembrava que: "uma publicidade em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até às localidades mais distantes, o conhecimento das ideias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporia silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral."(4)

Divulgação em grande escala se consegue hoje através da

Internet, que permite trocar informações dos mais variados assuntos, enviar mensagens, conversar com milhões de pessoas ou apenas ler as informações de qualquer parte do planeta.

Na era da cibernética, da robótica "vivemos épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda poucos estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado."(5)

A divulgação na internet deve ser livre, porém aqueles que querem divulgar o Espiritismo devem ter a consciência da responsabilidade, procurando sempre saber as finalidades da divulgação e as suas consequências, porque a Internet não é só livre, ela é abrangente. "Ela atinge proporções globais, colocando o Espiritismo face a face com outras realidades."(6)

Recordando que com o acelerado progresso tecnológico já é possível se obter comunicações audiovisuais o que sem dúvida vai aproximar ainda mais as pessoas. Cada um de nós, do conforto de nossos lares, pode enviar uma palavra amiga, disponibilizar as atividades do seu centro, integrar-se em grupo de estudo e de discussão, ouvir palestras edificantes e até conversar face a face através do computador com pessoas que precisam ser reconfortadas.

Transformações sociais, mudanças no panorama dos conhecimentos gerais do homem não as podem estagnar, não as podem fechá-la em um pétreo corpo ortodoxo. A rigor a Internet é um foro de discussão, de ligação entre todos que se dedicam ao estudo da doutrina, a pesquisa de suas novas fronteiras e a aplicação dos conhecimentos já firmados.

Não devemos ter medo da Internet como a Inquisição teve medo dos livros. Tal como Kardec, devemos aprender a

enfrentar as investidas, sempre com a intenção de procurar a verdade e de esclarecer. Divaldo expõe sua emoção ante a Internet quando diz: "comovo-me diante deste excelente recurso que diminui distância, ainda mais por sentir participando deste nosso convívio alguns benfeitores espirituais que estão a todos nos envolvendo em ondas de paz e vibrações de saúde, entre os quais os Espíritos Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel, Joanna de Ângelis e Vinícius, igualmente felizes, abençoando a tecnologia e a informática utilizadas para o bem".(7)

Referências bibliográficas:

(1) Adicto, do latim addictu, é um adjetivo, que significa: Afeiçoado, dedicado, apegado. adjunto, adstrito, dependente. Em medicina é quem não consegue abandonar um hábito nocivo, mormente de álcool e drogas, por motivos fisiológicos ou psicológicos.

(2) Últimas atualizações do Ibope/NetRatings

(3) Psicóloga Sherry Turkle, autora do livro "Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet"

(4) Kardec, Allan. Obras Póstumas-Projeto 1868, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001

(5) Pierre Lévy - As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004

(6) Artigo de Sérgio e Carlos Alberto Iglesia Bernardo. "Sobre o Espiritismo e a Internet", publicado no Boletim GEAE Número 280 de 17 de Fevereiro de 1998

(7) Divaldo Pereira Franco, em palestra virtual realizada dia 17/03/2000

Internet e Espiritismo – desafios e possibilidades

Atualmente há uma assustadora explosão dos sites de redes sociais, como o "MySpace", "Facebook" e "Orkut", que ganharam grande proeminência em face dos muitos milhões de pessoas inscritas para utilizá-los a fim de publicarem suas informações pessoais. Para muitos internautas o uso das redes de relacionamento é algo tão comum como tomar banho, escovar os dentes e pentear os cabelos pela manhã. Todavia, a natureza quase íntima dessas redes sociais leva as pessoas a compartilharem informações confidenciais sobre sua família, relacionamentos afetivos, situação financeira e vários outros conteúdos de cunho particular, deixando-as, não raro, sujeitas a todo tipo de armadilhas, considerando que esses dados fornecidos na web municiam as pessoas mal intencionadas.

Óbvio que a Internet é importantíssima para todos nós. Com ela podemos ler a maioria dos jornais do mundo contemporâneo utilizando apenas algumas teclas. Temos acesso a um sem-número de enciclopédias e podemos também sondar os filmes que estão em exibição nos cinemas. A rigor, utilizamos uma parte ínfima da vastidão de temas e materiais que se podem conseguir na Rede Mundial de Computadores. Por outro lado, nem sempre é tarefa fácil distinguir entre o conteúdo interessante e a mensagem perigosa e/ou ilegal. Dos riscos iminentes que estremecem a mente humana, destacamos a pornografia (principalmente a infantil) que é, disparadamente, a mais execrável. Não faltam os sites de conteúdo racista, xenófobo, ou de puro incitamento à violência. Muitas vezes o perigo pode vir de uma conversa aparentemente inocente, mantida no programa de conversa à distância - o "Chat".

Da mesma forma que devemos prestar atenção redobrada ao atravessar uma avenida de trânsito intenso, devemos ter a máxima cautela ao navegar na web, pois os perigos são reais. Devemos estar atentos para evitar cair em arapucas cibernéticas. Como aconteceu, recentemente, com uma jovem de 22 anos que sofreu violência sexual no estado de São Paulo. Segundo a Polícia Civil paulista, a vítima havia marcado um encontro com um rapaz após tê-lo conhecido em uma sala de bate-papo na Internet. No local combinado, o criminoso estava em uma moto e, quando a jovem chegou, ele a obrigou a subir na garupa e a levou para um lugar ermo, onde ela foi amarrada e abusada sexualmente.

Um elevado percentual de problemas ocorre porque muitos usuários não têm ideia do alcance da web e não sabem se comportar diante do universo virtual. Os especialistas comparam a Internet a uma grande praça pública, todavia com uma diferença fundamental: as informações e imagens divulgadas podem ser vistas por milhões de pessoas, copiadas e manipuladas, o que exige um cuidado extra.

Existem alguns meios de controlar a "navegação", que restringem, através de senhas, aquilo que crianças e jovens podem ter acesso. Os pais, sobretudo os genitores espíritas, devem conversar abertamente com os seus filhos, alertando-os sobre o lado nocivo da Internet e aconselhá-los a evitar sites perigosos. Nesses casos, orientar será sempre muito melhor do que proibir.

Em tese, apesar dos riscos, não devemos demonizar a Internet tal qual fazia a Inquisição na Idade Média, queimando os livros e destroçando a cultura. Apoiados no bom senso doutrinário, é importante aprendermos a enfrentar os desafios cibernéticos, com a intenção de procurar a verdade e de esclarecer os interessados. É bastante salutar que saibamos separar o trigo do joio.

A Internet, a despeito das informações incorretas, das

agressões, das infâmias, da degradação e do crime, é, sem dúvida, um instrumento de grandiosas realizações que dignificam o homem e preparam a sociedade para um porvir mais promissor. Para o movimento espírita em especial, pela web são possíveis os estímulos de fraternidade entre as diversas instituições kardecianas da Terra. Pelas ondas virtuais está surgindo um novo modelo para o movimento espírita. Se o Apóstolo dos Gentios teve que andar milhares de quilômetros a pé, de cidade em cidade, para espalhar a semente da Boa Nova, Deus, nos dias atuais, dá-nos a oportunidade de estar na comodidade do próprio lar para disseminar os princípios da Terceira Revelação para todos os continentes.

Diante do exposto, indagamos: como garantir a legitimidade desse monumental instrumento de trabalho espírita? O que fazer para explorar mais o enorme potencial de divulgação da Doutrina Espírita através da Internet? Cremos que os Departamentos de Divulgação dos Centros Espíritas, bem como Federações Espíritas, deveriam refletir mais sobre o assunto. Ambas as questões são importantes e devemos refleti-las para que possamos entender como aplicar a Internet corretamente no ambiente espírita. Nesse caso, a vigília equilibrada é fundamental para atingir uma abordagem balanceada, que possa assumir plenamente a tecnologia que temos disponível e, simultaneamente, projetar os objetivos maiores do trabalho espírita que está sendo desenvolvido na Terra, por permissão do Cristo.

As novas mídias como locus privilegiado para divulgação espírita

Desde a popularização do rádio - concebido por Marconi em 1895 e difundido em profusão até as décadas de 30 e 40 do século XX; do surgimento da tevê - concebido por John Baird em 1925 e considerando a massificação da Internet, sobretudo a partir da década de 90 (com a criação dos sistemas de rede web), creditada a Tim Berners Lee, o nível de informação interpessoal alargou assombrosamente.

O progresso tecnológico com a confecção das pequenas e poderosas fontes de energias (baterias) e da microtecnologia tornou possível o surgimento de múltiplos dispositivos eletrônicos portáteis, dentre eles o "arrebatador" aparelho celular. Com a transformação gradativa do perfil do telespectador por causa do mundo virtual e do aparecimento de internautas, até mesmo a importância da televisão digital, já se encontra em vias de aniquilamento pela chegada das smartTVs. (1)

Do imbróglio da informática com a telefonia móvel surge o smartphone (2) que consolida a mudança do protótipo de entretenimento praticado por vários anos. O sucesso do smarphone como sustentáculo para o novo modelo de repartição de conteúdos estimulou a concepção de novos aparelhos, múltiplos em suas funções: os tablets, e as smartTVs. Estes aparelhos permitem acesso de formas variadas e a distintos intermediários de intercâmbio interpessoal, caracterizando-se especialmente por suas compactações e fácil transporte.

Há países que detestam a liberdade individual e temem o

mundo virtual, por isso adotam controle absurdo dos expedientes da internet. Por outro lado, há ambiciosos empresários que batalham pelo monopólio da intercessão do acesso aos conteúdos e à posse da mediação das relações interpessoais. Com isso, irrompem-se competições acirradas entre navegadores, portais de acesso e os sites de busca. E a mais recente guerra pelo domínio da mediação das relações entre os internautas tem como estratégias fundamentais a oferta de serviços de transferência, armazenagem e administração de correios eletrônicos (e-mails), imagens e vídeos, entre outros; eternizando-se nas chamadas redes sociais.

Sabemos que o intricado ambiente virtual está sendo irradiado através dos computadores das grandes corporações, com quem compartilhamos nossas experiências internéticas e intimidades (fotos, vídeos, documentos etc.), mas isso não deve ser motivo para pânico, até porque, percebemos com otimismo e esperança o avanço desta nova possibilidade de disseminação das ideias.

Entendemos que muito além das nefastas ideologias castradoras da livre expressão, a tecnologia da informação, visando a "cultura participativa" e a "inteligência coletiva", proporcionará o despertamento da consciência, facultando a implantação das liberdades democráticas e do pensamento religioso entre os povos. Alguém duvida disso?
Ao discorrermos sobre a capacidade de persuasão das novas mídias e Internet, somos obrigados a refletir sobre a previsão de Kardec no século XIX, ouçamo-lo: "uma vulgarização em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até às localidades mais distantes, o conhecimento das ideias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporia silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral."(3)

Na era da cibernética, da robótica vivemos épocas limítrofes nas quais toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de relação social ainda pouco consolidados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração tecnológica, uma nova relação com a vida física, um novo estilo de humanidade é concebido. O pessimista e crítico contumaz adverte sobre a exclusão digital, sim! Mas é importante projetar os olhos no futuro. Cremos que no porvir ter acesso à internet em domicílio será tão comum quanto ter uma geladeira, uma televisão ou mesmo um aparelho celular.

O mundo virtual pode eliminar as barreiras materiais e estabelecer a ligação que permite a dispersão do conhecimento com a velocidade do pensamento, que as inovações sejam expostas e discutidas, que exemplos sejam julgados e professados, que resultados sejam comparados e legitimados. Nele permanecemos todos associados, todos em condição de apreciar o que acontece nos quatro cantos do orbe , em tempo real.

Devemos acreditar na força da mensagem virtual como meio prestigioso de publicação espírita. Entendemos que em poucos anos a Internet será a maior via de interação do movimento espírita mundial. Pela WEB os livros de clássicos poderão ser disponibilizados em hipertexto, em versões de consulta simplificada. Relatos específicos deverão ser colecionados e indexados para pesquisa rápida.

Não podemos abrir mão desse espaço cibernético, até porque com a ausência de informações claras da Doutrina Espírita no ciberespaço, fica livre o espaço para que outros tipos de utilização trapaceira sejam espalhadas pela rede. Este é um risco muito maior do que qualquer outro que possa ser assumido através da contínua e incansável publicação do conteúdo espírita na Rede Mundial de Computadores.

Atualmente pode ser disponibilizada toda literatura espírita nas novas mídias. Ou seja, estamos diante da possibilidade de construirmos e acessarmos instantaneamente a maior biblioteca espírita do Planeta.

Notas e Referência bibliográfica:

(1) também conhecida como TV conectada ou" TV Hybrida", é um tipo de codinome usado para descrever a integração da Internet e as características da Web 2.0 com televisores e set-top boxes, assim como a convergência entre computadores com estes televisores e set-up boxes

(2) Um smartphone pode ser considerado um telefone celular com as funcionalidades de um minicomputador.

(3) Kardec, Allan. Obras Póstumas-Projeto 1868, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001

Dinheiro e (in) felicidade, numa breve ponderação espírita

Sigmund Freud defendia a tese de que todo homem é instigado pela busca da felicidade, contudo essa procura soa como ilusória no mundo real, porquanto a pessoa tem experiências de fracassos e desencantos e o máximo que pode alcançar é uma "felicidade" ilusória. Contrastando porém com a tese freudiana, um grupo de consultores da Spectrem Group entrevistou 1.200 pessoas, interrogando-as sobre o nível de felicidade em relação a trabalho, casamento, hobbies, dinheiro entre outros temas. Constatou-se que quanto mais dinheiro possua uma pessoa maiores são os seus níveis de felicidade. (1) Todavia, será que o dinheiro compra a felicidade?

Na antiguidade examinava-se a felicidade sob o ponto de vista filosófico. Aristóteles afirmava que a felicidade está relacionada ao equilíbrio e harmonia advindos da prática do altruísmo. Por outro lado, Epicuro afiançava que felicidade seria reflexo da satisfação dos desejos carnais. O sábio Lao Tsé dizia que a felicidade poderia ser alcançada tendo como fonte a natureza. Porém, Confúcio acreditava na felicidade como resultado da harmonia entre as pessoas. Para Sócrates era impraticável alguém ser feliz se agisse contra suas próprias convicções.

"Conhece-te a ti mesmo", pronunciava Sócrates, certificando que quem controla os instintos e extingue as coisas supérfluas, basta a si mesmo, dependendo exclusivamente de sua razão para que alcance a felicidade. Dessa percepção de consciência íntima, o mestre de Platão e Xenofonte aprofundava a sua concepção de felicidade, que não poderia vir de bens exteriores

(dinheiro, por exemplo) e do corpo carnal, mas somente da alma, porque esta é a essência do homem.

É absolutamente lógico que necessitamos do dinheiro para viver. A nossa vida material está sujeita ao dinheiro, portanto necessitamos de recursos financeiros para dignificar nossa vida. Em verdade, o dinheiro é neutro - nem é bom, nem é mau em si. Utilizado para caridade, dinheiro é instrumento sublime. Porém, cobiçado, ou se dele fizermos mau uso, é instrumento de INFELICIDADE. Sem o altruísmo do desprendimento, "a fé se resume à adoração sem proveito; a esperança não passa de flor incapaz de frutescência, e a própria caridade se circunscreve a um jogo de palavras brilhantes, em torno do qual os nus e os famintos, os necessitados e os enfermos costumam parecer, pronunciando maldições." (2)

Na parábola dos talentos, Jesus expõe que lucro, longe de ser mau, é o alvo de trabalho e investimentos. Ao mesmo tempo, nos ensina que o que se ganha deve ser usado para os propósitos do bem. Na metáfora, a condenação cai sobre o homem que não aproveita sua oportunidade - dinheiro é para usar, não para esconder ou guardar. É como o sangue que precisa circular no organismo social. Se ficar estagnado, provoca a "trombose" na sociedade.

O Espírito Emmanuel explica que o dinheiro "se faz dínamo do trabalho e da beneficência. Na base do dinheiro é que se fazem os aviões e os arranha-céus; no entanto, é igualmente com ele que se consegue o lençol para o doente desamparado ou a xícara de leite para a criança desvalida." (3) Ora, trocando o dinheiro pelo alimento destinado a acudir as vítimas da escassez ou "permutando-o pelo frasco de remédio para aliviar o doente estendido nos catres de ninguém, reconheceremos que o dinheiro também é de Deus." (4)

Embora não seja fundamentalmente a matriz da alegria ou da felicidade, reconhecemos que o dinheiro pode ser o medicamento ao enfermo, a comida aos desamparados, o teto

aos desabrigados relegados ao frio da noite, o socorro silencioso ao peregrino sem lar. "Não nos esqueçamos de que Jesus abençoou o vintém da viúva, no tesouro público do Templo e, empregando o dinheiro para o bem, convertamo-lo em colaborador do Céu em todas as situações e dificuldades da Terra." (5)

Jamais pronunciemos que o dinheiro é instrumento do mal; muito pelo contrário, pois o dinheiro é suor convertido em cifrão. É urgente que lhe apliquemos empregos nobres, lembrando que a moeda no bem faz prodígios de amor. Porém, vale refletir o preceito de Paulo: "tendo sustento e com o que nos cobrirmos, estejamos, com isso, contentes". (6) Essa lição deve ser sempre ponderada quando nos faltam recursos financeiros. A circulação do dinheiro é uma condição importante para que a prosperidade apareça. Porém, raros são os indivíduos que mantêm uma relação equilibrada com o dinheiro, sem traumas, sem culpas, sem excessos de qualquer natureza.

Dinheiro e avareza não se deveriam misturar, pois os avarentos não gostam de "meter a mão no bolso" e, quase sempre, deixam de colaborar, financeiramente, com as obras sociais. Há muitos confrades espíritas, ativos participantes nos trabalhos das inúmeras Instituições doutrinárias espalhadas pelo Brasil que mudam de assunto tão logo o apelo que lhes são dirigidos implique na emissão de um cheque ou na entrega de algumas cédulas para socorrer os mais necessitados.

Tais confrades escravizam-se na vocação da sovinice impenitente, recolhem o ouro do mundo para erigir com ele o túmulo suntuoso em que se lhes sepultam a esperança e recebem a benção do amor para transformá-la na algema que os encarceram, por vezes, no purgatório do sofrimento.

O dinheiro "nas garras da mesquinhez é metal enferrujado, suscitando a penúria, mas um vintém no serviço de Jesus pode converter-se em promissora sementeira de paz e felicidade." (7) Entretanto, infelizmente há cristãos apresentando claros

sinais de uma vida confortável, portando-se como se não tivessem a mínima condição de ajudar o próximo através da doação do supérfluo de moedas que abarrotam suas contas bancárias. Nesse caso, o dinheiro estabelece vínculos profundos com a própria INFELICIDADE.

Referências bibliográficas:

(1) http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201302281308_TRR_82043663

(2) Xavier, Francisco Cândido. Dinheiro, ditado pelo Espírito Emanuel, SP: IDE, 1990

(3) Idem

(4) Idem

(5) Idem

(6) I Timóteo 6:8

(7) Xavier, Francisco Cândido. Dinheiro, ditado pelo Espírito Emanuel, SP: IDE, 1990

Dinheiro

Comunidades de várias regiões brasileiras estão aprendendo a enfrentar a falta de dinheiro [aquele que compra qualquer coisa, em qualquer lugar]. Adotaram um dinheiro novo. É a moeda social. Moeda Social Local Circulante, também chamada de circulante local, complementar ao Real (Moeda Brasileira - R$), criada pelo Banco Comunitário. Historicamente, a proposta de se criar alternativas dessa espécie veio à tona durante os anos 1980, numa vila próxima à cidade de Vancouver, no Canadá. Michael Linton, um analista de sistemas, colocou em vigor o Lets (Local exchange trading system), quando o poder aquisitivo local decaiu em razão da recessão econômica advinda com a crise na indústria madeireira e a transferência de uma base aérea dos EUA para outra província. O Lets se configura como um clube de troca, onde o dinheiro oficial é substituído por uma moeda própria.

As moedas sociais asseguram o desenvolvimento ao favorecer que a riqueza gerada no local circule na própria comunidade. O dinheiro é um instrumento da circulação de mercadorias - o valor de troca dos produtos no sistema capitalista é expresso em moedas, através dos preços. Serve como unidade de medida para se efetuar essas trocas. A moeda social surge na economia solidária como alternativa ao escambo, e possui características próprias. Porém, na prática, o mercadinho solidário funciona como escambo da seguinte forma: a pessoa chega com um potinho de doce de leite, que ela faz com um pouquinho de leite e açúcar, mas ela precisa do macarrão. No local, ela chega e troca o doce de leite pelo macarrão que precisa. Isso é o que ela pode fazer e é a

possibilidade que tem de se sustentar com o que produz. A ideia das moedas sociais é essa mesma: mostrar que amizade e união fazem economia. Substituir o "cada um por si" do mundo real e dos reais, por um lugar onde "todos são por um e um por todos".

Em verdade, o dinheiro é neutro - nem é bom, nem é mau em si. Utilizado para o bem, dinheiro é instrumento de Deus. Porém, cobiçado, ou se dele fizermos mau uso, dinheiro é instrumento de infelicidade. Na parábola dos talentos, Jesus mostra que lucro, longe de ser mau, é o alvo de trabalho e investimentos. Ao mesmo tempo, nos ensina que o que se ganha deve ser usado para os propósitos do bem. Na parábola, a condenação cai sobre o homem que não usa sua oportunidade - dinheiro é para usar, não para esconder ou guardar. É como o sangue que precisa circular no organismo social. Se ficar estagnado, provoca a "trombose" na sociedade. Logo, o dinheiro que ganhamos deve ser usado nesta ordem: assistência social, compra do mês, contas e prestações, outras necessidades, poupança, lazer e compras avulsas.

Um dos pontos cruciais da tese epicurista é que, se temos dinheiro e não temos amigos, nada temos. Jamais seremos livres, e nunca nos iremos sentir verdadeiramente felizes se não optarmos por uma vida baseada na reflexão. Por que, então, escolhemos coisas caras se elas não podem nos trazer alegria extraordinária? De acordo com Epicuro, somos influenciados por "opiniões vãs", que não refletem a hierarquia natural de nossas necessidades, enfatizando o luxo e a riqueza, e raramente a amizade, a liberdade e a reflexão. Para muitos fanáticos pelo dinheiro, o Ter é mais importante que o Ser. "Nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição.

Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores." (1)

Não estamos tratando, aqui, de exploração comercial do dinheiro. Porém, de uma nova maneira de promover a integração das pessoas ao mercado de trabalho. Valorização do ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica. O circulante local tem lastro no Real (R$), ou seja, para cada moeda emitida, existe, no banco comunitário, um correspondente em Real. (2) Como experiência, a Alemanha se tornou um verdadeiro laboratório de projetos de moedas sociais desde 2003, e há mais de 50 projetos em desenvolvimento.

Não podemos dizer que o dinheiro é instrumento do mal, muito pelo contrário, pois o dinheiro é suor convertido em cifrão. É urgente que lhe demos funções nobres, lembrando que a moeda no bem faz prodígios de amor. Porém, vale refletir o preceito de Paulo, acima, qual seja: "tendo sustento e com o que nos cobrirmos, estejamos, com isso, contentes". Essa lição deve ser sempre ponderada quando nos faltam recursos financeiros. A circulação do dinheiro é uma condição importante para que a prosperidade apareça. Porém, raros são os indivíduos que mantêm uma relação equilibrada com o dinheiro, sem traumas, sem culpas, sem excessos de qualquer natureza.

Dinheiro e avareza não se deveriam misturar, pois os avarentos não gostam de "meter a mão no bolso" e, quase sempre, deixam de colaborar, financeiramente, com as obras sociais. Há muitos confrades, ativos participantes nos trabalhos das inúmeras Instituições Espíritas, espalhadas pelo nosso País, que mudam de assunto, tão logo o apelo, que lhes são dirigidos, implique na emissão de um cheque ou na entrega de algumas cédulas para socorrer os mais necessitados. É comum observarmos companheiros nossos, apresentando claros sinais de uma vida confortável, portando-se como se não tivessem a mínima condição de ajudar o próximo através de um serviço de

assistência social espírita.

Sempre que nos fixarmos a atenção no dinheiro, reflitamos nas aflições que ele pode suprimir. Meditemos em nosso saldo financeiro, ainda que mínimo, transformado em socorro a um enfermo ou em alegria de uma criança. "Frequentemente, a quantia que julgamos modesta e sem qualquer significação, uma vez aplicada em benefício de outrem, pode ser transubstanciada no reconforto e na benção de muitos." (3) Com o passar do tempo, "observaremos a importância do dinheiro, à margem das próprias necessidades, por instrumento potencial de trabalho e educação, progresso e beneficência, à espera de nossas resoluções para construir e servir." (4)

Referências bibliográficas:

(1) Cf. 1 Timóteo 6:6-10

(2) As moedas são produzidas com componentes de segurança (papel moeda, marca d'água, código de barra, números serial) para evitar falsificação. Disponível no site http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/secao/10043 acesso em 10/04/09

(3) Xavier, Francisco Cândido. Rumo Certo, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1971

(4) idem

A educação espírita constitui-se a base para a criança saudável

Isabella Barrett, uma criança de apenas 6 anos, é estrela de concursos de beleza mirim transmitido pelo canal Discovery Home & Health, no programa Toddlers & Tiaras.

O evento é transmitido com o título "Pequenas Misses". Pasmem! Concursos de beleza de crianças são populares nos Estados Unidos porque têm clientela. Entendemos que os pais que inscrevem suas filhas para tais concursos certamente transportam frustrações íntimas e transferem para os rebentos a pretensão íntima de desfilarem nas passarelas. São pais que insistem em viver no mundo da fantasia e dos contos de fadas. Recentemente assisti a um documentário assombroso, noticiando sobre a adolescência e a juventude dessas "ex-misses mirins". Muitas delas foram forçadas pelos pais a participar desses concursos peculiares. Registra o documentário que a maioria dessas crianças se transforma em pessoas com dramas psiquiátricos profundos, e algumas mergulham nos subterrâneos das drogas e do meretrício. No epílogo do programa, ficamos sabendo que ao início dos problemas pessoais dessas crianças, na fase pré-adolescente, a maioria dos pais abandona as filhas ao "deus-dará", na vida mundana. Assunto corretado, escrevemos há dois anos sobre Thylane Lena Rose Blondeau, uma menina de 10 anos de idade, que fez uma produção fotográfica para a revista Vogue Paris, erguendo polêmica devido à roupa ousada, maquiagem e poses provocantes. O ensaio fotográfico causou indignação em pessoas ligadas a ONGs de proteção à criança. De acordo com a organização "Concerned Women for America", os pais da

criança devem ser responsabilizados por ter permitido à criança realizar aquele trabalho. (1)

Percebemos claramente a exploração infantil e temos convicção de que os pais deviam ser processados criminalmente. Infelizmente, o mundo ingênuo da criança vem sendo explorado pela fúria predadora da sensualidade desorientada, envilecendo a inocência e dignidade infantis. Como se não bastasse "o caso Thylane", há outras situações polêmicas na contenda, a exemplo dos cursos de pole dancing (2) para crianças, na cidade do México, e dança "funk carioca", no estado do Rio de Janeiro. Muitas meninas (crianças e adolescentes) têm aderido ao "sexting" (3), postando fotos sensuais na internet. São meninas e meninos que exploram os espaços virtuais nos sites de relacionamento.

Cada vez mais cedo, e com maior magnitude, as excitações da criança e do adolescente germinam adicionadas pelos diversos e desencontrados apelos das revistas libertinas, da mídia eletrônica, das drogas, do consumismo impulsivo, do mau gosto comportamental, da banalidade exibida e outras tantas extravagâncias, como espelhos claros de pais que vivem alucinados, estancados e desatualizados, enjaulados em seus que fazeres diários e que jamais podem demorar-se à frente da educação dos próprios filhos.

A questão do desvio da criança de seu mundo de fantasias é tão grave que na Grã-Bretanha muitos pais estão impondo aos filhos, alguns dos quais com apenas quatro anos de idade, lutar boxe tailandês. A materialidade dessa aberração está em documentário produzido por canal de televisão britânico, mostrando o circuito das lutas organizadas, em que os inscritos para esse fim são crianças com idade a partir de quatro anos (inconcebível!). Nesse cenário, incentiva-se o Muay Thai (boxe tailandês), tornando essa prática cada vez mais popular na Europa, atualmente com centenas de academias estabelecidas. Milhares de adultos dementes pagam ingresso para assistir a

crianças, menores de dez anos, lutando em uma espécie de gaiola de ferro. Muitos pais acreditam que essa prática pode incentivar os filhos a cuidar mais de si mesmos quando crescerem, e creem que seus filhinhos possam conquistar o título de "campeão". Porém, esses pais desnaturados desrespeitam a liberdade dos filhos por não saberem quais são os reais sonhos dessas crianças, projetando nelas as suas frustrações.

Compete observar que a aberração entre os menores tem aumentado e nem sempre tem conotação econômica, arredando substancialmente a tese das condições subumanas a que são jugulados os jovens, principalmente nas grandes cidades, e que os desviariam para o crime. Ressalte-se que o número de adolescentes infratores egressos da classe A (alta) e B (média) tem aumentado, no mundo inteiro.

A infância é, sem dúvida, o período fértil para a absorção de valores os mais variados. O relacionamento entre pais e filhos deve ser embasado no amor, capaz de suprir as deficiências de ambos. Nossa responsabilidade na condição de pais, educadores e participantes da comunidade, de maneira geral, deve ser voltada ao bom emprego dessa facilidade de assimilação, para a edificação de um mundo menos violento. A criança é o amanhã, sabemos disso. E, "com exceção dos espíritos missionários, os homens de agora serão as crianças de amanhã, no processo reencarnacionista (4)". A demanda de redenção dos novos tempos que chegam há de principiar na alma da infância, se não quisermos divagar nos cipoais teóricos da fantasia exacerbada. Precisamos perceber no coração infantil o esboço da geração próxima, procurando ampará-lo em todas as direções, pois "a orientação da infância é a profilaxia do futuro (5)". Por questão de prudência cristã, não podemos permitir "que as crianças participem de reuniões ou festas que lhes conspurquem os sentimentos em nenhuma oportunidade, porque a criança sofre de maneira profunda a

influência do meio (6)".

Estejamos atentos à verdade de que educar não se resume apenas a providências de abrigo e alimentação do corpo perecível. A educação, por definição, constitui-se na base da formação de uma sociedade saudável. A tarefa que nos cumpre realizar é a da educação das crianças pelo exemplo de total dignificação moral sob as bênçãos de Deus. Nesse sentido, os postulados Espíritas são antídotos contra todos os venenosos ardis humanos, posto que aqueles que os conhecem têm consciência de que não poderão se eximir das suas responsabilidades sociais, sabendo que o futuro é uma decorrência do presente. Destarte, é urgente identificarmos no coração infantil o esboço da futura geração saudável.

O Espiritismo propõe a renovação social, porém é importante a maturidade da Humanidade a fim de bancar essa renovação como um objetivo a ser alcançado. Através da sua força moralizadora, das suas convergências progressistas, da intensidade de suas lições, pela multiplicidade dos temas que abarca a Doutrina dos Espíritos é e sempre será a mais categórica de todos os princípios doutrinário, a fim de impulsionar o movimento da regeneração definitiva do homem na Terra.

Referências bibliográficas:

(1) Hessen, Jorge. Artigo Educação espírita: Arcabouço da futura geração saudável, disponível em http://aluznamente.com.br/educacao-espirita- arcabouco-da-futura-geracao-saudavel/ acessado em 17/05/2013

(2) Pole dance tem suas raízes na dança exótica, strip-tease e burlesco e têm elementos de apelo sexual e subversão

(3) Refere-se a envio e divulgação de conteúdos eróticos, sensuais e sexuais com imagens pessoais pela internet utilizando-se de qualquer meio eletrônico, como câmeras

fotográficas digitais, webcams, e smartphones.

(4) Xavier, Francisco Cândido. Coletânea do Além, ditado por Espíritos Diversos, São Paulo: FEESP, 1945, Cap. A Criança e o Futuro pelo Espírito Emmanuel

(5) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1997, Cap. 21- Perante a Criança

(6) idem

A revogação do casamento sob o ponto de vista espírita

Um católico acusou a esposa de pedofilia e entrou com uma ação de declaração de nulidade do matrimônio nos tribunais eclesiásticos. Os conselhos religiosos reconheceram o pedido de anulação e o veredito teve consonância com as exigências do Direito brasileiro, inclusive produzindo efeitos civis. "Para isso, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) homologou a sentença do Tribunal de Assinatura Apostólica, do Vaticano, sobre a declaração de nulidade do casamento do casal brasileiro, com base no Acordo Brasil-Santa Sé. A decisão do STJ tem validade tanto para o casamento realizado no cartório e em igreja quanto para o casamento religioso celebrado no templo com efeito civil". (1)

O casamento celebrado em conformidade com a lei canônica, ao ser considerado nulo pela Igreja, os esposos passam a ser solteiros, e não divorciados, como seria se tivessem conseguido a anulação pela lei civil. É no mínimo extravagante tal situação, pois a doutrina da igreja romana não consagra o divórcio, porém juízes eclesiásticos podem decidir sobre anulação de consórcio matrimonial. É uma maneira de esconder o sol com a peneira.

O desfecho do caso acima é um espetáculo bizarro, pois a igreja romana, que não acata o divórcio, mas revoga casamento, que para ela deve ser "indissolúvel", e culmina por reconhecer a nulidade de certas uniões matrimoniais problemáticas. É por essa e outras razões que o Espiritismo afirma que "a indissolubilidade absoluta do casamento é uma lei humana muito contrária à da Natureza". (2)

Nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta

do casamento. A indissolubilidade matrimonial é uma imposição teológica que não se justifica, até porque existem muitas aprovações de nulidade de casamento pela Cúria romana. Para alguns "experts", o atrativo nesses casos é o retorno ao estado de solteiro, só possível pelo processo canônico, para os praticantes da religião católica. Pode ser que isso interesse a muitos católicos, ou seja, "voltar ao status de solteiro, embora tenham passado os tempos tão preconceituosos em que ser divorciado ou divorciada era uma nódoa pesadíssima imposta pela sociedade". (3)

A aceitação pelo Superior Tribunal de Justiça sobre a decisão da Santa Sé causou desconforto entre especialistas de Direito Civil. "O debate é se o STJ feriu o princípio do Estado laico e se a anulação é producente mesmo depois da instituição do divórcio direto". (4) No Direito civil, em um divórcio, as partes podem requerer pensão e partilha de bens. Na anulação eclesiástica, se um dos cônjuges for considerado culpado não pode reivindicar os direitos, exceto se houve aquisição de patrimônio enquanto casados.

As leis terrestres (civis e eclesiásticas) não podem ser estanques porque elas se modificam segundo os tempos, os lugares e o avanço da inteligência. O casamento é um rito humano, e não há dois países onde o evento seja categoricamente semelhante. O que é legal num país (a poligamia, por exemplo), é adultério noutro país. "A lei humana tem por finalidade regular os interesses sociais, que variam segundo as culturas. Em certos países, o casamento religioso é o único legítimo; noutros é necessário, além desse, o casamento civil; noutros, finalmente, este último casamento basta".(5)

A certidão de casamento não supera a lei do amor, contudo o casamento não é contrário à lei da Natureza; muito pelo contrário, pois "é um progresso na marcha da Humanidade". (6) A abolição do casamento sim "seria uma regressão à vida

dos animais". (7) Para Allan Kardec o estágio primário do homem é o da união livre e ocasional dos sexos. "O contrato matrimonial estabelece um dos elementares atos de avanço nas sociedades humanas, porque institui o vínculo jurídico e fraterno e se ressalta entre todos os povos, inobstante em condições não uniformes". (8)

A proscrição do matrimônio consistiria em regredir à infância da Humanidade e poria o homem abaixo mesmo dos seres irracionais. O divórcio não contraria as Leis de Deus e objetiva "separar legalmente o que já, de fato, está separado, portanto não é contrário à lei de Deus, e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta o amor." (9)

Emmanuel aclara o assunto afirmando que a expectativa de um casamento indissolúvel aumenta o número de uniões irregulares. É verdade! O que é mais racional – se aprisionar um ao outro os esposos que não podem viver juntos ou restituir-lhes a liberdade? Obviamente, "partindo do princípio de que não existem uniões conjugais ao acaso, o divórcio não deve ser facilitado." (10) É nos casamentos que ocorrem burilamentos e reconciliações para a sublimação espiritual. Não nos é justo estimular o divórcio de ninguém, mas reconhecemos que no limite da resistência pessoal, "é compreensível que o esposo ou a esposa, relegado a sofrimento indébito (ameaça de morte, desprezo, infidelidade), se valha do divórcio por medida extrema contra o suicídio, o homicídio ou calamidades outras que lhes complicariam ainda mais o destino". (11)

Cabe a cada um de nós reconfortar e fortificar os esposos em demanda, nos matrimônios provacionais, a fim de que vençam as próprias aflições, encarando as duras fases de regeneração ou expiação que pediram antes da reencarnação, em auxílio a si mesmos. Conquanto o divórcio, baseado em razões justas, seja providência humana claramente compreensível, não nos compete instigar a separação, até

porque “em briga de marido e mulher se mete a colher”. Respeitemos e saibamos que são eles mesmos, os casais que desejam a separação, é que devem decidir, cabendo-nos exclusivamente a obrigação de respeitar-lhes o livre arbítrio sem ferir-lhes a decisão.

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em
http://estadao.br.msn.com/ultimas-noticias/stj-reconhece-senten%C3%A7a-do-vaticano acesso em 04/07/13

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 697,RJ: Ed. FEB, 1972

(3) Disponível em
http://estadao.br.msn.com/ultimas-noticias/stj-reconhece-senten%C3%A7a-do-vaticano acesso em 04/07/13

(4) Idem

(5) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXII , RJ: Ed FEB, 2000

(6) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 695, RJ: Ed. FEB, 1972

(7) idem questão 696, RJ: Ed. FEB, 1972

(8) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXII , RJ: Ed FEB, 2000

(9) Idem

(10) Xavier, Francisco Cândido. Sexo e Vida, ditado pelo espírito Emmanuel, Cap 8 - Divórcio ,RJ: Ed. FEB, 1978

(11) Idem

Breves reflexões sobre casamento, celibato e sexo

Foi-nos sugerido escrever um texto sobre sexo, casamento e celibato e debruçamos sobre os temas com forte ênfase voltada para reflexões da energia sexual ou da libido (1), com isso, estamos falando de nossos desejos, de nossas sensações prazerosas, de nossa compreensão sobre a maneira como sentimos e lidamos com as questões que envolvem essas energias.

Antes de quaisquer arrazoados sejam arrojados ou tíbios evocamos Emmanuel quando recorda que em torno do sexo, será justo sintetizarmos todas as digressões nas normas seguintes: Não proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência. Sem isso, será enganar-nos, lutar sem proveito, sofrer e recomeçar a obra da sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizerem precisas, pelos mecanismos da reencarnação, porque a aplicação do sexo, ante a luz do amor e da vida, é assunto pertinente à consciência de cada um. (2)

Cremos que os problemas recorrentes sobre o sexo antes do casamento formal, por exemplo, não estão nas questões do certo e do errado ou se é permissível ou não fazer isto ou aquilo. No estágio moral que nos encontramos, e cientes de que temos o livre arbítrio, os problemas fundamentais são de outra ordem e grandeza, como nos ensina ainda Emmanuel "quem estude os conflitos de sexo, na atualidade da Terra, admitindo a civilização em decadência, tão só examinando os

absurdos que se praticam em nome do amor, ainda não entendeu que os problemas do equilíbrio emotivo são, até agora, de todos os tempos, na vida planetária".(3) A sexualidade como expressão de amor está ligada, de forma irreversível, ao poder e à posse. Mais do que isso, o amor validado pela sexualidade, acaba se tornando uma espécie de afeto espacial-geográfico. Eu gosto tanto mais do outro quanto mais eu possuo alguma coisa dele. Todavia, o amor representa a liberdade, e não o inconsequente sentimento de posse.

É a lei de atração e de todas as harmonias conhecidas, sendo a força inesgotável, que se renova sem cessar e enriquece ao mesmo tempo quem dá e quem recebe. Os Espíritos ensinam que o estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. (4) O casamento constitui um dos primeiros atos de progressos nas sociedades humanas. O casamento será sempre um instituto benemérito, acolhendo, no limiar, em aromas de alegria, paz e esperança aqueles que a vida aguarda para o trabalho do seu próprio aperfeiçoamento e perpetuação. A abolição do casamento seria regredir à infância da humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes. Destacando-se, porém, que a indissolubilidade absoluta do casamento é uma lei humana muito contrária à da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis. (5) Há quem chega a esse exagero de manifestar propósitos relacionados com a extinção ou abolição do casamento, como se tratasse de costume desnecessário. Enganam-se os que assim pensam.

Claro que a construção da felicidade real não depende do instinto sexual satisfeito. A permuta de células sexuais entre os seres encarnados, garantindo a continuidade das formas físicas em processo evolucionário, é apenas um aspecto das multiformes permutas de amor. Importa reconhecer que o intercâmbio de forças na constituição do lar não só permite a

reencarnação dos Espíritos e, conseguintemente, resgate de faltas do passado, como representa a célula da família universal, unidade primeira da educação espiritual. Temos a convicção que os casamentos são sempre acertados, ou melhor, preparados na vida espiritual, em face dos desacertos, abusos, crimes ou incontinência moral praticados em encarnações anteriores. De modo que os Espíritos comprometidos com a lei divina, no passado, reencarnam com o fim de reparar esses males que envolveram, até mesmo, os que virão depois na condição de filhos. A Doutrina explica que há casamento de amor, de fraternidade, de provação, de dever, de missão e de interesse puramente sexual.

Em verdade a experiência do casamento é muita sagrada, não só a experiência do casamento, mas toda a experiência do sexo, por afetar profundamente a vida mental. Portanto toda a experiência sexual da criatura que já recebeu alguma luz do Espírito é acontecimento de enorme importância para si mesma porque afeta profundamente a vida da alma. Engana-se quem supõe que a normalidade sexual, consoante as respeitáveis convenções humanas, possa servir de templo às manifestações afetivas. O campo do amor é infinito em sua essência e manifestação." Urge afastar às aberrações e aos excessos; contudo, é imperioso reconhecer que todos os seres nasceram no Universo para amar e serem amados". Contudo, muitos fogem do casamento e optam pelo celibato(7) voluntário o que não representa um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus.

E, os que assim optem, por egoísmo, desagradam a Deus e enganam o mundo, exceto quando feito para o bem. Quanto maior o sacrifício, tanto maior o mérito.(8) Portanto, o celibato em si mesmo, não é um estado meritório, exceto quando essa renúncia às alegrias da família é praticada em prol da humanidade. Uma vez que todo sacrifício pessoal, tendo em vista o bem e sem qualquer ideia egoísta, eleva o homem

acima da sua condição material. Na manifestação do amor, certamente encontramos a sexualidade. No entanto não podemos dizer que na sexualidade está presente o amor.

O mal não está em que nós a aceitemos; o mal consiste em quase todos abusarem dessa experiência. Lembrando que o sexo reside na mente, a expressar-se no corpo espiritual e consequentemente no corpo físico, por santuário criativo de nosso amor perante a vida, e, em razão disso, ninguém escarnecerá dele, desarmonizando-lhe a forças, sem escarnecer e desarmonizar a si mesmo.(9) Enorme porcentual de espíritos encarnados na Crosta da Terra, de mente fixa na região dos movimentos instintivos, concentram suas faculdades no sexo, do qual se derivam naturalmente os mais vastos e frequentes distúrbios de ordem emocionais e psicológicos. No dias atuais a desagregação familiar é resultante de um fenômeno eminentemente materialista, veiculada, sobretudo, pelos vários segmentos da mídia.

Quando à indução aos consumismos, desde os produtos mais básicos até aqueles que incentivam as fantasias sexuais, têm sido extremamente valorizados; a religiosidade, a fé, a esperança cedem terreno, diminuindo profunda e sensivelmente a nossa capacidade de suportar as aflições cotidianas. Destarte, urge higienizemos nosso reduto doméstico com o teor vibratório do nosso pensamento elevado, pois existem bacilos psíquicos que produzem tortura sexual, oriundos da insustentável sede febril de prazeres inferiores, e nesse ponto, o aguilhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte [pensamento] e sustenta; mas, muitas vezes se mostra impotente diante dos sofismas da paixão.(10)

O aguilhoamento às excitações mentais em torno das energias sexuais não é problema que possa ser equacionado por sociólogos, médicos psicólogos a agir no campo exterior: É problema da alma, que exige atitude individual de soerguimento e cura, e sobre esta situação só o espírito

solucionará nos escrínios do tribunal da própria consciência. Até porque o sexo é tesouro excelso em que o lar é refúgio santificante, lembrando, porém, que o amor e o sexo plasmam responsabilidades naturais na consciência de cada um e que ninguém lesa alguém nos tesouros afetivos, sem dolorosas reparações. (11)

Referências bibliográficas:

(1) Libido vem do latim e quer dizer "desejo violento ou luxúria" Mas no sentido psicanalítico - a psicanálise foi criada por Freud - temos a energia motriz dos instintos de vida, portanto da conduta ativa e criadora do homem. Assim nos explica de forma bem acessível o dicionário Aurélio.

(2) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB, 1999.

(3) Op. Cit

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2004, Pergs. 335 a 696

(5) Op. Cit. Pergs 335 696

(6) Xavier, Francisco Cândido. No Mundo Maior Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 1999, Cap.11 "Sexo".

(7) Um professor jesuíta da Universidade de Harvard, o padre Fischler, descobriu que 92% do clero norte-americano sugeria que os sacerdotes pudessem escolher livremente se queriam ser casados ou solteiros. Outro sacerdote e psicoterapeuta, o padre Sipe, revelou que só 2% desse clero cumprem o celibato; 47% o fazem "relativamente"; e 31,5% vivem uma relação sexual, das quais um terço homossexual. Diante disso, vários bispos têm solicitado que se elimine o celibato para o clero latino, já que o oriental - inclusive o ligado a Roma - não tem essa obrigação e é, normalmente, casado. Até mesmo o Concílio Vaticano II louvou o sentido espiritual do sacerdote casado do Oriente, in A obscura história do celibato

clerical, Extraído - Correio Braziliense E. Miret Magdalena, teólogo disponível no site

http://www.cacp.org.br/cat_celibato.htm, acesso em 19/06/2005

(8) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2004, Pergs. 335 a 696

(9) Xavier, Francisco Cândido e Vieira Waldo. Evolução em Dois Mundos, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 2002, pág. 56, II

(10) KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, São Paulo: IDE, 1984, item 7, no Cap. XVII.

(11) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB, 6 ª edição 1999.

Breves reflexões sobre o casamento entre espíritas

Recentemente ocorreu uma tragédia numa festa de "casamento" no estado de Pernambuco. O noivo se matou após assassinar a noiva e o padrinho. Conforme informou o programa "Fantástico" da Rede Globo(1), o evento era uma cerimônia "espírita".

Cerimônia espírita?... Que absurdo!

Infelizmente têm surgido confrades em torno dos quais se formam grupos e "indivíduos portadores de mediunidade, nobre ou não, que não poucas vezes tornam-se líderes esquisitos e esdrúxulos, com comportamentos alienados, procurando apresentar propostas de exaltação do seu ego e gerando à sua volta uma mística que infelizmente vem desaguando em determinadas posturas incompatíveis com o Espiritismo, como o casamento espírita, por exemplo." (2) (grifei)

Observam-se algumas vezes, entre alguns dirigentes de casas espíritas, posturas tradicionalmente religiosas (igrejeira) na maneira de entender e de se relacionar com a Doutrina Espírita. Esse entendimento dá margem a gravíssimos transtornos ao Movimento Espírita, como a ritualização de certas práticas, abuso de poder nas hierarquias e outras lamentáveis práticas. Como se não bastassem tantas asneiras, há dirigentes espíritas celebrando cerimônia de "casamentos", assumindo uma postura de "oficiantes", na condição de "dirigente-mor" de algumas instituições. Tais dirigentes "oficiantes" (pasmem!) estão com agendas lotadas, inclusive para "celebrarem batizados". Ficamos estupidificados diante de tais anomalias doutrinárias.

No casamento entre espíritas só deve haver cerimônia civil;

JAMAIS cerimônia religiosa. E nenhum presidente ("dirigente-mor") de centro espírita ou sociedade de orientação espírita deveria "oficiar" casamentos, pois o Espiritismo não instituiu sacramentos, rituais ou dogmas.

Se, por força das circunstâncias, o cônjuge não-espírita possuir sincero fervor pela religião que professa, e tiver tendência a ficar traumatizado sem a cerimônia tradicional, o espírita poderá aceitar (sem traumas) a cerimônia religiosa do casamento, segundo o costume da religião do seu pretendente. Esta condescendência, todavia, tem suas linhas demarcatórias. Só é aceitável se houver uma profunda necessidade espiritual do(a) noiva(o), porém não se justifica quando a pessoa for apenas uma religiosa de fachada, por convenção social, ou quando a exigência é feita pela família dela. Todavia, se houver por bem ceder, que o espírita não se submeta aos sacramentos individuais como no caso do batismo, da confissão, da comunhão etc., etc., etc. Nesse aspecto, caberá ao cônjuge não espírita providenciar a dispensa dos sacramentos individuais para o espírita.

Reflitamos o seguinte: quem é que dá a um homem o direito de estabelecer esse vínculo sagrado entre duas pessoas? Casamento não depende de nada exterior, de nenhuma ação alheia aos noivos. As duas criaturas se casam e ninguém tem o poder de estabelecer vínculos entre elas. Nem o Juiz de Paz promove o casamento. Essa Autoridade apenas registra nos anais da sociedade, para os efeitos legais, o casamento que é diante dela declarado. Portanto, "o casal espírita apresenta-se diante da autoridade civil apenas para declarar o seu casamento, solicitando seja ele registrado, e não para receber qualquer tipo de legitimação. A legitimidade do casamento é dada pelo grau de responsabilidade e de amor que presidiu a formação do casal." (3)

Naturalmente, os noivos espíritas devem ter consciência de como se casar perante a sociedade e a espiritualidade,

respeitando as convicções dos familiares "não espíritas", mas tentando fazer prevalecer as suas certezas doutrinárias. O legítimo espírita precisa colaborar para que haja a renovação das concepções religiosas, e não logrará êxito se em nome de uma "falsa humildade e fingida tolerância" ocultar o que já conhece e se curvar ante os costumes religiosos tradicionais. Se somos espíritas, por que então nos mantermos algemados às fórmulas religiosas que nada significam para nossos ideais?

Muitas vezes, confrades nos indagam se poderia e como seria realizada uma cerimônia de casamento espírita. Considerando que o assunto é de alta gravidade e de grande repercussão, atestamos, sem muitas delongas, que não existe ritual nem cerimônia religiosa para o casamento entre espíritas. O Espiritismo é uma doutrina filosófico-religiosa, com aspectos científicos e consequências éticas e morais, mas não se constitui numa estrutura clerical formalizada. Dessa forma, diferentemente de outras correntes religiosas, não comporta em suas práticas nenhum cerimonial, rito ou aspecto específico ligado ao casamento convencional. Ou seja, não há cerimônia de casamento religioso espírita.

"O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota, e nem usa em suas práticas, altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior." (4) No local escolhido para a cerimônia civil, uma prece singela poderá ser feita por um familiar dos noivos. Não há necessidade de convidar um presidente ("dirigente-mor") de centro, um orador espírita, um médium, nem é preciso que um "guia" se comunique para "abençoar" o consórcio.

Alias, sendo a prece sincera a sublimação do sentimento e a exaltação do amor, em realidade, por questões de afinidade e afetividade, certamente os familiares e os amigos amam mais

os noivos que o dirigente espírita, o “oficiante”; portanto a oração feita por eles será bem mais produtiva. Ainda, os noivos espíritas, junto à família, no abençoado reduto do lar, poderão fazer o Culto do Evangelho, usufruindo de um ambiente espiritual mais sereno e pacificado do que a exposição pública no ato da cerimônia civil ou de festas, onde muitas criaturas lá comparecem com o único interesse social.

Dessa forma, o dirigente espírita, consciente das suas enormes responsabilidades e conhecedor das bases doutrinárias do Espiritismo, saberá esquivar-se dos convites que recebe para “oficiar” casamentos, informando, com humildade e educação, os pretendentes, quase sempre pouco conhecedores do Espiritismo, que na Doutrina Espírita tal prática não existe. Se aceitar o convite demonstrará que conhece o Espiritismo ainda menos que os noivos.

O casamento é a eliminação do egoísmo; não fere as leis da Natureza; “é um progresso na marcha da Humanidade. Sua abolição seria regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.”(5). O casamento, enfim, é um compromisso livremente assumido por dois Espíritos perante o altar de suas consciências. Está muito acima de qualquer bênção religiosa ou da assinatura de qualquer documento diante de uma autoridade civil ou religiosa. Trata-se de uma sociedade conjugal, estabelecida pelo próprio casal, num plano eminentemente moral, ético.

O que nos parece deve prevalecer, em vez da ritualística que lentamente vai sendo introduzida e aceita por desconhecimento doutrinário, é que se leve em consideração a proposta filosófica de uma visão ampla, de uma observação cuidadosa dos fatos da vida e de como o Espiritismo os explica e os orienta, ensejando, deste modo, um comportamento ético-moral mais compatível com a Terceira Revelação.

Em tese, não há e NUNCA haverá espaço no universo

doutrinário para a celebração de um "casamento religioso espírita". E para os contumazes dirigentes “oficiantes” de casamentos recomendamos buscarem outros quintais “espiritualistas” e se distanciem depressa do Espiritismo para não conspurcá-lo ainda mais!

Referências Bibliográficas:

(1) Disponível no link http://olhar45.blogspot.com/2010/12/noivo-mata-noiva-e-padrinho-em-festa-de.html, acessado em 25 de dezembro de 2010

(2) Entrevista do orador espírita Divaldo Pereira Franco concedida para a equipe de redação do Jornal Mundo Espírita, durante a 8ª Conferência Estadual Espírita, em Curitiba, PR, no dia 24 de março de 2006.

(3) José Passini. Artigo O Casamento, Disponível em http://doutrinaESPÍRITA.com.br/?q=node/35, acessado em 24 de dezembro de 2010

(4)http://www.febnet.org.br/site/conheca.php?SecPad=9&Sec=247, acessado em 25/12/2010.

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2000, questão 695

"Casamento religioso espírita?" o que é isso?

Recentemente, confrades nos perguntaram se poderia e como seria realizado um casamento no centro espírita. Considerando que o assunto é de alta gravidade e de grande repercussão, deliberamos escrever o presente texto. Lembrando aos consultantes, sem muitas delongas, que não existe um "casamento espírita" numa casa espírita.

O Espiritismo é uma doutrina filosófico-religiosa, com aspectos científicos e consequências éticas e morais, mas não se constitui numa estrutura clerical formalizada. Desta forma, diferente de outras correntes religiosas, não comporta em suas práticas nenhum cerimonial, rito, ou aspecto específico ligado ao casamento. Ou seja, não há cerimônia de casamento religioso espírita."O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior". (1)

Por muitas razões, não há espaço no universo doutrinário para a celebração de um "casamento religioso espírita", até porque, se o Espiritismo tem seu pilar religioso é, porém, destituído de rituais ou formas de culto exterior, tornando-se, portanto, incompatível com a celebração da cerimônia formal e ritualizada do casamento, que exige obrigatoriamente uma carga de formalidade na sua celebração. Contudo "é inadmitida a realização de atos formais dentro da Doutrina Espírita" (2)

A rigor o casamento é contrato jurídico solene,

eminentemente formal. "Isto quer dizer que tal ato deve ser sempre acompanhado de fórmulas ou formalidades, até mesmo porque não há casamento sem cerimônia formal, ainda que variável quanto ao ritual seguido"(3) Muitos ingressam para as hostes do Espiritismo e logo se sentem tentados a enxertar os seus hábitos à realidade doutrinária. Há, por isso, os que pretendem ter um batismo espírita; há aqueles que aguardam ansiosamente por realizar um casamento espírita; e o que dizer de um confessionário "mediúnico"? e os paramentos especiais para os dirigentes dos centros?Existem aqueles que forçam o caminho "legal". É importante aguçarmos a vigília até porque "tentar utilizar o Poder Judiciário para chancelar a celebração de "casamento religioso espírita", como ato autêntico do Espiritismo, "seria violar a liberdade de crença protegida constitucionalmente dos adeptos do Espiritismo, ao impor ou chancelar pelas vias judiciais um ritual que não é admitido em hipótese alguma dentro do Espiritismo codificado por Allan Kardec."(4)

Sobre isso, chega-nos informações que o Ministério Público da Bahia entende que casamento em centro espírita pode ter efeitos civis(5) pois que "a negação de efeitos civis a casamento realizado em centro espírita violaria os valores constitucionais da dignidade da pessoa humana e da liberdade religiosa, aludindo que, como o Brasil é um Estado laico, não poderia recusar efeitos civis a casamentos celebrados por líderes de qualquer religião ou crença.(6) Mas, no Espiritismo mesmo tendo seus fundamentos religiosos (repetiremos isso mil vezes), não se admite a prática de rituais. Inexiste autoridade religiosa ou sacerdotal espírita. Portanto, "casamento religioso espírita" é um contrato jurídico inexistente. Com muita lógica o Poder Judiciário não autoriza o registro civil do mencionado "casamento espírita", sob o fundamento de que o presidente de um centro espírita não se constitui como uma autoridade religiosa. A propósito! Um presidente de centro espírita pode

ser investido na qualidade de autoridade religiosa ou sacerdotal espírita?. Bem! Se segue a coerência dos postulados espíritas, não pode ser investido na qualidade de autoridade religiosa ou sacerdotal.

Não se pode falar em sacerdote ou autoridade religiosa no Movimento Espírita, já que a noção de autoridade supõe a existência de hierarquia religiosa entre seus adeptos ou entre as instituições espíritas, o que não é aceitável. Por esse simples fato não se é possível realizar um casamento espírita, nem muito menos buscar o reconhecimento civil deste ato. Precisamos, portanto, ser enfáticos e relembrar muitas vezes que não se admite no Espiritismo, sob nenhuma hipótese, a figura dessa autoridade religiosa ou sacerdotal espírita para validar uma cerimônia de casamento. Por isso mesmo não lhe pode ser atribuída validade civil exatamente por não ter o Espiritismo uma casta de sacerdotes, nem um celebrante investido de autoridade religiosa.

Precisamos admitir que não é possível ser espírita e, ao mesmo tempo, esposar princípios contrários ao Espiritismo. Vamos pela lógica: se o Espiritismo é uma Doutrina que não admite, por exemplo, o culto de imagens, e se alguém, apesar de ler e compreender a doutrina adora imagens e "crê no fogo do inferno e outros dogmas irreconciliáveis com o Espiritismo, evidentemente não é espírita. Quem assim ainda pensa pode ser simpatizante, mas não é adepto da doutrina"(7)Aos fatos supracitados, não queremos radicalizar e afirmar que o espírita não possa realizar uma reunião social fraterna para o evento. Em lugar do sacerdote, terá um amigo que realizará uma prece em favor do casal e, em lugar da Igreja, utilizará os espaços do lar, ou um local adequado para reunir os amigos e familiares. Não deve, em hipótese alguma, utilizar as instalações do centro espírita. Tudo é uma questão de lógica doutrinária.

Referências bibliográficas:

(1) www.febnet.org.br

(2) Deolindo Amorim. O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas, CELD, 6ª ed., 1996, p. 97 - "O Espiritismo não tem culto material; O Espiritismo não tem ritual; O Espiritismo não prescreve qualquer forma de paramento nem comporta o formalismo de funções sacerdotais."

(3) Camilo de Lelis Colani Barbosa. Direito de Família - Manual de Direitos do Casamento, Suprema Cultura, 1ª ed., 2002, p. 37.

(4) Deolindo Amorim. Ob. Cit., p. 230 - "O que não é possível é justificar um ritual espírita,...".

(5) Exmª. Desembargadora Lucy Lopes Moreira - Corregedora-Geral de Justiça do Estado da Bahia - em consonância com o Espiritismo codificado por Allan Kardec, com a Lei e com a Constituição Federal de 1988, agiu corretamente ao indeferir o requerimento que pretendia atribuir efeitos civis a uma cerimônia de matrimônio realizada pressupostamente sob a chancela do Espiritismo.

(6) Disponível em acessado em 17/02/20067- Deolindo Amorim. Ob. Cit., p. 149.

Avaliação espírita sobre o matrimônio

Recente estudo publicado no Journal of Research in Personality afirma que a vida de casado pode não ser muito boa, contudo permanecer solteiro tende a ser pior. Stevie Yap, da Universidade Estadual de Michigan, coordenador da pesquisa, expõe que as pessoas que se casam acercam-se da "felicidade" nos primeiros anos da experiência matrimonial, porém, com o advir dos anos, essa "felicidade" arrefece um pouco. O estudo sinaliza que o casamento não torna necessariamente a pessoa mais feliz, comparando com a vida de solteiro, porém resguarda a "felicidade" conquistada na vida a dois.

O casamento, "de acordo com as leis naturais, proporciona o avanço social". (1) Há, segundo Stevie, "um vínculo de longo prazo entre o casamento e a felicidade, isso equivale afirmar que o casamento é bom e faz muito bem". (2) Por outro lado, compreendemos que, se há casamentos edificados pelos laços espirituais, existem consórcios sedimentados tão somente sob os liames materiais. Obviamente, "as famílias vinculadas espiritualmente são mais felizes se fortalecem pelo burilamento e se perpetuam no além-túmulo; mas, as famílias tecidas apenas pelas junções físicas são frágeis e se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissipam moralmente, já na existência atual". (3)

Vivemos hoje a era do alheamento, do estar solitário e das uniões descartáveis, e isso tem provocado a desestrutura familiar. Estamos sob o jugo da alienação em massa. Nessa conjuntura as pessoas permanecem ausentes aos fatos modernos que as cercam; são tolhidas emocionalmente de

maior concentração ou sensibilidade social; creem ser desnecessário qualquer tipo de exercício mental ou espiritual; regozijam-se em direcionar todos os esforços de suas vidas ao lazer, prazer e entretenimento. Convivem ou sobrevivem da substituição do Ser pelo Ter. A necessidade de espiritualização é sobrepujada pelo vício em diversão. Os entretenimentos giram quase sempre em torno de erotismos, violência e banalidades.

Em razão desse cenário, paira grande ameaça sobre a estabilidade familiar, e quando a família é ameaçada, por qualquer razão, a sociedade perde a direção da paz. A dialética materialista, os hodiernos conceitos e promoções sensualistas, têm investido contra a organização familiar, dilacerando o matrimônio (monogamia) e sugerindo o amor livre (poligamia promíscua).

Há os que veem no cônjuge um verdadeiro teste de paciência, pois os seus santos não se cruzam. Sob o cometimento das aparências alguns casais que acreditavam amarem-se loucamente, quando são obrigados a viver com as pessoas "amadas", não tardam a reconhecer que isso não era senão um "amor" físico e fugaz.

Quando os valores cristãos perdem significado, aguçamos o egoísmo e esfacelamos a felicidade. Muitos casamentos podem ser classificados de "acidentais" - por efeito de atração momentânea, precipitada e sem qualquer ascendente espiritual; ou casamentos "provacionais", isto é, reencontro de almas para reajustes; Matrimônios "sacrificiais", quando há união de espíritos iluminados com seres moralmente primitivos, com o objetivo de redimi-las; Existem os casórios "afins", onde há encontros de almas amigas e, embora raríssimos, existem os casamentos "transcendentes", quando há o reencontro de almas que se buscam para realizações eternas.

Mas a maioria esmagadora de casais na Terra é composta de forçados sob algemas. No casamento, quando um dos

consortes ruma para a relação extraconjugal, a tarefa é de batalha e prantos intensos; entretanto, ainda assim, no sacrifício sentimental, a pessoa traída cresce e se ilumina. Obviamente, os infiéis não escaparão das situações infelizes dos endividamentos sentimentais rebaixados de maneira injusta, que invariavelmente resgatarão em momento inevitável, parcela a parcela, pelo dispositivo dos princípios de causa e efeito.

O processo de educação do Ser para a Divindade tem sua base na Lei da Reencarnação e no trabalho incessante". (4) Há uniões que, no início, parecem não dever jamais ser simpáticas, e quando um e outro se conhecem bem e se estudam bem, acabam por se amar com um amor terno e durável, porque repousa sobre a afinidade moral! Em verdade, é o Espírito que ama e não o corpo, e, quando a ilusão material se dissipa, o Espírito vê a realidade. Seria admissível casais que se conheceram e se amaram no passado (re)encontrarem-se noutra existência corporal e reconhecerem-se?

Garantem os Benfeitores que não! Mas podem sentir-se atraídas. E, "frequentemente, diversa não é a causa de íntimas ligações fundadas em sincera afeição. Dois seres se aproximam devido a circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que na realidade resultam da atração de dois Espíritos, que se buscam reciprocamente por entre a multidão.". (5)

Enfim, no casamento temos a base dos reflexos aprazíveis ou aborrecíveis que o passado nos restitui. E não é demais lembrar que o matrimônio não existe para a exaltação egoística da parentela humana, mas para ser uma instituição abençoada onde, quase sempre, demanda-se a renúncia e o sacrifício de uma existência inteira.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro, Ed.

FEB 2000, perg 695

(2) Disponível no portal

http://revistaplaneta.terra.com.br/secao/comportamento/casamento-bom acessado em 25/05/2013

(3) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XIV - Item 8, Rio de Janeiro: Ed. FEB 2000

(4) Xavier, Francisco Cândido. Voltei, ditado pelo espírito "Irmão Jacob" (pseudônimo de Frederico Figner), Rio de Janeiro, 1a. edição, Conceitos de uma cartilha preparatória pag 102 ed. FEB, 1949

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro, Ed. FEB 2000, perg 386

Deterioração da família nuclear

As relações familiais deveriam ser, acima de tudo, de ordem ética. Mas observa-se nelas uma deterioração emocional profunda e uma complexa malha de desestabilidades morais, que nos importa examinar sob a lupa doutrinária. Os novos modelos de relacionamentos deram origem a famílias diferentes do padrão tradicional. Nos idos dos anos 80, mais de 70% das famílias eram nucleares. Hoje, menos da metade é assim.

Há uma deterioração da instituição familiar. Destarte, é quase impossível atualmente a formatação de uma árvore genealógica da família moderna, posto que ela está sob os guantes dos desarranjos domésticos, reflexos das separações, divórcios, novos casamentos, meio-irmãos, agregados etc. Está muito difícil a definição para o termo família considerando as novas formas de relacionamentos afetivos. Isso porque entre o namoro, o noivado e o casamento há inúmeras possibilidades de relacionamento que nem sequer constam no dicionário.

A estrutura familiar tem suas matrizes na esfera espiritual. Em seus vínculos, juntam-se todos aqueles que se comprometeram, no Além, a desenvolver na Terra uma tarefa construtiva de fraternidade real e definitiva. Precisamos "melhorar, sem desânimo, os contatos diretos e indiretos com os pais, irmãos, tios, primos e demais parentes nas lides do mundo para que a vida não venha nos cobrar novas e mais enérgicas experiências em encarnações próximas. O cumprimento do dever, criado por nós mesmos, é lei do mundo interior a que não poderemos fugir."(1)

A velocidade dessas mudanças comportamentais tem estremecido as estruturas fundamentais da família tradicional.

Todavia, a família nuclear ainda é considerada por muitos como a ideal. Inobstante sabermos que a família clássica pode criar malfeitores, e um casal no segundo casamento pode se sair muito bem na educação dos filhos.

O casamento (união permanente de dois seres), não é contrário à Lei da Natureza, muito pelo contrário. Na Codificação, os Benfeitores espirituais foram categóricos ao afirmar que "é progresso na marcha da Humanidade."(2) Ora, o casamento implica em um regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua.

Por essa razão, o Espírito Emmanuel explica: "essa união reflete as Leis Divinas que permitem seja dado um esposo para uma esposa, um companheiro para uma companheira, um coração para outro coração e vice-versa, na criação e desenvolvimento de valores para a vida".(3) A família é a célula-máter do organismo social. Qual seria, para a sociedade, "o resultado do relaxamento dos laços familiares, senão o agravamento do egoísmo?"(4)

A família, para determinadas religiões e sociedades, é algo indissolúvel. Tempos atrás, a manutenção dessas famílias era somente para manter aparências de respeito e felicidade. Hoje, observam-se famílias se desfazendo por trivialidades. O que é o ideal? A família de "porta-retratos" ou a família que se dissolve na primeira "tempestade moral"?

Cremos que o Centro Espírita pode dimensionar os serviços de suporte à família atual, mas não de forma isolada. Deve integrar suas ações com outras instituições, tanto de caráter religioso como social, na busca da melhor qualidade do atendimento individual e coletivo, naturalmente, sem perder sua identidade doutrinária, mas, objetivando o resgate da ordem moral, que deve alicerçar a família como espaço de convivência. No clã familiar de tempos mais antigos, sem dúvida, encontrava-se um espaço de convivência maior entre

seus membros, embora não se esteja discutindo sua "qualidade". Na atual arrumação familiar, pelo contrário, e apesar das menores dificuldades materiais, encontra-se um espaço menor de convivência.

Reflitamos com Emmanuel o seguinte: "ante a luta doméstica, devemos revestir-nos de paciência, amor, compreensão, devotamento, bom ânimo e humildade, a fim de aprender a vencer, na luta doméstica."(5)

Bibliografia:

(1) Vieira, Waldo. Conduta Espírita. Ditado pelo Espírito André Luiz. 21a edição. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1998.

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, item n°. 695.

(3) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1972.

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, item n°. 775.

(5) Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. Leis de Amor, São Paulo: FEESP, 1981.

Nossos filhos, nossas jóias mais preciosas

Quando o assunto é "drogas", percebemos que há um número bastante significativo de pessoas que, instantaneamente, associam essa palavra aos produtos cujo consumo não nos é lícito, quais sejam: a maconha, a cocaína, o crack, etc.. No entanto, esquecem-se de que, tanto do ponto de vista físico quanto espiritual, outros produtos tóxicos, e de livre comércio, são tão prejudiciais ou mais perniciosos, até, do que aqueles, como, por exemplo: a bebida alcoólica, o cigarro, as drágeas confeccionadas em laboratórios, etc.. Quantos lares são desfeitos e quantos crimes são cometidos, cuja causa provém de estados de embriaguês? Quantas doenças incuráveis são diagnosticadas em pessoas que se lançaram à autocrueldade, pela dependência da nicotina? Portanto, o fato de a substância ser legal ou ilegal não tem uma relação direta com o perigo que oferece.

Quantas famílias desejariam que reinasse, nas pessoas a quem muito amam, a serenidade frente às crises que enfrentam na vida, e quantas gostariam que inexistissem hábitos autodestrutivos que, equivocadamente, adotam como suposta solução de seus problemas, causando dor e sofrimento a si mesmas e ao grupo familiar a que pertencem?

Aqueles que já se iniciaram nos maus vícios, mas ainda não estabeleceram um nível de intimidade maior com as drogas, os pais podem e devem ampará-los com serenidade, ajudando-os, fundamentalmente, a não se tornarem dependentes dessas substâncias tóxicas, além de lhes ensinar a manterem acesa a chama da esperança, incutindo neles a ideia de que estão, apenas, vivendo momentos difíceis de ajuste da alma em

desalinho. Em razão disso, não devemos abandoná-los à própria sorte, pois ninguém se lança ao vício para ser infeliz, uma vez que todos almejam a felicidade.

Para todo dependente químico existe um tratamento específico. Quando a dependência é única e exclusivamente física, esta é anunciada nas crises de abstinência com reações de menor expressão, e a cura é relativamente fácil. Porém, quando a dependência é psicológica, as reações são bem mais agressivas, e a cura requer muito mais tempo. Daí a necessidade da compaixão, da renúncia e do irrestrito afeto familiar.

Os filhos, quando crianças, registram em seu psiquismo todas as atitudes dos pais, tanto as boas quanto as más, manifestadas na intimidade do lar. Crescem, observando os adultos utilizando tranquilizantes ao menor sinal de tensão ou nervosismo e, quase que imediatamente, presenciam os primeiros sinais de serenidade e equilíbrio exercidos pela ação do medicamento. Quando ouvem os pais se referirem a uma xícara de café para se sentirem estimulados ou a um cigarro para se sentirem mais calmos, essas cenas passam a existir, por muito tempo, em seus escaninhos mentais e, quando se defrontam com as primeiras dificuldades, inerentes a todo ser em evolução, buscam nas drogas a pretensa harmonia existencial.

São atentos, igualmente, às atitudes dos pais dos amigos com os quais se relacionam e a contradição, então, transparece, posto que muitos deles têm maneiras diversas de lidar com um filho. Alguns são totalmente contra o uso de quaisquer drogas, legalizadas ou não, mas a maioria considera socialmente aceitável o consumo de bebidas alcoólicas, o vício do cigarro, o uso de "energéticos", etc.. Isso tudo, sem falar no grave problema dos benzodiazepínicos, barbitúricos e metadona, cuja ingestão permanente pode causar dependência como qualquer outra droga alucinógena ou não. Na verdade, as

drogas não deveriam ser avaliadas, tendo por base a ilegalidade ou legalidade, mas pelos malefícios que elas acarretam à saúde. Os adultos têm sempre "desculpas de ocasião" e formas de justificar esses comportamentos paradoxais. Contudo, trata-se de um modelo de comportamento que não serve de referencial a alguém, muito menos àqueles que são adeptos aos moldes que Jesus nos veio ensinar.

Foi na década de 60 que surgiram os tranquilizantes chamados, cientificamente, de "ansiolíticos", destinados a combater estados de ansiedade, ou melhor, combater estados de desordens psíquicas e questões emocionais da vida cotidiana. O problema ganha proporções imensuráveis, quando pesquisas atuais apontam que uma das tais drogas, o diazepan, tornou-se um dos "remedinhos" mais vendidos da atualidade. A propósito, cabe aqui ressaltar que profissionais competentes e respeitados, ligados à saúde mental, que diariamente lidam com as emoções humanas, já consideram que prescrevê-los equivale à clara admissão de um fracasso terapêutico da psiquiatria.

Há aqueles que, ao menor sinal de angústia, de desconforto, lançam mão de um "remedinho", de uma "cervejinha", de um "cafezinho", de um "cigarrinho", para aplacar a ansiedade de forma quase que instantânea. Esse é o princípio básico de paradigma de comportamento dependente, que observamos em um imenso número de adultos e pais, no qual, sem "desconfiômetros", estão mergulhados. Destarte, introjetam no inconsciente dos filhos, alunos, e jovens em geral, a ideia de que os problemas podem ser resolvidos, como que por um passe de mágica, com a "ajudazinha" de uma "substanciazinha", originária da cana-de-acúcar, denominada álcool; de uma "plantinha" inocente, do gênero nicotiana (solanaceae), conhecida por tabaco, de um "alcaloidezinho", também inofensivo, conhecido por cafeína, e assim por diante.

Porém, todos atuam sobre o sistema nervoso central e alteram todo o metabolismo do indivíduo, igualmente.

Para muitos psicólogos, se a questão "drogas" fosse abordada de forma adequada ao nível de compreensão da criança ou do adolescente, deixando de ser algo secreto e misterioso, perderia muito de seus atrativos. Para outros especialistas, o fato de um jovem experimentar drogas não faz dele um dependente. Sim, porém, como ninguém tem como monitorar o que se passa nas ideias das pessoas, e muito menos pela cabecinha de um adolescente, mesmo porque, em se tratando de "drogas", a atitude dos jovens é extremamente silenciosa, principalmente porque todos eles sabem o quanto a sociedade discrimina quem com elas se afiniza, experimentar não constitui problema algum àqueles que têm suas emoções bem ajustadas no momento da curiosidade, mas, para outros, não tão bem estruturados psicologicamente, experimentar é sinônimo de "continuar experimentando" sempre e a qualquer hora.

Por esta razão, os pais devem estar sempre atentos e, incansavelmente, buscando um diálogo franco com os filhos, sobretudo, amando-os, independentemente, de como se situam na escala evolutiva. Os pais não se devem desesperar, mormente no mundo de hoje. A melhor maneira de tentar neutralizar a atração que as drogas exercem será estimular os jovens a experimentar formas não-químicas de obtenção de prazer. Os "baratos" podem ser obtidos através de atividades intelectuais, artísticas, esportivas, etc.. Cabe aos adultos tentar conhecer melhor os jovens para estimulá-los a experimentar formas mais criativas de obter prazer e sensações intensas, mas dando-lhes exemplos de sobriedade. (1)

Coincidentemente, ou não, os jovens que dependem exageradamente dos tóxicos, são pouco amados pelos pais, sentem-se deslocados no grupo familiar ou se consideram pouco atraentes, etc.. Por estas e muitas outras razões, os pais

devem transmitir segurança aos filhos através do afeto e do carinho constantes. Afinal, todo ser humano necessita ser amado, gostado, mesmo tendo consciência de seus defeitos, dificuldades e de suas reais diferenças.

A crença de que a felicidade pode ser comprada num "Shopping Center" e que decepções, angústias, tristezas e solidão têm que ser evitadas a qualquer custo, consubstanciam o modelito de relação que os dependentes químicos (consumidores) estabelecem com as drogas (produtos). Urge que lhes desmistifiquemos a fórmula imposta pela sociedade aos indivíduos, de que a melhor maneira de se viver se constitui na síndrome do consumismo extravagante e exagerado.

Importa que os pais se lembrem de que conflitos e atos de rebeldia fazem parte da instabilidade emocional, natural na adolescência e estes não são indicadores precisos de que os filhos estejam envolvidos com as drogas. Desse modo, convém que dêem um voto de confiança aos filhos e constituam com eles uma inexpugnável parceria, alicerçada na credibilidade mútua e no respeito à vida. A autoridade dos pais (2) não somente é aceita pela maioria das crianças e adolescentes, sobretudo quando presenciam, no ambiente familiar, a confiança e o afeto, mas, também, é extremamente necessária, para que não se sintam inseguros na vida ou que os papéis que competem a cada um, não se invertam.

Outro posicionamento a ser observado é nunca partir para atitudes extremas, como, por exemplo: violência verbal, violência física ou, ainda, movidos por extrema impaciência, expulsar um filho de casa. Qualquer ato precipitado dos pais poderá reverter contra eles mesmos, futuramente, e lançá-los à dor do arrependimento tardio. É óbvio que cada caso é um caso, mas jamais partir para qualquer solução mais severa, sem antes esgotar todas as possibilidades fraternas de ajuste, de bondade, de solidariedade humana, de renúncia, disponíveis no âmago dos corações dos que se dizem fiéis aos ensinamentos

do Cristo Jesus. Convém que não se esqueçam, principalmente, de que a oração fervorosa é a mais poderosa ferramenta de que o homem dispõe como solução contra quaisquer sugestões do mal.

Por falar em solução, existem várias maneiras paralelas de ajuda aos que dependem da droga: tratamento médico; terapias cognitivas e comportamentais; psicoterapias; grupos de auto-ajuda, a considerar: Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, etc.. Na opinião dos experts, especialistas da área, o tratamento do dependente de drogas não requer internação, na grande maioria dos casos, pois as respostas não têm sido favoráveis a que eles apresentem melhora nessas condições de isolamento, distantes do convívio familiar. Muito pelo contrário, constatam a ineficiência do tratamento nessas condições, com um significativo aumento do consumo, a que os dependentes se lançam, após saírem da clínica.

A questão é de educação na família cristalizada, na escola enobrecida, na comunidade honrada, e não nas políticas de repressão policial, estabelecendo mais violência do que solução. Todos nós sabemos que violência gera violência. As famílias que se deparam com um drama desses no lar, em primeiro lugar devem procurar forças em Deus, Pai misericordioso e justo, e em Jesus, porque Ele não veio somente para os sãos, mas, fundamentalmente, para os enfermos; em segundo lugar, não devem se acovardar diante do fato em si, pois, por trás de toda queda moral existe um grito recôndito de "socorro!". Conversemos, esclareçamos, orientemos e assistamos os que se hajam tornado vítimas das drogas, procurando os recursos competentes da Medicina como da Doutrina Espírita, a fim de conseguirmos a reeducação e a felicidade daqueles que a Lei Divina nos confiou para a nossa e a ventura deles. (3)

É importante que os pais ensinem seus filhinhos queridos a manterem permanente vigilância pela oração embasada numa fé raciocinada e o Espiritismo propõe, dentre outras bênçãos, o

fortalecimento e o equilíbrio mental. Uma coisa é certa: o Espiritismo não propõe soluções específicas, reprimindo ou regulamentando cada atitude, nem dita fórmulas mágicas de bom comportamento aos jovens. Prefere acatar, em toda sua amplitude, os dispositivos da lei divina, que asseguram a todos o direito de escolha (o livre-arbítrio) e a responsabilidade consequente de seus atos.

Sob o enfoque espírita, sabemos que irmãozinhos nossos do mundo espiritual que usaram drogas enquanto encarnados, muitos ainda continuam escravos do vício. Unem-se aos seus afins, os viciados encarnados, imantando-se nos seus perispíritos, para sorverem as emanações perniciosas provenientes do uso das drogas.

As energias deletérias dos viciados do além podem, a longo prazo, causar, nos viciados de "cá", distúrbios orgânicos graves, como: câncer de pulmão, problemas no fígado, no aparelho circulatório, no sangue, no sistema respiratório, no cérebro e nas células, principalmente as neuroniais (4), devido ao enfraquecimento dos centros vitais do viciado, ainda encarnado. Os efeitos destruidores da obsessão e das drogas são tão intensos que extrapolam os limites do organismo físico do viciado, alcançando e comprometendo, substancialmente, o equilíbrio e a própria funcionalidade do seu perispírito. Se a morte os surpreender, antes mesmo de se regenerarem, conservam, na espiritualidade, os estigmas da prática nociva que os levou à degeneração dos seus respectivos centros vitais, visíveis no perispírito.

Por todas essas razões, precisamos aprender a servir e perdoar; socorrer e ajudar os jovens entre as paredes do lar, sustentando o equilíbrio dos corações que se nos associam à existência e, se nos entregarmos realmente no combate à deserção do bem, reconheceremos os prodígios que se obtêm dos pequenos sacrifícios em casa por bases da terapêutica do amor. (5)

Confiemos em Deus, primeiramente, e optemos, pois, pela drágea do afeto, o comprimido do carinho, a gota de renúncia, o chá do amor em família, por serem os mais eficazes remédios na cura das patologias de quaisquer procedências. Esses medicamentos consubstanciam-se pela maior atenção dos pais para com os filhos, demonstrados pela sadia preocupação que têm com a formação moral deles e o suprimento de suas necessidades afetivas.

Fiquemos alerta! Nossos filhos são a jóia mais rara e preciosa que possuímos, não os abandonemos!

Referências bibliográficas:

(1) Disponível no site www.senado.gov.br/publicações acessado em 08/09/2007

(2) Autoridade não deve ser confundida com autoritarismo, arbitrariedade ou rigidez

(3) Franco, Divaldo Pereira. "Após a Tempestade", ditado pelo espírito Joanna de Angelis. Bahia: Editora LEAL, 2ª Edição

(4) Os neurônios guardam relação íntima com o perispírito, segundo André Luiz em "Mecanismos da Mediunidade"

(5) Xavier, Francisco Cândido. "Caminhos de Volta" - Espíritos Diversos

Educação religiosa nas escolas públicas – espíritas! Não matriculem seus filhos

É preocupante o acordo firmado entre Brasil e Vaticano, em 2008, já aprovado pela Câmara, estabelecendo compromissos jurídicos, dentre os quais o de ensino religioso público. Em que pese ser um acordo que afirma a "laicidade" da estrutura constitucional do país, será verdade isso? O próprio Ministério da Educação criticou esse ponto, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ao referir sobre ensino religioso, não cita nenhuma fé específica e, também, veda a promoção de uma religião.

O ensino religioso nas escolas foi instituído pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 33, da Lei n° 9.394, de 1996, cuja redação foi substituída pela Lei n° 9475, de 1997, que consigna o seguinte: "O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo." Porém, afirmamos que um ensino religioso, dificilmente, será, de fato, ecumênico. Isso é arroubo utópico dos sonhadores de plantão.

O modelo constitucional brasileiro em vigor instituiu a "laicidade" do Estado brasileiro, garantindo a liberdade religiosa a toda cidadania. Porém, o acolhimento do acordo com a "Santa Sé", pelo Congresso Nacional, implicará em grave retrocesso ao exercício das liberdades e à efetividade da pluralidade, enquanto princípio fundamental do Estado.

Cremos que escola pública não é, e nunca deve ser lugar de

ensino religioso. Ensino religioso nas escolas públicas é ranço de nefanda ditadura. Somos, cabalmente, contra esse tipo de ensino em escolas públicas, até porque, os professores jamais vão conseguir ser imparciais. Portanto, o ensino proposto é inviável, fere a dignidade de nossas crianças, lembrando, aqui, que a opção por uma religião é pessoal, e deve ser respeitada no limite máximo da liberdade de credo. Outra coisa estranha: É uma afronta ao estado de direito que uma religião receba recursos públicos para fazer seu proselitismo.

Sobre isso, a Federação Espírita Brasileira, no final da década de 90, esclareceu, através de seu presidente, Juvanir Borges, que a Lei nº 9.475, era passível de arguição de inconstitucionalidade. A Lei deu nova redação ao artigo 33, da Lei nº 9.394 (que instituiu o ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental). Porém, ao lhe dar redação nova, excluiu a expressão sem ônus para o poder público, ensejando que o ensino religioso possa ser subsidiado ou remunerado pelo erário público. Com base na posição assumida pelo Conselho Federativo Nacional, em reunião plenária de 9 de novembro de 1997, a FEB, propondo que o ensino religioso deva ser ministrado no lar e no Centro Espírita, recomendou às Instituições Espíritas de todo o país que orientem os pais para que declarem, expressamente, no ato da matrícula dos alunos espíritas, nas escolas públicas de ensino fundamental, que eles não assistirão às aulas de ensino religioso, sob qualquer hipótese.

Reflitamos juntos: O que o professor de Ensino Religioso poderia abordar em sua aula? Como ele estaria ou está sendo capacitado? Somos favoráveis à proscrição definitiva da dimensão religiosa na escola pública, para que não ocorra o domínio das consciências infanto-juvenis. Imagine, como hipótese, um professor fundamentalista que prega: "fora da minha religião, não há salvação". Com tal sujeito, não há diálogo possível.

A Religião corresponde a uma exigência natural da condição humana e a uma exigência da consciência humana e pertence, de maneira irrevogável, ao campo do conhecimento. Destarte, devemos mantê-la restrita aos centros espíritas (para os espíritas), ao lar, e, sobretudo, desprovida da roupagem imprópria do sectarismo. O núcleo familiar é o primeiro grupo social do qual participamos e recebemos, não somente, herança genética ou material, mas, principalmente, moral. O ensino religioso, aí, tem um papel importantíssimo na formação do indivíduo, ou melhor, na formação da pessoa como um todo. Vivemos em um mundo globalizado, onde a individualidade e o materialismo-consumista têm ocupado a primazia de vários ambientes familiares. Por isso, o ensino religioso (do Evangelho) no Centro Espírita ou na família permite com que o indivíduo se enxerga além desse momento imediato, levando-o a uma dimensão que somente a Inteligência Suprema pode oferecer, ou seja, a transcendentalidade.

Alguém duvida que a intolerância religiosa no Brasil exista? No maior país católico do mundo presenciamos uma beligerante disputa por fiéis. A Igreja Católica "perde" adeptos para os pentecostais, os quais satanizam os deuses do candomblé e da umbanda. A Renovação Carismática Católica vem ganhando adeptos, o Espiritismo continua com marcante presença e, em meio a tudo isso, a New Age (Nova Era) se torna, cada vez mais, evidente. "As religiões brasileiras se encontram de forma acirrada na disputa desse mercado de bens simbólicos". Nesse contexto, o Estado tem que zelar pela legislação, defendendo o princípio da liberdade religiosa. Porém, é fácil perceber que o Estado brasileiro não é tão laico assim!. Sofre influências religiosas, principalmente da Igreja Católica, motivo pelo qual muitos evangélicos estão querendo conquistar esse lugar. Em 2005, num edital de abertura de concurso para professores do ensino religioso das escolas públicas, de importante estado brasileiro, as 500 vagas oferecidas foram separadas da seguinte

forma: 342 para o credo católico, 132 para o credo evangélico e 26 vagas para professores dos demais credos. Esse edital hediondo deixa clara a característica confessional da educação religiosa.

O Estado não tem meios de oferecer um ensino religioso que atenda todos os tipos de crença. Por outro lado, se isso acontecesse, não haveria sentido, porque isso, como vimos, é papel da religião e da família e não da escola. Religião, do ponto de vista do Estado e dos direitos de cidadania, deve ser entendida como tema de foro íntimo do indivíduo, alojado ali, junto à liberdade de consciência e de opinião e... Ponto final!

Direitos humanos e ética são conteúdos que podem e devem integrar o projeto político-pedagógico da escola, sem que seja necessário envolver conteúdos religiosos. Tentar travestir a religião com a roupagem de conteúdo escolar, e vice-versa, é desservir à formação moral da criança e do adolescente, assim como desestabilizar a própria Nação. Diante da diversidade existente em nosso país, é central que esta questão seja, novamente, discutida no sentido de que não haja mais, nas escolas públicas, espaços para a pregação/ensino de crenças religiosas patrocinadas pelo poder público. Não cabe ao Estado destinar energia e dinheiro para esse fim, sendo, isso, uma responsabilidade das instituições religiosas e da família. O nosso País necessita preservar a condição de Estado laico e deve assumir uma neutralidade positiva no que se refere à abordagem de temas relacionados à religiosidade e seus embates com outras esferas da sociedade.

Educar os filhos, eis o desafio para um mundo sem violências

Jornais, redes de TV, revistas, rádios e Internet noticiaram um crime horroroso ocorrido, recentemente, em Goiânia. Um jovem, usuário de drogas, confessou ter matado e esquartejado uma jovem inglesa em seu apartamento. O advogado da família do assassino tentou justificar a personalidade agressiva do seu cliente, alegando que o sentimento de "perda" do pai, um policial morto em serviço, poderia ser o motivo que o levou ao vício das drogas ilícitas, e, consequentemente, ao extremo grau de perversidade. Porém, segundo amigos mais próximos, o assassino, além de viver às expensas da mãe, não tinha emprego, não estudava, não fazia coisa alguma e, consequentemente, vivia alheio a tudo que acontecia ao seu redor.

Diante do macabro episódio, a mãe da jovem inglesa assassinada afirmou que temia o envolvimento da filha com o tráfico e uso de drogas. O pai da moça, segundo parentes, nunca esteve presente para ajudar na sua educação. Sabe-se que a moça morta esteve um ano internada em uma instituição para tratamento de viciados, na Inglaterra. Para a mãe, "a filha não era um anjo", mas não merecia morrer assim, pois ainda tinha toda uma vida pela frente, e, por causa de um "monstro humano", não poderá realizar seus sonhos, desabafou inconformada.

A violência contra a jovem inglesa, embora bárbaro, e cuja explicação não é tarefa simples, obriga-nos a ilações diretas que passam, invariavelmente, pela questão da educação dos nossos filhos. Antes de quaisquer comentários, e para não nos

precipitarmos em uma análise fria da conduta alheia, sabemos da necessidade de revisarmos os processos educativos que adotamos para com os nossos rebentos, e, se preciso for, corrigir enquanto há tempo. Como adeptos do Espiritismo, devemos ministrar a educação "espírita" a nossos filhos, e não podemos deixar de fazê-lo sob qualquer pretexto. Os Espíritos nos elucidam que a fase infantil, em sua primeira etapa, até os sete anos, aproximadamente, é a mais acessível às impressões que recebe dos pais, razão pela qual não podemos esquecer nossos deveres de orientá-los quanto aos conteúdos morais. Como o encarnado trás muito da experiência de vida anterior, em nenhuma hipótese essa primeira etapa deve ser encarada com indiferença. Até porque, a errônea ideia de que a criança deve desenvolver-se com a máxima noção de liberdade pode dar margem a trágicas consequências. "A criança livre é a semente do celerado. A própria reencarnação se constitui, em si mesma, restrição considerável à independência absoluta da alma necessitada de expiação e corretivo". (1)

Portanto, os pais devem ensinar a tolerância mais pura, mas não desdenhemos a energia, quando necessária no processo da educação, reconhecida a heterogeneidade das tendências e a diversidade dos temperamentos. Como ilustra Emmanuel: "Ensinar-lhes-á o respeito pelo infortúnio alheio, para que sejam igualmente amparados no mundo, na hora de amargura que os espera, comum a todos os espíritos encarnados. Nos problemas da dor e do trabalho, da provação e da experiência, não deve dar razão a qualquer queixa dos filhos, sem exame desapaixonado e meticuloso das questões, levantando-lhes os sentimentos para Deus, sem permitir que estacionem na futilidade ou nos prejuízos morais das situações transitórias do mundo. Cumprindo esse programa de esforço evangélico, na hipótese de fracassarem todas as suas dedicações e renúncias, compete às mães incompreendidas entregar o fruto de seus labores a Deus, prescindindo de qualquer julgamento do

mundo, pois que o Pai de Misericórdia saberá apreciar os seus sacrifícios e abençoarão as suas penas, no instituto sagrado da vida familiar." (2)

Portanto, os pais espíritas devem conduzir energicamente os filhos para a educação de evangelização espírita, pois, qualquer indiferença nesse particular, segundo Emmanuel, "pode conduzir a criança aos prejuízos religiosos de outrem, ao apego do convencionalismo, e à ausência de amor à verdade." (3) Destarte, agir contrariamente a essas normas é abrir para o criminoso de ontem a mesma porta larga para os excessos de toda sorte, que conduzem ao aniquilamento e ao crime. "Os pais espiritistas devem compreender essa característica de suas obrigações sagradas, entendendo que o lar não se fez para a contemplação egoística da espécie, mas, sim, para santuário onde, por vezes, se exige a renúncia e o sacrifício de uma existência inteira." (4)

Como devemos fazer para cumprirmos, evangelicamente, os nossos deveres, conduzindo os filhos para o bem e para a verdade? Os pais devem ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A missão dos pais, principalmente da mãe, resume-se em dar sempre o amor de Deus, que pôs no coração das mães a sagrada essência da vida. Nos labores do mundo, existem aquelas (mães) que se deixam levar pelo egoísmo do ambiente particularista; contudo, é preciso acordar a tempo, de modo a não viciar a fonte da ternura. "A mãe terrestre deve compreender, antes de tudo, que seus filhos, primeiramente, são filhos de Deus." (5)

Os filhos, quando crianças, registram em seu psiquismo todas as atitudes dos pais, tanto as boas quanto às más, manifestadas na intimidade do lar. Por esta razão, os pais devem estar sempre atentos e, incansavelmente, buscando um diálogo franco com os filhos, sobretudo, amando-os, independentemente, de como se situam na escala evolutiva.

Coincidentemente, ou não, os jovens que dependem exageradamente dos tóxicos (como no caso de Goiânia), são pouco amados pelos pais, sentem-se deslocados no grupo familiar ou se consideram pouco atraentes, etc. Por estas e muitas outras razões, os pais devem transmitir segurança aos filhos através do afeto e do carinho constantes. Afinal, todo ser humano necessita ser amado, gostado, mesmo tendo consciência de seus defeitos, dificuldades e de suas reais diferenças.

Outro posicionamento a ser observado é nunca partir para atitudes extremas, como, por exemplo: violência verbal, violência física ou ainda, movida por extrema impaciência, expulsar um filho de casa. Qualquer ato precipitado dos pais poderá reverter contra eles mesmos, futuramente, e lançá-los à dor do arrependimento tardio. Convém que não se esqueçam, principalmente, de que a oração fervorosa é a mais poderosa ferramenta de que o homem dispõe como solução contra quaisquer sugestões do mal. Por falar em solução, existem várias maneiras paralelas de ajuda aos que dependem da droga: tratamento médico; terapias cognitivas e comportamentais; psicoterapias; grupos de auto-ajuda, a considerar: Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, etc. As famílias que se deparam com um drama desses no lar, em primeiro lugar, devem procurar forças em Deus, e em Jesus, porque Ele não veio somente para os sãos, mas, fundamentalmente, para os enfermos.

O Espiritismo não propõe soluções específicas, reprimindo ou regulamentando cada atitude, nem dita fórmulas mágicas de bom comportamento aos jovens. Prefere acatar, em toda sua amplitude, os dispositivos da lei divina, que asseguram a todos o direito de escolha (o livre-arbítrio) e a responsabilidade consequente de seus atos. Por todas essas razões, precisamos aprender a servir e perdoar; socorrer e ajudar os jovens entre as paredes do lar, sustentando o equilíbrio dos corações que se

nos associam à existência e, se nos entregarmos realmente no combate à deserção do bem, reconheceremos os prodígios que se obtêm dos pequenos sacrifícios em casa por bases da terapêutica do amor.

Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e concentrando-lhe as posições mentais, pois que essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida. Urge salientar que quando os filhos são rebeldes e incorrigíveis, impermeáveis a todos os processos educativos, "os pais, depois de movimentar todos os processos de amor e de energia no trabalho de orientação educativa dos filhos, que sem descontinuidade da dedicação e do sacrifício, esperem a manifestação da Providência Divina para o esclarecimento dos filhos incorrigíveis, compreendendo que essa manifestação deve chegar através de dores e de provas acerbas, de modo a semear-lhes, com êxito, o campo da compreensão e do sentimento." (6)

Referências bibliográficas:

(1) XAVIER, Francisco Cândido. O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

(2) idem

(3) idem

(4) idem

(5) idem

(6) idem

Educar os próprios filhos, um grande desafio para os pais

Uma brasileira foi condenada a nove meses de prisão, na Espanha, por expulsar de casa, por um dia, o seu filho de 15 anos. A sentença recebeu destaque nos principais jornais e TVs espanholas. Nossa conterrânea alegou que agiu assim, porque pretendia dar uma lição mais "forte" no filho, que é problemático, desobediente e muito agressivo. Sua intenção era ensinar-lhe regras sociais e respeito pela mãe.

Para a juíza, do Tribunal Penal de Málaga, a atitude da brasileira representa uma negligência e um delito de abandono temporário, motivo pelo qual a condenou, explicando que, embora o menor se encontre em plena adolescência, com os conflitos comuns da idade, isso não é razão para colocá-lo fora de casa, deixando-o à intempérie na rua, por uma noite, porque essa decisão cria uma situação de risco para o menor.

Ante o fato narrado pela imprensa, e para não nos precipitarmos em uma análise fria da conduta alheia, importa, antes de tudo, salientarmos a necessidade de revisarmos os processos educativos que adotamos para com os nossos filhos, e, se preciso for, corrigir, sem violências, enquanto há tempo . Como adeptos do Espiritismo, devemos ministrar a educação "espírita" a nossos filhos, e não podemos deixar de fazê-lo sob qualquer pretexto. Os Espíritos nos explicam que a fase infantil, em sua primeira etapa, até os sete anos, aproximadamente, é a mais acessível às impressões que recebe dos pais, razão pela qual não podemos esquecer nossos deveres de orientá-los quanto aos conteúdos morais.

Toda e qualquer violência doméstica é trágica sob qualquer

análise. As relações entre filhos e pais deveriam ser, acima de tudo, de ordem ética. Mas, observa-se nessa relação uma deterioração emocional profunda e uma complexa malha de desestabilidades morais, que merece comentários. No clã familiar de tempos mais antigos, sem dúvida, encontrava-se um espaço de convivência maior entre seus membros da família, embora não se esteja discutindo sua "qualidade". Na atual arrumação familiar, pelo contrário, e apesar das menores dificuldades materiais, encontra-se um espaço menor de convivência. A tecnologia volátil, descartável, é responsável, quase que diretamente, por essa conjuntura, pois, muitos pais e filhos ocupam espaços importantes para jogar vídeo-games, assistir televisão, ouvir música com fone de ouvido, navegar na Internet, e assim por diante. Em face disso, somos instados a afirmar que o instituto familiar necessita de grande choque de modelo e, sobretudo, de muito apoio religioso para alcançar seu equilíbrio moral.

Muitos grupos familiares vivem, sobrevivem e revivem agressividades múltiplas, influenciadas pela violência que, insistentemente, é veiculada pelos noticiários, documentários, filmes, telenovelas vazias de conteúdo moral e programas de auditório, cada vez mais obscuros de valores éticos. Alguns familiares assimilam, subliminarmente, essas cargas cotidianas de informações e, no dia-a-dia, reagem, violentamente, diante dos reveses da vida ou perante as contrariedades corriqueiras.

Pela orientação espírita, sabemos que se não aceitarmos nossos filhos, hoje, como são, teremos de aceitá-los amanhã, pois as leis da vida exigem, segundo nos ensinou Jesus, que nos entendamos com os nossos irmãos, de penosa convivência, enquanto estivermos a caminho com eles. A fuga aos deveres atuais será quitada mais tarde com os juros devidos. Os filhos rebeldes são filhos de nossas próprias obras, em vidas anteriores, que a Bondade de Deus, agora, encontra a possibilidade de nos unir pelos laços da consanguinidade,

dando-nos a estupenda chance de resgate, reparação e os serviços árduos da educação.

Um posicionamento rigoroso a ser observado pelos pais é nunca partir para atitudes extremas, como, por exemplo: violência verbal, violência física ou, ainda, movida por extrema impaciência como fez a brasileira com o filho na Espanha, expulsando o filho de casa. Qualquer ato precipitado dos pais poderá reverter contra eles mesmos, futuramente, e lançá-los à dor do arrependimento tardio. Convém que não se esqueçam, principalmente, de que a oração fervorosa é a mais poderosa ferramenta de que dispomos como solução contra quaisquer sugestões do mal.

Os pais devem ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A missão dos pais, principalmente da mãe, segundo Emmanuel, resume-se em dar sempre o amor de Deus, que pôs no coração das mães a sagrada essência da vida. "Nos labores do mundo, existem aquelas [mães] que se deixam levar pelo egoísmo do ambiente particularista; contudo, é preciso acordar a tempo, de modo a não viciar a fonte da ternura. A mãe terrestre deve compreender, antes de tudo, que seus filhos, primeiramente, são filhos de Deus."(1)

Os filhos, quando crianças, registram em seu psiquismo todas as atitudes dos pais, tanto as boas quanto às más, manifestadas na intimidade do lar. Por esta razão, os pais devem estar sempre atentos e, incansavelmente, buscando um diálogo franco com os filhos, sobretudo, amando-os, independentemente, de como se situam na escala evolutiva. Devemos transmitir segurança aos filhos através do afeto e do carinho constantes. Afinal, todo ser humano necessita ser amado, gostado, mesmo tendo consciência de seus defeitos, dificuldades e de suas reais diferenças.

O Espiritismo não propõe soluções específicas, reprimindo ou regulamentando cada atitude, nem dita fórmulas mágicas de

bom comportamento aos jovens. Prefere acatar, em toda sua amplitude, os dispositivos da lei divina, que asseguram, a todos, o direito de escolha (o livre-arbítrio) e a responsabilidade consequente de seus atos. Por todas essas razões, precisamos aprender a servir e perdoar; socorrer e ajudar os filhos entre as paredes do lar, sustentando o equilíbrio dos corações que se nos associam à existência e, se nos entregarmos realmente no combate à deserção do bem, reconheceremos os prodígios que se obtêm dos pequenos sacrifícios em casa por bases da terapêutica do amor.

Porém, urge salientar que, quando os filhos são rebeldes e incorrigíveis, impermeáveis a todos os processos educativos, "os pais, depois de movimentar todos os processos de amor e de energia no trabalho de orientação educativa dos filhos, sem descontinuidade da dedicação e do sacrifício, que esperem a manifestação da Providência Divina para o esclarecimento dos filhos incorrigíveis, compreendendo que essa manifestação deve chegar através de dores e de provas acerbas, de modo a semear-lhes, com êxito, o campo da compreensão e do sentimento."(2)

Referências bibliográficas:

(1) XAVIER, Francisco Cândido. O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995

(2) idem

Filhos temporões e os desafios para os "pais-avôs"

Quais os limites de idade para a maternidade/paternidade na velhice, considerando as novas tecnologias de reprodução humana? Casos de gravidez tardia têm ficado mais comuns. Muitas questões são evocadas para o tema. Temos um caso recente de Gabriella, uma bibliotecária italiana de 57 anos e Luigi de Ambrosis, um aposentado de 70. Casados há 21 anos, decidiram ter um bebê com óvulos doados. Há um ano e sete meses nasceu Viola. Todavia, perderam a guarda da filha porque a corte de Turim (Itália) entendeu que eles são velhos demais e não têm condições de criá-la. A menina foi colocada para adoção.

Segundo os juízes, a menina Viola poderia ficar órfã muito jovem ou seria forçada a cuidar de seus pais idosos na idade em que os jovens mais precisam de apoio. Cremos que esse não deve ter sido o motivo, pois só em setembro de 2011, outros dois casais italianos mais velhos (elas, de 57 e 58 anos; eles, 65 e 70 anos) geraram gêmeos por doação de óvulos. Em verdade, Gabriella e Luigi de Ambrosis foram submetidos a testes psicológicos e psiquiátricos que concluíram que a mãe não estabeleceu vínculos emocionais com a filha. O marido também não teria demonstrado preocupação com o bem-estar da Viola.

Um estudo feito pela Universidade de Tel Aviv, em Israel, sugere que homens que se tornam pais com mais de 45 anos têm filhos com dificuldade de interação social com mais frequência e até indica que filhos de pais mais velhos têm mais probabilidade de ter autismo ou QI mais baixo. No estudo analisaram dados de 450 mil adolescentes do sexo masculino

com 16 ou 17 anos de idade. Os resultados desse trabalho, porém, estão ainda longe de serem conclusivos.

Outra pesquisa realizada pela Universidade de Queensland, na Austrália, consigna que pais mais velhos têm maior probabilidade de ter filhos com menor habilidade cognitiva, isto é, menos inteligentes. Será? Os pesquisadores usaram informações do US Collaborative Perinatal Project, que realiza diferentes testes em crianças com oito meses, com anos 4 e com 7 anos de idade.

Os testes verificam habilidades de linguagem oral, leitura e escrita, memória, compreensão, concentração e coordenação motora. O resultado final do estudo demonstrou que as crianças que tinham papais mais velhos pontuaram menos nos testes de habilidades cognitivas, com exceção das habilidades motoras. O estudo sugere que os governantes conscientizem a população dos agravos de se ter um filho em idade tardia (tanto homens como mulheres) e eduque para a gestação em idade mais apropriada.

Entendemos que, se por um lado à gravidez com os papais mais velhinhos pode ser um pouco arriscada, por outro a infância da criança poderá ser muito melhor. Casais idosos têm maior experiência e geralmente estão numa condição financeira mais propícia para ter filhos. Inobastante a opinião dos especialistas, o fato de os pais mais velhos tentarem poupar os filhos de tudo é o principal fator responsável pelo desequilíbrio dos filhos. A superproteção pode provocar nos jovens a dificuldade de se relacionar com outras pessoas e de estabelecer laços afetivos fora do ambiente familiar.

Será que gerar filhos na velhice pode tornar-se um problema social? Ninguém quer pensar que os pais estão envelhecendo ou desencarnando. Em verdade, imaginar que os pais velhos se aproximam mais rápido da morte pode gerar muita ansiedade e frustração. O ideal seria que as pessoas refletissem sobre não abreviar a morte de ninguém, mas aceitar

a vida em plenitude, mesmo diante da fatalidade biológica.

Sou um “pai-avô” – tenho uma filha de 7 anos e creio que a figura do “pai-avô” pode ser compreendida como uma das inúmeras formas que temos de lidar com a finitude que aguilhoa a todos, e de maneira contundente, a partir da maturidade. Talvez a geração de filhos da velhice traga mais dificuldades em conviver com os filhos na adolescência. Mas o Espiritismo nos treina para lidar com os conflitos comuns aos adolescentes, e nada melhor do que nós, pais anciãos, tentarmos nos colocar no lugar dos jovens. Não esqueçamos que carregamos uma vantagem sobre os demais pais de outras faixas etárias. Para nós, esse diferencial é a maturidade. A possibilidade de educarmos de forma diferente e melhor é incontestável.

Se moldarmos uma sociedade em que os idosos sejam queridos e respeitados pelos filhos temporões, seremos capazes de envelhecer sem temer o destino deles.

Catastrofismos

Segundo Emmanuel, "alguns anos antes de terminar o primeiro século, após o advento do Evangelho, já as forças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir. Jesus chama aos espaços o Espírito João, que de uma caverna da ilha grega de Patmos, o apóstolo atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível. Recomenda-lhe Jesus que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertências a todas as nações e a todos os povos da Terra" (1), e o velho evangelista narra as suas visões repletas de alegorias e mistérios e transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores a João estão ali (Livro Apocalipse) previstos, para a História da humanidade. As guerras, as nações futuras, o mercantilismo e as lutas ideológicas da civilização ocidental estão ali, pormenorizadamente, entrevistos.

Muitos outros profetas, de relativa importância, sucederam-se a João, mas nenhum foi, até os nossos dias, mais importante que o médico francês Michel de Notre-Dame, internacionalmente, conhecido por Nostradamus. Este se impôs no conceito do mundo ocidental, pelo elevado índice de acertos de suas previsões, em 400 anos de ocorrência.

Esclarece Kardec: "a forma empregada até agora nas predições faz delas verdadeiros enigmas, as mais das vezes indecifráveis. Hoje, as circunstâncias são outras; as predições nada têm de místicas. São antes advertências do que predições propriamente ditas. A humanidade contemporânea também conta seus profetas. Mais de um escritor, poeta, literário,

historiador ou filósofo hão traçado, em seus escritos, a marcha futura de acontecimentos a cuja realização agora assistimos."(2)

Nesse contexto, devemos reconhecer que é preocupante o surgimento de seitas e cultos que prenunciam catástrofes, que se multiplicam mundo afora, neurotizados por essa expectativa frenética de uma "nova era". Aliás, o argumento do fim dos tempos é uma especialidade de alguns médiuns desatentos, que propagam catástrofes naturais (terremotos, furacões, epidemias, etc.), médiuns esses que, inclusive, têm sites na Internet e seguem alucinados aos sinais da "hora final".

Não são raros, em várias partes do mundo, os grupos de pessoas fanáticas que abandonaram emprego, família, à espera do "grande final" e criaram seitas estranhíssimas. Só na França, segundo a Revista Isto É: "há cerca de 200 delas, com 300 mil adeptos". No Japão, vários "gurus" prevêem o final do mundo (3). Nos Estados Unidos, pasmem!, 55 milhões de americanos creem que falta pouco para o "mundo acabar". Para nossos irmãos norte-americanos, os furacões, que têm destruído a região central do país, são anjos enviados para punir os homens, anunciando o Apocalipse. Isso, porque são países industrializados, poderosos, o que, teoricamente, nos remete à suposição de serem povos mais adiantados intelectualmente.

Nos dias atuais, nem precisamos ter o dom da premonição para anteciparmos a visão do cenário terrestre para breve. Basta analisarmos o destroçamento que o homem moderno tem operado na natureza, por desenfreada ambição. A exploração da energia nuclear ainda não é assunto do total controle humano. O desmatamento insano, a poluição do ar, o vigor da expansão do consumo de drogas, a banalização do comportamento sexual, seja através de revista, jornal, televisão, cinema, teatro, videocassete, TV a cabo, computador, etc, igualmente, escapam à racionalidade do homem. Há, também, nesse contexto, um preocupante vaticínio sobre a

drástica redução da reserva de água potável, para daqui a quatro décadas na Terra. Acerca disso, sabemos que algumas potências econômicas querem internacionalizar a Amazônia, por uma simples razão: cerca de 35% de precipitação de chuva no Planeta ocorre naquela área, levando a região a possuir a maior reserva hídrica terrestre. A propósito, sabemos que muitos especialistas prevêem conflitos mundiais, tendo como causa a corrida pela posse e controle do líquido vital.

A prática dos códigos evangélicos é a condição intransferível que determinará a grande transformação sócio, político e econômico do porvir. Nessa esteira, haverá de ser o final do mundo velho, desse mundo regido pela desmesurada ambição, pela corrupção, pelo aniquilamento dos preceitos éticos, pelo orgulho, pelo egoísmo e pela incredulidade.

Cremos que a Terra não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que destrua de súbito uma geração. A atual sociedade desaparecerá, gradualmente, e a nova lhe sucederá sem derrogação das leis naturais, conforme preceitua o Espiritismo.

"Tudo se processará exteriormente, como sói acontece, com a única, mas capital diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem." (4)

Por mais difícil que seja o processo de seleção final dos valores morais da sociedade, não podemos olvidar que Jesus é o Senhor da Vida. Os Seus ensinamentos não passaram e jamais passarão. Nessa perspectiva, saibamos que nas Suas mãos repousam os destinos da Terra.

Referências bibliográficas:

(1) Emmanuel, "A Caminho da Luz", psicografia de Chico

Xavier, Cap. 25, FEB/1981-RJ.

(2) Kardec, Allan "A Gênese", Cap. XVI, item 17, 16ª ed., FEB/a973-RJ.

(3) Revista, "Isto É", de 4 de agosto de 1999.

(4) Kardec, Allan, "A Gênese", Cap. XVIII, item 27, 16ª ed., FEB/1973-RJ.

Castração química - um debate espírita sobre o crime sexual

Violência sexual, embora seja tema potencialmente complexo, polêmico e nefasto, não há como ignorá-lo no contexto de nossa situação na terra. Desde 2007, tramita no Congresso Nacional um projeto de lei para acrescentar ao Código Penal Brasileiro a pena de "castração química" a réus condenados que cometeram crimes de estupro e corrupção de menores. Alguns especialistas da área da psiquiatria esposam a tese de que os impulsos sexuais anormais (estupro e pedofilia) são devidos a problemas na formação de caráter do ofensor, traumas de infância, formas de criação. Outros defendem a tese das causas de doenças mentais ou psicopatias, chamadas de parafilias. Seja qual for a causa, de tempos em tempos a mídia proporciona grande espaço aos defensores da punição, seja através da remoção dos órgãos sexuais do indivíduo, da emasculação ou da castração química.

Discute-se a busca de uma fórmula penal para aqueles que cometem crimes contra a liberdade sexual, especialmente os praticados contra crianças e os que envolvem motivações de ordem sexual contra elas. No Brasil, o pilar do direito penal tem matrizes no direito canônico, destarte o crime se confunde com a noção de "pecado".

Para alguns juristas, o nosso sistema repressivo é inspirado no modelo imposto pela Santa Inquisição, no qual castigos corporais e tortura eram de utilização diária.(1) Verdade ou não, é o que afirmam esses juristas. Considerando que violência e abuso sexual, principalmente contra crianças e adolescentes, atingem proporções alarmantes em nosso país,

seria a castração química uma possível solução para o problema?

A castração para os sex ofenders (2), especialmente para os child molestors (molestadores de crianças), é tema controverso que tem estado em voga na mídia mundial com muita frequência e larga repercussão. O debate existe por causa do estupro e, principalmente, da pedofilia (que ganhou proporções gigantescas após o ano 2000, com o escândalo causado pela notícia do envolvimento de clérigos pertencentes à igreja de Roma e, mais recentemente, diversos casos na Itália, também envolvendo membros da Igreja). Como se não bastasse, acrescente-se a isso o fato de que a Internet (3) transformou-se no veículo para a difusão de filmes e fotos contendo material que registra condutas que são tidas como atentatórias às crianças.

Além do discurso sobre a tão propalada perda do controle sobre a violência urbana, observamos que está tomando corpo o grito daqueles que defendem a repressão de determinados crimes de forma considerada brutal no clamor de que "algo precisa ser feito" e que "os fins justificam os meios”. (4)

Existem profissionais ligados à área da neuroquímica que defendem a tese de que o problema [crime sexual] é químico devido à quantidade de hormônios masculinos acima do normal no organismo desses ofensores, em especial a testosterona. Há juristas que apregoam o tratamento como uma alternativa voluntária para o condenado. (5) A castração química é um tratamento reversível e utilizado nos Estados Unidos (Texas, Califórnia, Montana), Itália, Portugal, Dinamarca, Suécia, Alemanha, Grã-Bretanha e Polônia.

O Ambulatório de Transtornos de Sexualidade da Faculdade de Medicina do ABC, em Santo André, aplica há anos a contestada injeção de hormônios femininos que diminui o desejo sexual de pedófilos e só é usada quando o paciente solicita e assina um termo de consentimento. (6) O serviço

surgiu em 2003 e atende pacientes com diagnóstico de pedofilia – considerada um distúrbio psiquiátrico. O procedimento envolve a administração de hormônios supressores da testosterona, cujo objetivo é frear o desejo sexual.

A primeira proposta da castração química surgiu nos EUA e seria realizada com a injeção de uma substância que destruiria as válvulas que controlam a entrada e saída do sangue nos corpos cavernosos do órgão sexual masculino, bloqueando sua função erétil. Atualmente, a castração química "melhor aceita" é a realizada com a aplicação do medicamento Depo-Provera (acetato de medroxyprogesterona), que inibe a produção de testosterona.

Pesquisadores e outros defensores da castração exibem estatísticas que apontam: redução da reincidência do crime de 75% para 2% dentre aqueles que foram submetidos ao "tratamento". No Brasil só é permitida a castração química, feita por meio do medicamento acetato de ciproterona, também usado para tratamento de câncer de próstata. A discussão gira em torno de se definir se a castração química é uma pena cruel ou se é somente um tratamento médico, sem maiores gravidades físicas para os pedófilos, que com a medida perderão apenas a libido, com grande possibilidade de não mais voltarem a delinquir, pois sem a vontade sexual não há o porque da realização do doentio ato.

É evidente que a castração química não resolve o problema do crime nem do criminoso, pois existem outros meios para o delinquente praticar o ato, ele usa de outras forças porque o desequilíbrio para o mal está na mente e não nos órgãos sexuais. A aplicação da pena [castração] pune o criminoso, mas não melhora o homem espiritual e pode até conduzi-lo ao estado de revolta e do desejo da vindita. Molestadores têm seu psicológico comprometido além de traços de perversidade; o desejo erótico sai da fantasia e parte para a violência na

prática. O criminoso sexual precisa de tratamento para sua mente destrambelhada através de reeducação sócio-educativa no sistema prisional a fim de que possa ser conduzido de volta ao equilíbrio e à normalidade com o passar do tempo, após o cumprimento da pena pelo crime cometido.

Sendo um desnorteado da alma, e ao mesmo tempo um criminoso, não pode ficar impune. Contudo, precisa de tratamento psíquico e espiritual. Não defendemos a castração química, porque segundo cremos, não passa de um paliativo, embora seja para alguns pior que a pena de morte. Por essas razões, somos favoráveis a um tratamento psiquiátrico associado a um tratamento espiritual.

Sim! Cabe refletir, à luz da Doutrina Espírita, sobre os crimes e sobre a lei. O mandamento maior da lei divina inclui a caridade para com os criminosos, por mais difícil que possa parecer ter este sentimento diante da barbárie. Perante a Lei de Deus somos todos irmãos, por mais que repugne a alguns tal ideia. O criminoso é alguém que ainda não se conscientizou dessa Lei, que não reconhece a paternidade divina e portanto não vê no outro um irmão. Nós, que já temos esses valores, sabemos que ele é, também, um filho de Deus, por enquanto transviado do bem, que precisa do nosso apoio, do nosso amor.

Mas como amar um criminoso, um inimigo da sociedade? Tendo por ele o sentimento descrito por Kardec quando fala do amor aos inimigos: Amar os inimigos não é, portanto, ter-lhes uma afeição que não está na natureza, visto que o contato de um inimigo nos faz bater o coração de modo muito diverso do seu bater, ao contato de um amigo. Amar os inimigos é não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança; é perdoar-lhes, sem pensamento oculto e sem condições, o mal que nos causem; é não opor nenhum obstáculo à reconciliação com eles; é desejar-lhes o bem e não o mal; é experimentar júbilo, em vez de pesar, com o bem que lhes advenha; é socorrê-los, em se apresentando ocasião; é abster-se, quer por

palavras, quer por atos, de tudo o que os possa prejudicar; é, finalmente, retribuir-lhes sempre o mal com o bem, sem a intenção de os humilhar. Quem assim procede, preenche as condições do mandamento: Amai os vossos inimigos.(7)

Referências bibliográficas:

(1) HEIDE, Márcio Pecego. Castração química para autores de crimes sexuais e o caso brasileiro. Jus Navigandi, Teresina, ano 12, n. 1400, 2 maio 2007. Disponível em: . Acesso em: 21 abr. 2011.

(2) Agentes que comentem crimes contra a liberdade sexual, do qual molestadores de crianças ou pedófilos é uma espécie.

(3) A Internet é responsável pelo tema estar na mídia, pois tem se verificado um sem número de ocorrências envolvendo pedófilos, seja uma simples troca de imagens, comércio de filmes com atos sexuais envolvendo crianças, o contato e aliciamento de crianças através das salas de bate-papo, blogs etc.; até mesmo o sequestro e a escravização sexual engendrados com o emprego desse meio.

(4) _______, ______ Pecego. Castração química para autores de crimes sexuais e o caso brasileiro. Jus Navigandi, Teresina, ano 12, n. 1400, 2 maio 2007. Disponível em: . Acesso em: 21 abr. 2011.

(5) Segundo o procurador Alexandre Magno Aguiar, professor de Direito Penal e Processual Penal na Universidade Paulista (Unip) e autor do artigo "O 'direito' do condenado à CASTRAÇÃO química".

(6) Disponível no site Acesso em 29 de junho de 2010.

(7) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo O Espiritismo, Cap. XII, Item 3, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000.

Clemência para com os criminosos

Devemos amar os criminosos, como criaturas de Deus, "às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arrependerem"(1) como também a nós, pelas faltas que cometemos contra sua lei. Não nos cabe dizer de um criminoso: é "um miserável; deve-se expurgar da terra; não é assim que nos compete falar. Que diria Jesus, se visse junto de si um desses desgraçados? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia um doente bem digno de piedade; estender-lhe-ia a mão. Em realidade, não podemos fazer o mesmo; mas, pelo menos, podemos orar por ele."(2)

Infelizmente noticia-se, às vezes, pela mídia em geral, a tortura física e psicológica, nos presídios e penitenciarias, como uma das barbaridades cometidas em nome do Estado e da lei.

Kardec, preocupado com as graves questões sociais, expressou sua inquietude na pergunta 807 do Livro dos Espíritos, sobre o que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais, para, em proveito próprio, oprimir os fracos. "Merecem anátemas!", responderam os luminares do além, que ainda acrescentam: "Ai deles! Serão, a seu turno, oprimidos e renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer os outros".(3)

Se verdadeiras as agressões de agentes de segurança aos presos, e ocorrendo as muitas defecções morais cometidas pelos chamados homens "livres", enchafurdados em seus interesses espúrios, a síndrome da violência inverte a situação de tal forma que os agentes de segurança passam a ser os controlados e vigiados e os encarcerados se mantêm deixados em sua "independência". Os criminosos enclausurados se

fortalecem psicologicamente e passam a perseguir e a assassinar, sem limites, os agentes do estado.

Observamos ondas de ódios e violências sem precedentes. Testemunhamos muitas vezes, pela imprensa, os mais dantescos episódios de combate entre criminosos e policiais.

O sistema carcerário mantém juntos o criminoso reincidente e o primário nas cadeias; os criminosos de periculosidades diversas convivem no mesmo espaço, o que tem contribuído para o acréscimo da violência entre eles e dá acolhimento à revolta, além de dificultar a possível recuperação do indivíduo. Em outras palavras, o preso menos violento, dificilmente será o mesmo após um estágio numa penitenciária.

Nessa estranha panorâmica, percebemos que a brutalidade humana tem esmaecido o caminho para Deus. Destarte, torna-se imprescindível praticarmos o Evangelho nos vários setores do campo social, contribuindo com a parcela de mansidão para pacificá-la. O homem moderno ainda não percebeu que somente a experiência do Evangelho pode estabelecer as bases da concórdia, da fraternidade e constituir os antídotos eficazes para minimizar a violência que ainda avassala a Terra.

Recordemos Jesus e Suas considerações sobre a prática de um sublime código de caridade, ante as questões da vida dos encarcerados: "Senhor, quando foi que te vimos preso e não te assistimos?". Ao que Ele respondera: "Em verdade vos digo - todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo.".(4) Alguém disse certa vez que se abrirmos um ovo choco, sentiremos nojo pelo mau odor exalado por aquela parte viscosa. No entanto, o que nos parece podridão naquela substancia é, apenas, transformação, ou seja, é o berço de uma nova vida que aparecerá, em breve, repetindo na candura e beleza - sempre suaves - do pintinho, que surgirá da intimidade do ovo. Situação idêntica, o homem. Se analisado em seus pendores, parecerá pouco atraente e até repugnante,

quando mergulhado no crime. Se buscarmos um ponto de analogia, percebemos que, de certa maneira, também estamos em processo de gestação no útero da sociedade.

Do mais insignificante ser humano até Deus existe uma corrente na qual nos colocamos como elos inquebrantáveis. Logo, nenhum elo existe que esteja desligado e sem amparo Dele. O que existe é: diferença no volume e na qualidade do amparo. Na verdade, o homem cresce e se expande na medida em que se projeta no coração do semelhante. Assim, a realização de qualquer investimento de solidariedade, ante os presos de menor ou maior periculosidade, se consubstanciará no mais eloquente ato cristão.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Caridade ara com os criminosos, instruções de Elisabeth de France (Havre, 1862), Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000, Cap. 11.

(2) idem.

(3) Kardec, Allan. O Livros dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, perg. 807.

(4) Mt 25:31-46.

Será que os espíritas são pessoas mais "preparadas" e poderiam ingressar na política partidária para secundar mudanças sociais?...

Após ler um certo artigo sobre a necessidade de o espírita ingressar na política", fui instado a contrapor os argumentos lidos que, na minha opinião, não se sustentavam numa análise rápida. Sabemos que nas proximidades dos debates para eleições políticas a discussão "esquenta" sobre o tema se o espírita deve ou não participar da política partidária. Não há a mínima necessidade de espíritas ingressarem forçosamente no campo da política partidária para as proposições de reformulações sociais através de novos conceitos de vida, de convivências e outras relações sociais que possam ser convertidos em hábitos consagrados pela massa para que ulteriormente sejam transformados em leis que regulem a vida em sociedade. Dizer que os espíritas, por serem "as pessoas mais preparadas" para secundar as mudanças sociais em favor de um mundo mais justo e fraterno e que não podem se omitir dessa tarefa é no mínimo presunção e vaidade aguçada ao limite do insuportável.

Pela transformação de comportamento individual, lutando pelo ideal do bem, em nome do Evangelho, os espíritas não estão alheios à Política, enganam-se quem pensa o contrário. Os Espíritas honestos, fieis à família, aos compromissos morais são integralmente cidadãos ativos, que exercem o direito e/ou obrigação (depende do ponto de vista) de votar, porém sem vínculos com as querelas e questiúnculas partidárias.

Há três escrevemos um artigo no site http://jorgehessen.net (vide item 22/2006) lembrando que não há representantes

oficiais do Espiritismo em setor algum da política humana. O trabalhador da casa espírita, seja ele atuante em área mediúnica, doutrinária ou administrativa, sabe, perfeitamente, que centro espírita não é lugar de se fazer campanha política, em qualquer época, sobretudo próximo às eleições. O espírita, definitivamente, não pode confundir as coisas. Se estiver vinculado a alguma agremiação partidária, se deseja concorrer como candidato a cargo eletivo, que o faça bem longe das hostes espíritas, para que tudo que fizer ou disser, dentro da casa espírita, não venha a ter uma conotação de atitude de disfarçada intenção, visando a conquistar os votos de seus confrades.

Há necessidade de distinguir a política terrena, da política do Cristo. Cada situação, na sua dimensão correta. Política partidária, aos políticos pertence, enquanto que religião é atividade para religiosos. O argumento de que os parlamentares se servem, com o pretexto de "defender" os postulados da Doutrina, ou aliciar prestígio Social para as hostes espíritas, ou, ainda, ser uma "luz" entre os legisladores, é argumento falacioso, inverossímil.

A título de tolerância, muitas vezes fechamos os olhos para essas questões, mas a experiência demonstra que, às vezes, é conveniente até fechar um olho, porém, nunca os dois.

Considerando que nosso mundo é a morada da opinião, é normal que tenhamos divergências sobre esse assunto. Inaceitável, porém, tendo em vista a própria orientação da Doutrina Espírita, o clima de imposições que se estabelece, não raro, envolvendo companheiros que confundem veemência com agressividade, ou defesa da verdade com hostilidade.

É inadmissível a utilização da tribuna espírita, como palanque de propaganda política.

O Espiritismo não pactua com irrelevantes e transitórios interesses terrenos. Por isso, não pode alguém se escravizar à procura de favores de parlamentares, a ponto de, este, exercer

infausta influência nos conceitos espíritas. Não tem cabimento, um líder de partido, no púlpito da casa espírita, palestrando e dirigindo o culto místico de uma fé. Por outro lado, também não tem o menor sentido, um espírita nas ruas e nos palanques, implorando votos, qual mendigo, com sofismas e simulação de modéstia, de pobreza, de humildade, de desprendimento, de tolerância, etc., com finalidade demagógica, exaltando suas próprias "virtudes" e suas "obras" beneficentes.

Pode essa advertência se caracterizar num açoite no dorso dos sutis cânticos da sereia, que arrastam alguns desatentos líderes para a militância político-partidária, porém, é um alerta oportuno. OPORTUNÍSSIMO, EU DIRIA!!!

Bom seria se esses "espíritas" (!?), que mendigam votos, optassem por outro credo, para que seja assegurada a não-contaminação desse politiquismo em nossas hostes, até porque, "A RIGOR, NÃO HÁ REPRESENTANTES OFICIAIS DO ESPIRITISMO EM SETOR ALGUM DA POLÍTICA HUMANA". (1)

Nada obsta, repelir as atitudes extremas. Não podemos abrir mão da vigilância exigida pela pureza dos postulados espíritas e não hesitemos, quando a situação se impõe, no alerta sobre a fidelidade que devemos a Jesus e a Kardec. É importante lembrarmos que, nas pequeninas concessões, vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação.

Urge que façamos uma profunda distinção entre Espiritismo e Política. Somos políticos desde que nascemos e vivemos em sociedade, sim, e daí? A Doutrina Espírita não poderá, jamais, ser veículo de especulação das ambições pessoais, nesse campo. Se o mundo gira em função de políticas econômicas, administrativas e sociais, não há como tolerar militância política dentro da religião. Não se sustentam as teses simplistas de que só com a nossa participação efetiva nos processos políticos ao nosso alcance, ajudaremos a melhorar o mundo.

Recordemos que Jesus cogitou muito da melhora da criatura em si. Não nos consta que Ele tivesse aberto qualquer processo

político partidário contra o poder constituído à época. Nossa conduta apolítica não deve ser encarada como conformismo. Pelo contrário, essa atitude é sinônimo de paciência operosa, que trabalha sempre para melhorar as situações e cooperar com aqueles que recebem a responsabilidade da administração de nossos interesses públicos. "Em nada nos adianta dilapidar o trabalho de um homem público, quando nosso dever é prestigiá-lo e respeitá-lo tanto quanto possível e também colaborar com ele, para que a missão dele seja cumprida. Porque é sempre muito fácil subverter as situações e estabelecer críticas violentas, ou não, em torno das pessoas. (...) Não que estejamos batendo palmas para esse ou aquele, mas porque devemos reverenciar o princípio da autoridade".(2)

Estamos investidos de compromisso mais imediato, ao invés de mergulharmos no mundo da política saturada, por equívocos lamentáveis. Por isso, não devemos buscar uma posição de destaque, para nós mesmos, nas administrações transitórias da Terra. Se formos convocados pelas circunstâncias, devemos aceitá-la, não por honra da Doutrina que professamos, mas como experiência complexa, onde todo sucesso é sempre muito difícil. "O espiritista sincero deve compreender que a iluminação de uma consciência é como se fora a iluminação de um mundo, salientando-se que a tarefa do Evangelho, junto das almas encarnadas na Terra, é a mais importante de todas, visto constituir uma realização definitiva e real. A missão da doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida. Trocá-la por um lugar no banquete dos Estados é inverter o valor dos ensinos, porque todas as organizações humanas são passageiras em face da necessidade de renovação de todas as fórmulas do homem na lei do progresso universal."(3)

O Espiritismo traz-nos uma nova ordem religiosa, que precisa ser preservada. Nela, o Cristo desponta como excelso e generoso condutor de corações e o Evangelho brilha como o

Sol na sua grandeza mágica. Uma doutrina que cresceu assustadoramente nos últimos lustros, em suas hostes surgiram bons líderes ao mesmo tempo em que, também, apareceram imprudentes inovadores, pregando essas ideias de militância política.

Se abraçamos o Espiritismo, por ideal cristão, não podemos negar-lhe fidelidade. O legado da tolerância não se consubstancia na omissão da advertência verbal diante das enxertias conceituais e práticas anômalas, que alguns companheiros intentam impor no seio do Movimento Espírita. Mantenhamos o espírito de paz, preservando os objetivos abraçados e, se houver necessidade de selar nosso compromisso com testemunho, não titubeemos e não nos omitamos, jamais.

Referências bibliográficas:

(1) VIEIRA, Valdo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de janeiro: FEB, 2001, Cap. 10.

(2) Xavier, Francisco Cândido. Entender Conversando, ditada pelo Espírito Emmanuel, São Paulo: Ed. IDE, 3 ª edição, 1984.

(3) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1984, pergunta 60.

Beber alcoólicos é um flagelo social

Se analisarmos atentamente os flagelos da sociedade, na base dos "homicídios", quase sempre estão ocorrências atreladas ao consumo de álcool. Os tribunais estão abarrotados de processos em face dos delitos oriundos do consumo de alcoólicos. As penitenciárias estão superlotadas por questões vinculadas ao consumo de bebidas alcoólicas. Muitas famílias estão aniquiladas, desestruturadas por causa dos alcoólicos de vários arranjos (destilados ou fermentados), a saber, tequila, vodca, rum, cachaça, gim, cerveja, vinho.

Os alcoólicos não matam a sede, não aquecem no frio, não relaxam músculos. Revoguemos esses e outros mitos de que os alcoólicos podem ser bebidos com moderação – isso quase sempre não é verdade. Sob o escudo das desculpas esfarrapadas, um espantoso número de pessoas tem absolvido a devassidão do consumo de bebidas alcoólicas em suas práticas usuais. Muitos são os paranóicos de plantão que se abeiram da insensatez para afiançar que até mesmo o Cristo bebeu vinho. Nada mais hediondo que essa forma leviana de rebaixar o Mestre até as alamedas de imoralidade e morbidez em que estagiam os viciados.

Beber é histórica e culturalmente considerado um hábito social "inofensivo", um prazer, uma curtição. Tudo muito irônico, até no escárnio das piadas sobre os bêbados. A rigor, o alcoolismo é uma enfermidade grave e crônica que, como qualquer dependência, não tem cura, porém tem tratamento. Desde 2003, os cientistas já afirmavam ter descoberto um gene importante para a explicação dos inúmeros efeitos do álcool no cérebro, e esperavam poder produzir um medicamento que

desativasse alguns dos efeitos de prazer ligados à ingestão do álcool, e talvez tentar combater o alcoolismo com remédio. Não deu certo!

O vício, seja revestido de que caráter for, e onde for e por quem for cometido, nunca deixará de ser um ato nefasto, carecendo ser eliminado a fim de que se reerga o sujeito a ele jugulado, para conseguir seus apropriados caminhos de renovação e exultação.

Nessas vias em que o vício se oferece como coisa admitida, existem os que fazem questão de se despontar impassíveis a quaisquer advertências do bom senso, sinalizando com o livre-arbítrio, enquanto outros perpetram deboches dos que pregam virtudes, provocando-os com a ridícula exposição de suas moléstias, tão logo acabam de ouvir ou de ler qualquer admoestação ponderada.

Ingerir alcoólicos apenas para manter companhias sociais, ou para que tragam excitações artificiais para a desinibição ou para o que for, poderá denotar longo período de destrambelhamento e de agonias nos imperiosos desagravos do corpo e da mente, em função dessas autodestruições que se vão perpetrando à sombra de muitas falácias que encachaçam os ouvidos com citações de efeito, bem arranjadas, mas que não impetram apaziguar a consciência, onde agitam as Sublimes Leis.

Num contexto social permissivo, o vício da ingestão de alcoólicos torna-se expressão de "status", atestando a decadência de um período histórico que passa lento e doído. Vale ressaltar que ao reencarnarmos trazemos conosco os remanescentes de nossas faltas como raízes congênitas dos males que nós mesmos plantamos. O Espiritismo também relata e adverte sobre a influência espiritual oculta, ou seja, o meio espiritual que respiramos pode contribuir para o surgimento de um determinado vício. O viciado em álcool quase sempre tem a seu lado entidades inferiores que o induzem à bebida, nele

exercendo grande domínio e dele usufruindo as mesmas sensações etílicas.

Há o mito de que a nefasta maconha leva os jovens a outras drogas. Mas é o álcool que faz esse papel. E a própria família incentiva o consumo. O "álcool gera uma doença de longa evolução (dez anos em média) e o abuso entre jovens os leva a drogas maiores – uma delas é o ecstasy, encontrado em dois tipos de pastilha: a MAP (meta-anfetamina) e a MDMA (metil-dietil-MA), esta com propriedades alucinógenas. O adolescente se expõe hoje muito mais ao álcool. Está se formando uma geração de dependência de álcool. Além dos riscos à saúde, há os perigos de dirigir embriagado, da violência e de traumatismos decorrentes do abuso de álcool.

Sabemos que tudo se inicia no primeiro gole. Depois vem a necessidade do segundo, do terceiro e o alcoolismo se instala em nossas vidas. A sede, o sabor, a oportunidade social, as comemorações, a obrigatoriedade em aceitar um drinque oferecido por um "amigo", são as muitas desculpas nas quais nos apoiamos para ingerir as doses que, mais tarde, serão letais. Precisamos estar atentos para não cometer exageros, abusos, e não resvalar por esse "hábito social", que pode terminar por nos condicionar a ele e nos transformar num trapo de gente, num farrapo humano. Ressalte-se que os limites entre o uso "social" e a dependência nem sempre são claros. Allan Kardec indagou à Espiritualidade se o homem poderia, pelos seus próprios esforços, vencer suas inclinações más. Os Espíritos, de maneira objetiva, responderam afirmativamente, explicando que o que falta nos homens [sobretudo nos viciados] é a força de vontade e a legítima fé em Deus.